



PAULO HENRIQUE YAMAWAKE

CARÁTER E ANTROPOLOGIA EM MAX HORKHEIMER

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Campinas
Março / 2015



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Filosofia

PAULO HENRIQUE YAMAWAKE

CARÁTER E ANTROPOLOGIA EM MAX HORKHEIMER

Orientador: Prof. Dr. Marcos Severino Nobre

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
para obtenção do título de Mestre em
Filosofia

Este exemplar corresponde à versão final da
dissertação, defendida pelo aluno Paulo Henrique
Yamawake, orientada pelo Prof. Dr. Marcos Severino
Nobre, e aprovada no dia 18/03/2015

Campinas
Março / 2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Y148c Yamawake, Paulo, 1987-
Caráter e antropologia em Max Horkheimer / Paulo Henrique Yamawake. –
Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Marcos Severino Nobre.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Horkheimer, Max, 1895-1973. 2. Teoria crítica. 3. Psicanálise. 4. Caráter.
5. Antropologia filosófica. I. Nobre, Marcos, 1964-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Character and Anthropology in Max Horkheimer

Palavras-chave em inglês:

Critical theory

Psychoanalysis

Character

Philosophical anthropology

Área de concentração: Filosofia

Titulação: Mestre em Filosofia

Banca examinadora:

Marcos Severino Nobre [Orientador]

Ricardo Ribeiro Terra

Inara Luisa Marin

Data de defesa: 18-03-2015

Programa de Pós-Graduação: Filosofia



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em dezoito de março de 2015, considerou o candidato PAULO HENRIQUE YAMAWAKE aprovado.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Prof. Dr. Marcos Severino Nobre

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Marcos Nobre", is written over a horizontal line.

Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Terra

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Ricardo Ribeiro Terra", is written over a horizontal line.

Profa. Dra. Inara Luisa Marin

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Inara Luisa Marin", is written over a horizontal line.

RESUMO

Na década de 1930, Max Horkheimer (1895-1973), como diretor do *Institut für Sozialforschung* de Frankfurt, organiza um programa coletivo interdisciplinar sobre fundamentos materialistas, no sentido empregado por Marx. Dentre as disciplinas, é notável o papel que Horkheimer dá à psicanálise para a investigação de fenômenos como a ideologia, as transformações sociais e seus bloqueios, bem como a ascensão do nazismo. Reunindo esforços da história, da teoria social e da psicanálise, Horkheimer elabora, no texto “Egoísmo e Movimento de Libertação” (1936), um diagnóstico de tempo baseado na *antropologia da época burguesa*, que revela qual a “essência” histórica do ser humano produzida pelo capitalismo. Esta pesquisa investiga como Horkheimer realiza esse diagnóstico e como ele fundamenta sua antropologia filosófica. Mas se o materialismo o impede de recorrer a noções idealistas como a de “natureza humana”, Horkheimer busca, em conjunto com Erich Fromm (1900-1980), um fundamento para sua antropologia em um conjunto de conceitos da psicanálise que permita abrigar as transformações históricas. A hipótese apresentada pela pesquisa é a de que Horkheimer encontra no conceito de *caráter* a chave para compreender os traços de comportamento sobre uma perspectiva materialista. Em suma, é este conceito que permite observar a influência da economia na formação da estrutura psíquica individual e que permitirá diagnosticar o caráter típico da época burguesa: um caráter cruel, que exerce violência contra o próprio indivíduo e contra o outro, o que resulta em obediência à autoridade e em ódio contra o estranho (*Fremd*). Em termos psicanalíticos, é um caráter sadomasoquista, que interioriza a autoridade externa, fortalece o super-Eu, impedindo um desenvolvimento autônomo do Eu.

PALAVRAS-CHAVE: Horkheimer, Max (1895-1973); Teoria Crítica; Antropologia filosófica; Caráter.

ABSTRACT

In the 1930s, Max Horkheimer (1895-1973), as director of *Institut für Sozialforschung* of Frankfurt, organizes a collective interdisciplinary program of research on materialist foundations, in the Marx's sense. Among the disciplines it is notable the role that Horkheimer gives to psychoanalysis in order to investigate phenomena such as the ideology, the social transformations and its obstacles, as well as the rise of Nazism. By gathering scientific efforts from history, social theory and psychoanalysis, Horkheimer formulates in the essay "Egoism and Freedom Movements" (1936) his time diagnosis based on the concept of *anthropology of bourgeois era* that reveals the historical "essence" of human being produced by capitalism. In this research we investigate how Horkheimer carries this diagnosis out and how he grounds his philosophical anthropology. If materialism prevents Horkheimer to call on idealistic notions such as "human nature", then he searches in collaboration with Erich Fromm (1900-1980) a basis for his anthropology in the Freudian psychoanalytical concepts. Our research presents the hypothesis that Horkheimer finds in the concept of *character* the key to understand the human traits in a materialistic sense. In short, the character allows understanding how the economic processes influence the formation of individual psychic structure. Furthermore, it allows seeing the typical character of the bourgeois era: the individual has a cruel character that uses violence against itself and against the other, which results historically in the obedience to authority and hatred against the strange (*Fremd*). In psychoanalytical terms, it is a sadomasochist character that internalizes the external authority, strengthens the superego, and precludes an autonomous development of the ego.

KEYWORDS: Horkheimer, Max (1895-1973); Critical Theory; Philosophical Anthropology; Character.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a todos da minha família que, mesmo sem entender muito bem o que é essa coisa de graduação em filosofia, me apoiaram incondicionalmente, cada um a sua maneira. Aos Oshiro, agradeço especialmente à minha mãe, Sonia, e à minha avó, Leiko, que sempre estiveram ao meu lado. Aos Yamawake – ou Yamawaka, ou Yamawaki, tanto faz –, agradeço especialmente ao meu pai, Paulo, às minhas irmãs, Julia e Laura, e aos meus avós, Seu Teiji e Dona Teresa.

Agradeço ao Prof. Marcos Nobre pela orientação e pelas leituras pacientes e atenciosas, mas não menos críticas, rigorosas e exigentes, sem as quais este trabalho não seria possível. Não posso deixar de agradecer ao Marcos pela confiança depositada ao dizer numa das reuniões que “ir adiante pelo caráter pode dar super certo”.

A todos do Grupo de Estudos em Teoria Crítica da Unicamp: Adriano Januário, Divino Amaral, Fernando Bee, Gabi Maia, Mari Torres Teixeira, Maria Érbia, Olavo Ximenes, Raphael Concli, Ricardo Lira. É realmente um privilégio ter em seu ambiente de estudos não apenas competentes e atenciosos colegas, mas também grandes amigos.

Agradeço aos amigos que ajudaram a suportar as dificuldades da academia, bem como contribuíram, direta ou indiretamente, na pesquisa em si. Aos que fiz na Unicamp, André Harry, Bia Davanço, Briccio Urbaneja, Caio Pedrosa, Eugênio Gonçalves, Felipe Vegan, Gustavo Caconde e Vinícius Andrade, pela convivência diária que tornou a vivência em Campinas muito mais agradável. À Norma Wucherpfennig, a quem devo tudo o que aprendi a respeito da língua alemã. Aos sorocabanos, Alison Ishii, Bruno Ferrari, Caio Laçador, Éder Ricardo, Fábio Carca, Gnomo Strapasson, Gustavo Poli, Ivan Bacana, Ricardo Japa, Tito Camargo, pela pirraça e pela amizade duradoura. E também não posso deixar de dar meus sinceros agradecimentos a Bruno Kalach, Cláudia Souza, Dona Júlia, Flávia Mello, Isa Rebello, Lucas Guariglia, Mário Melo Juste Dini, Maurício Caetano,

Paulo Chumo, Pedro Norris, Tati Plens, Thaís Lima e Yasmin Lucita que talvez desconheçam ou subestimem o apoio e as novas reflexões a que me levaram.

Aos membros da banca de qualificação e da banca da defesa do mestrado, Inara Marin e Ricardo Terra, pelas provocações e sugestões que certamente enriqueceram a pesquisa. Um agradecimento especial à Inara por toda paciente e esclarecedora nos meus primeiros passos no difícil terreno da psicanálise.

Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro, sem o qual essa pesquisa seria impossível.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unicamp pela estrutura dada para a pesquisa. Em especial, agradeço à Maria Rita por toda a paciência em me explicar pacientemente as burocracias da vida acadêmica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
MAX HORKHEIMER E OS FUNDAMENTOS DO MATERIALISMO INTERDISCIPLINAR	7
I.	14
II.....	24
A CARACTEROLOGIA DE FROMM E O FUNDAMENTO MATERIALISTA DA ESTRUTURA PULSIONAL... 37	
I.	42
II.....	53
A “ESSÊNCIA” HUMANA NO CAPITALISMO: O CARÁTER NA ANTROPOLOGIA DA ÉPOCA BURGUESA. 65	
I.	69
II.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
BIBLIOGRAFIA.....	101

INTRODUÇÃO

No fim da década de 1920 e no início dos 1930, Max Horkheimer estabelece no núcleo do *Institut für Sozialforschung* uma importante e frutífera colaboração intelectual, empenhada em repensar a filosofia social, a pesquisa empírica e a interdisciplinaridade. Como os mais importantes frutos desta colaboração, destacam-se a criação de uma fundamentação teórica comum para as pesquisas no *Institut*, a saber, o modelo crítico¹ do *materialismo interdisciplinar* e, como resultado disso, a publicação dos volumes da *Zeitschrift für Sozialforschung* (1932-1941) e a publicação conjunta dos *Estudos sobre Autoridade e Família* (1936), por Horkheimer, Erich Fromm e Herbert Marcuse. Contudo, de meados dos anos 1930 em diante, Horkheimer, posto diante de um novo diagnóstico de época, passa a considerar que os fundamentos do materialismo interdisciplinar não são mais suficientes para uma exercer a crítica. A partir dos anos 1940, a investigação passa a ter

¹ Sobre a ideia de *modelo crítico*, que ajuda a compreender o desenvolvimento teórico, as mudanças conceituais e a pluralidade da Teoria Crítica, cf. NOBRE (2004) *A Teoria Crítica*, pp. 18-27.

como centro não mais a dinâmica econômica, mas a lógica da racionalidade instrumental como mediadora da relação entre o homem e a natureza – modelo crítico chamado posteriormente de *crítica da razão instrumental*. Esta reflexão sobre a razão encontra-se, sobretudo, nos livros *Eclipse da Razão* (1947) e *Dialética do Esclarecimento* (1947)².

Mas o auge da produção teórica de Horkheimer na década de 1930 está nos anos de 1936 e 1937. Em 1936, publica na *Zeitschrift* o que vem a ser, de acordo com ele mesmo, seu principal escrito³, “Egoísmo e Movimento de Libertação: Para a Antropologia da Época Burguesa”, além dos *Estudos sobre Autoridade e Família*, livro que compila os resultados de pesquisas sociais empíricas patrocinadas pelo *Institut*. Em 1937, Horkheimer publica “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, texto que, no interior da Teoria Crítica, dispensa quaisquer comentários sobre sua importância, em conjunto com “Filosofia e Teoria Crítica”, que complementa as reflexões do texto anterior. Poderíamos dizer, numa divisão que se pretende meramente analítica, e talvez injusta, que em 1936 Horkheimer se concentra mais no “conteúdo” de sua teoria, em produzir um novo terreno teórico para a reflexão sobre a essência histórica do ser humano, se utilizando de categorias psicanalíticas para realizar um diagnóstico de época, enquanto em 1937 a ênfase é dada à “forma” da teoria, de modo que reflete sobre como o materialismo interdisciplinar levado pelo *Institut* se distingue tanto de uma forma tradicional de fazer teoria, quanto de um marxismo partidário e determinista. A injustiça desta divisão vem do fato de que em 1936 Horkheimer não deixa de debater a “forma” da teoria crítica em relação ao idealismo da filosofia burguesa, assim como em 1937 não deixa de fazer diagnóstico de época – ano em que, aliás, começa a observar algumas mudanças decisivas para o diagnóstico. Se for possível avaliar a obra de Horkheimer em termos como “forma” e “conteúdo”, teríamos que dizer que se trata de uma relação interdependente, de maneira que não podem ser rigidamente separadas. Sem diminuir a importância dos textos de 1937, ou mesmo dos posteriores ao

² Há uma ampla bibliografia sobre o *Institut für Sozialforschung* e o panorama histórico de seus desenvolvimentos teóricos. Em nossa pesquisa, utilizaremos como referências principais para a compreensão do *Institut* o pioneiro de JAY (2008) *A Imaginação Dialética* e o de WIGGERSHAUS (2002) *A Escola de Frankfurt*. Sobre a relação de Horkheimer com o *Institut*, é central para nossa pesquisa o livro de ABROMEIT (2011) *Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School*.

³ Cf. ABROMEIT, J. (2011) *Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School*, p. 261.

modelo crítico dos anos 1930, o foco de nossa pesquisa está no ano de 1936, de modo que não avançaremos com mais detalhes para a obra posterior de Horkheimer.

O objetivo desta pesquisa é observar como Horkheimer, tanto em “Egoísmo e Movimento de Libertação” como nos *Estudos sobre Autoridade e Família*, se utiliza do conceito psicanalítico de *caráter* para compreender a cultura e a ideologia da época burguesa, sendo aspecto central para o seu diagnóstico. Mais especificamente, observaremos a apropriação que Horkheimer faz da psicanálise para elaborar uma teoria social de teor materialista. O resultado disso é uma *antropologia filosófica*, mas que não recorre a concepções idealistas como a de “essência humana”, “natureza humana” ou quaisquer noções deste tipo. Trata-se, de outro modo, de uma antropologia filosófica materialista, que observa o fundamento dos traços humanos ancorado na história, como produto de um conjunto de fatores sociais, econômicos, psicológicos e culturais. Neste ponto é que o conceito de caráter nos parece central: nossa hipótese é a de que é o conceito caráter que permite a Horkheimer elaborar uma antropologia que evite naturalizações idealistas, organizando organizar os conceitos da psicanálise dentro do quadro conceitual materialista. O conceito de caráter, então, faria a mediação entre teoria social e psicanálise, permitindo observar de maneira histórica as observações da psicanálise.

Mas Horkheimer não realizou esta empreitada sozinho. É importante ressaltar a importância que Fromm teve no modo como Horkheimer se apropria da psicanálise. A “Parte Sociopsicológica” dos *Estudos sobre Autoridade e Família* escrita por Fromm⁴ contribui para dar mais densidade psicanalítica, ao descrever especificamente no vocabulário psicanalítico como a dinâmica pulsional reage aos condicionamentos históricos externos dados pelo sistema econômico e pelas instituições morais e culturais. O diagnóstico dos autores será o de que o caráter típico da época burguesa é o caráter autoritário, oriundo de uma estrutura pulsional sadomasoquista: o livre mercado do

⁴ A parte teórica dos *Estudos sobre Autoridade e Família* é constituída de três partes: a “Parte Geral” de Horkheimer, a “Parte Sociopsicológica” de Fromm, e a “Parte da História das Ideias” de Marcuse. Especificamente para o tema desta pesquisa, a parte de Marcuse tem menor importância. Há tradução em inglês para esta parte, lançada em livro a parte sob o título de *A Study on Authority*: cf. MARCUSE, H. (2008). *A Study on Authority*. London: Verso.

capitalismo em conjunto com as instituições morais e familiares produzem condições que formam traços de caráter ao mesmo tempo obedientes e cruéis⁵.

No entanto, se não observarmos nesta pesquisa os escritos que são posteriores a 1936, investigaremos os anteriores, com o intuito de observar o caminho teórico que Horkheimer percorre até chegar ao conceito de antropologia em um sentido materialista. O primeiro capítulo abordará as pretensões teóricas de Horkheimer e o programa que dá norte para o *Institut* nos anos 1930: o chamado materialismo interdisciplinar. Esta etapa tomará como textos centrais “A Presente Situação da Filosofia Social e as Tarefas de um Instituto de Pesquisa Social” (1931), “Observações sobre Ciência e Crise” (1932), “História e Psicologia” (1932), “Materialismo e Metafísica” (1933), “Materialismo e Moral” (1933) e “Sobre o Problema da Verdade” (1935). Esses textos, de maneira geral, tratam do posicionamento teórico que Horkheimer toma frente ao que chama de “carência” da filosofia social, a saber, a perplexidade em que a filosofia se encontra diante da impossibilidade de estabelecer princípios universais por trás da realidade social – enfim, incapaz de descobrir a verdade quando o objeto de estudo é a vida cultural das sociedades⁶. Horkheimer analisa que as saídas idealistas e positivistas foram reação a essa impossibilidade: entretanto, recorre a outra saída, diversa de ambas, a saber, o materialismo. O fundamento teórico materialista permitirá a Horkheimer basear pelo menos quatro aspectos em seu fazer teórico: a autoconsciência histórica da teoria, a fundamentação na economia, a orientação para a uma sociedade emancipada e a colaboração interdisciplinar.

Para aprofundar a sua investigação, Horkheimer recorre a um trabalho conjunto entre várias disciplinas, mas, em especial, a psicologia, à qual Horkheimer dedicou maiores

⁵ No início dos anos 1930, Fromm estabelece parceria com Horkheimer, que durará até 1939. Fromm passará a adotar um novo fundamento para sua psicanálise, o que será duramente criticado pelos membros do *Institut*, como Adorno, Marcuse e o próprio Horkheimer. De fato, sua obra é muito mais produtiva após a década de 1940. Por isso, encontramos alguma dificuldade em coletar material a respeito da obra de Fromm, observando especificamente seus textos da década de 1930. A pouca recepção de sua primeira obra parece ser mostrada no fato de que tanto as partes de Horkheimer e a de Marcuse dos *Estudos sobre Autoridade e Família* possuem traduções para o inglês e para o português, enquanto o texto de Fromm só pudemos consultar no alemão.

⁶ Cf. HORKHEIMER, M. (1999). “A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Sociais”, in: *Revista Praga* n. 7. São Paulo: Hucitec, p. 127.

reflexões. Em “História e Psicologia”, Horkheimer sugere que, para a psicologia inserida sob a ótica materialista, “o mais importante numa análise de determinada época histórica é conhecer as forças e disposições psíquicas, o caráter e capacidade de mudança dos membros dos diversos grupos sociais”⁷. Este trecho destaca uma primeira formulação que Horkheimer faz do conceito de caráter, que possui aqui apenas uma aproximação inicial e ganhará importância central em 1936 nos seus estudos sobre a antropologia da época burguesa e nos *Estudos sobre Autoridade e Família*. De qualquer maneira, mostraremos como os textos de Horkheimer entre 1931 e 1933, além de fornecer os fundamentos do quadro teórico do materialismo interdisciplinar, já indicam uma primeira aproximação de Horkheimer com a psicologia através do conceito de caráter.

Esta primeira aproximação se dá por conta de seu intenso relacionamento com Erich Fromm no início dos anos 1930. Por isso, antes de entrar nos textos que Horkheimer publica em 1936, onde terá uma formulação mais acabada do conceito de caráter numa articulação mais complexa com o conceito de antropologia, o segundo capítulo abordará os escritos de Fromm publicados na *Zeitschrift für Sozialforschung*. Este período corresponde àquele em que Fromm ainda não rompera com Horkheimer e outros membros do *Institut*. Os textos estudados nesta etapa serão, “Método e Tarefa de uma Psicologia Social Analítica” (1932), e “Caracterologia Psicanalítica e sua Relevância para a Psicologia Social” (1932). Nestes textos, Fromm fundamenta e reforça a importância da psicanálise para a pesquisa materialista, colocando o conceito de caráter como centro para a mediação entre a psicanálise e a sociedade. Na mesma esteira que Horkheimer, a formulação de Fromm coloca a psicologia social como disciplina fundamental para compreender a ideologia e as decorrências do vínculo entre economia e cultura. A vantagem aqui é que Fromm dialoga diretamente com a teoria de Freud, de modo que é possível observar mais de perto a apropriação materialista da psicanálise.

Enfim, o último capítulo abordaria a concepção de antropologia que Horkheimer elabora em meados dos anos 1930. Os textos centrais estudados seriam “Notas sobre Antropologia Filosófica” (1935) e “Egoísmo e Movimento de Libertação: para a Antropologia da Época Burguesa” (1936), além dos textos que abordam a parte teórica dos

⁷ Cf. HORKHEIMER, M. (2008). “História e Psicologia” in: *Teoria Crítica I*. São Paulo: Perspectiva, p. 21.

Estudos sobre Autoridade e Família – sobretudo a “Parte Geral” de Horkheimer e a “Parte Sociopsicológica” de Fromm. Neste capítulo, espera-se, chegaríamos com o terreno preparado para expor o tema central da dissertação, a saber, a concepção de antropologia formulada por Horkheimer. Nosso argumento é o de que, para Horkheimer, uma *antropologia da época burguesa* pode contribuir para formular um diagnóstico de tempo que não se limite apenas à compreensão da situação econômica atual, ainda que esta seja o centro do diagnóstico, mas que também se aprofunde na compreensão nas decorrências ideológicas e culturais que surgem a partir da economia. Em vez de buscar um conceito universal de homem, a antropologia da época burguesa procura investigar como as mudanças econômicas da burguesia transformam a estrutura pulsional dos indivíduos que leva à formação do caráter burguês, ou do caráter autoritário, sadomasoquista, típico da burguesia. Ou seja, é a psicologia e o conceito de caráter, fundamentadas pelo materialismo, que permitem compreender a “segunda natureza” dos indivíduos na época burguesa.

MAX HORKHEIMER E OS FUNDAMENTOS DO MATERIALISMO INTERDISCIPLINAR

Entre apropriações e críticas, atualizações e ensaios introdutórios, há uma extensa bibliografia sobre o *materialismo interdisciplinar*, modelo crítico elaborado por Horkheimer na década de 1930¹. Neste rol de publicações, encontram-se tanto textos que enfatizam a importância de Horkheimer em sua concepção e organização no *Institut für Sozialforschung* da Universidade de Frankfurt, quanto os que enfatizam os pesquisadores

¹ Destacamos aqui a biografia intelectual de Horkheimer feita por John ABROMEIT, que destaca o período do materialismo interdisciplinar, (2011) *Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School*; a biografia do *Institut* que abrange o período feita por Martin JAY (2008) *A Imaginação Dialética*; as teses de Jürgen HABERMAS (1986). “Drei Thesen zur Wirkungsgeschichte der Frankfurter Schule”; a crítica de Axel HONNETH sobre o déficit sociológico da primeira geração da Teoria Crítica em (1991) *Critique of Power*; o importante livro de Helmut DUBIEL (1985) *Theory and Politics: Studies in the Development of Critical Theory*; os livros de David HELD (1980) *Introduction to Critical Theory* e de Douglas KELLNER (1989) *Critical Theory, Marxism and Modernity*. Além da coletânea de comentários à obra de Horkheimer encontrada em BENHABIB, Seyla; BONB, Wolfgang; MCCOLE, John (orgs.) (1993). *On Max Horkheimer: New Perspectives*.

colaboradores e as publicações na *Zeitschrift für Sozialforschung*, periódico do *Institut*. O texto ao qual se atribui maior importância para compreender o materialismo interdisciplinar é “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” (1937), pois trata-se do texto em que a expressão Teoria Crítica foi pela primeira vez utilizada – embora Horkheimer observe que a origem conceitual da Teoria Crítica está em Karl Marx². Filiando-se ao modo de fazer teoria de Marx, mas não dos marxistas da primeira metade do século XX, Horkheimer observa no texto quais são os limites e potencialidades das disciplinas científicas e da filosofia em voga na época, a teoria tradicional, e as submete a uma autorreflexão. Antes de observar os desenvolvimentos teóricos de Horkheimer no início dos anos 1930, destacaremos aqui, de maneira breve, quatro pontos que Horkheimer levanta para fundamentar sua Teoria Crítica no texto “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”: a autoconsciência histórica da teoria, a fundamentação na economia, a orientação para a uma sociedade emancipada e a colaboração interdisciplinar. Depois, ao longo do capítulo, voltaremos ao início dos 1930 para observar como Horkheimer erige esses pontos no início dos 1930, fundamentando seu materialismo interdisciplinar.

Começemos por uma brevíssima caracterização da teoria tradicional. Horkheimer explica que o método da teoria tradicional é inaugurado por Descartes. A partir de Descartes, o modelo a ser seguido pelas ciências modernas é aquele colocado pela matemática: “A dedução tal como é usual na matemática deve ser estendida à totalidade das ciências. A ordem do mundo abre-se para uma conexão de deduções intelectuais”³. Não só a ciência, mas também a filosofia devem seguir o modelo de dedução matemática para investigar os fenômenos. A ideia é a de compreender e elaborar princípios racionalmente fundamentados a partir dos quais a natureza pode ser compreendida. E quanto maior o número de fenômenos que um princípio pode explicar, tanto mais a teoria garante a sua validade: “Quanto menor for o número dos princípios mais elevados, em relação às conclusões, tanto mais perfeita será a teoria”⁴. A universalidade é a meta da teoria tradicional. A busca por princípios universais a partir dos quais a realidade pode ser

² “Em meu ensaio “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” aponte a diferença entre dois métodos gnosiológicos. Um foi fundamentado no *Discours de la Méthode*, cujo jubileu de publicação se comemorou neste ano, e o outro, na crítica da economia política” (“Filosofia e Teoria Crítica”, p. 163).

³ “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, p. 126.

⁴ “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, p. 125.

compreendida é o que, de modo geral, norteia a teoria tradicional. O fundamento na razão e a pretensão de neutralidade, típicos da teoria tradicional foram importantes para romper com o conhecimento fundado na tradição e no dogmatismo. Mas a teoria tradicional observa esses fundamentos como uma espécie de vantagem epistemológica em relação ao dogmatismo: trata-se de princípios mais abrangentes e que podem compreender os fenômenos de modo mais abrangente e independente.

Horkheimer reconhece a importância histórica da teoria tradicional. Só que o seu surgimento e suas consequências práticas não são apenas resultados de uma espécie de “vantagem epistemológica”, mas são, sobretudo, históricas. Segundo Horkheimer, “tanto a fecundidade de nexos efetivos recém-descobertos para a modificação da forma do conhecimento existente, como a aplicação deste conhecimento aos fatos são determinações que não têm origem em elementos puramente lógicos ou metodológicos, mas só podem ser compreendidos em conexão com os processos sociais reais”⁵. Ou seja, a teoria tradicional pensa as modificações teóricas como se fossem apenas questões internas às ciências, descoladas do processo social: a explicação para a mudança científica se daria mais termos de “gênio e acaso do que nas relações sociais”⁶. Assim, não é por acaso que Descartes escreve após a decadência da sociedade feudal e o surgimento do capitalismo, mas seu pensamento está relacionado com a situação histórica em que vive: sua teoria expressa o limiar de uma nova sociedade – o que Horkheimer chamará de época burguesa.

A intenção de Horkheimer é a de submeter o trabalho teórico tradicional, burguês, a observar seu próprio condicionamento histórico e econômico, isto é, a reconhecer que o seu desenvolvimento não se dá de maneira autônoma – como a de um movimento do espírito, de um pensar independente –, mas está fundamentalmente vinculado com os processos históricos em que está inserido. O que significa que tanto o mundo enquanto objeto do conhecimento, quanto os métodos para compreendê-lo são condicionados historicamente e são ambos resultado da atividade humana histórica. Se a teoria de fato abrigar a historicidade dos conceitos e de fato se observar como ancorada na

⁵ “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, p. 129.

⁶ “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, p. 130.

realidade social não poderá extrair algum princípio universal, imune às transformações históricas, para compreender a história.

O mesmo mundo que, para o indivíduo, é algo em si existente e que tem que captar e tomar em consideração é, por outro lado, na figura que existe e se mantém, produto da práxis social geral. O que percebemos no nosso meio ambiente, as cidades, povoados, campos e bosques trazem em si a marca do trabalho. Os homens não são apenas um resultado da história em sua indumentária e apresentação, em sua figura e seu modo de sentir, mas também a maneira como veem e ouvem é inseparável do processo de vida social tal como este se desenvolveu através dos séculos. Os fatos que os sentidos nos fornecem são pré-formados de modo duplo: pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter histórico do órgão perceptivo. Nem um nem outro são meramente naturais, mas enformados pela atividade humana⁷.

Com efeito, Horkheimer, tal como Marx, parte do fato de que os homens são “produtores de todas as suas formas históricas de vida”⁸ e que a própria maneira de produzir suas formas de vida já está condicionada. O primeiro passo, então, para exercer a crítica sobre o fazer teórico é reconhecê-lo como produto histórico, isto é, como parte de uma dada configuração histórica e que responde a alguma forma social. Um conhecimento crítico, portanto, deve ter em seu próprio método um aspecto histórico fundamental, e observar o cerne do momento histórico em que ele é produzido para compreendê-lo: trata-se de ter em mente um diagnóstico de época que norteie a teoria. No caso da pesquisa dos anos 1930 no *Institut*, o aspecto central para o diagnóstico, mais uma vez herdando a teoria de Marx, é a economia capitalista: a Teoria Crítica “começa com a caracterização de uma economia baseada na troca, pois se ocupa com a época atual”⁹.

Mas elaborar diagnósticos de época e compreender o capitalismo não é exclusividade da teoria crítica. A teoria tradicional também produz material para compreender a dinâmica econômica, como propõe a teoria crítica. Só que a teoria crítica, e isso é importante ressaltar, não pretende somente um arcabouço teórico mais sofisticado para uma descrição mais acurada dos fenômenos sociais. Não se trata de encontrar uma

⁷ “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, p. 133.

⁸ “Filosofia e Teoria Crítica”, p. 163.

⁹ “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, p. 150.

teoria com princípios universalmente válidos para compreender a toda e qualquer realidade social de maneira neutra, mas Horkheimer pretende compreender a sua própria realidade em que está inserido, utilizando conscientemente os conceitos produzidos por esta própria realidade, visando observar as suas contradições. E não se trata de se portar de maneira indiferente a essas contradições, mas sim a de buscar superá-las. Ou seja, a teoria crítica, consciente do seu lugar e tempo histórico, coloca como objeto para si mesma as contradições e dificuldades de sua época, não com a pretensão de apenas descrevê-las de maneira precisa, mas também de colocá-las em questão, de superá-las, ou, enfim, de criticá-las: “o sentido [da teoria] não deve ser buscado na reprodução da sociedade atual, mas na sua transformação”¹⁰. Assim, a investigação de uma dada configuração social não tem apenas como meta uma compreensão mais exata do mundo, mas ela tem em seu horizonte a sua transformação – evidentemente, não qualquer transformação, mas uma que aponte para a emancipação humana, uma sociedade livre de dominação, tal como a modernidade permitiu vislumbrar, mas não dá condições para sua efetivação. E tem como meios para atingi-la elementos inseridos na própria sociedade: os elementos de protesto contra uma configuração social não vem de fora, mas emergem da própria configuração.

O comportamento crítico consciente faz parte do desenvolvimento da sociedade. A construção do desenrolar histórico, como produto necessário de um mecanismo econômico, contém o protesto contra esta ordem inerente ao próprio mecanismo, e, ao mesmo tempo, a ideia de autodeterminação do gênero humano, isto é, a ideia de um estado onde as ações dos homens não partem mais de um mecanismo, mas de suas próprias decisões¹¹.

Isto é, não é necessário recorrer a uma noção externa ao momento histórico para pensar a sua superação – o que evita, por exemplo, colocar de utopias abstratas como horizonte para a superação do estado atual. Sobre isso, Horkheimer é bem claro quando escreve que “com a abolição dessa situação se pretende um princípio mais elevado de organização econômica, e não uma utopia filosófica”¹².

¹⁰ “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, p. 146.

¹¹ “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, p. 153.

¹² “Filosofia e Teoria Crítica”, p. 159.

Nesses termos, fazer crítica, portanto, significa observar as contradições de uma dada situação social, tendo como fundamento o paradigma da crítica da economia política de Marx. Especificando historicamente, Horkheimer dirá que na época burguesa, fundamentada na sua economia de mercado, é vigente a ideia de que o indivíduo é autor de seu próprio destino, independente para conduzir sua própria vida, opondo-se à dominação tradicional das sociedades feudais. No entanto, a própria organização econômica centrada no mercado, ao dar autonomia ao capital, impede que a autonomia individual se desenvolva de forma plena: a autodeterminação dos indivíduos é esvaziada frente à determinação cega do mercado. A contradição, portanto, está no fato de que a época burguesa põe para si mesma um objetivo da emancipação individual, mas, ao mesmo tempo, sua própria lógica de funcionamento em seu fundamento econômico impede que o objetivo seja atingido.

Para os sujeitos do comportamento crítico, o caráter discrepante cindido do todo social, em sua figura atual, passa a ser contradição consciente. Ao reconhecer o modo de economia vigente e o todo cultural nele baseado como produto do trabalho humano, e como a organização de que a humanidade foi capaz e que impôs a si mesma na época atual, aqueles sujeitos se identificam, eles mesmos, com esse todo e o compreendem como vontade e razão: ele é o seu próprio mundo. Por outro lado, descobrem que a sociedade é comparável com processos naturais extra-humanos, meros mecanismos, porque as formas culturais baseadas em luta e opressão não é a prova de uma vontade autoconsciente e unitária. Em outras palavras: este mundo não é o deles, mas sim o mundo do capital.¹³

Embora faça severas críticas à teoria tradicional, Horkheimer observa que ela não pode ser meramente descartada ou rejeitada para a compreensão da sociedade, ou mesmo para pensar a emancipação. Horkheimer escreve que “um comportamento que esteja orientado para essa emancipação, que tenha por meta a transformação do todo pode servir-se sem dúvida do trabalho teórico, tal como ocorre dentro da ordem desta realidade existente”¹⁴. Isto é, os esforços produzidos pela teoria tradicional podem ser apropriados pela teoria crítica. Não apenas os produtos da pesquisa científica, por exemplo, os avanços tecnológicos, mas também a própria pesquisa – foi, inclusive, o que Marx fizera com a

¹³ “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, p. 138.

¹⁴ “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, p. 139.

economia política clássica¹⁵. Mas Horkheimer apesar de colocar a economia como central para compreender seu tempo, não se limita a esta disciplina e inclui a psicologia, a crítica cultural, o direito, no quadro interdisciplinar que contribui para a investigação crítica. É claro que o viés crítico, no sentido em que Horkheimer coloca, impede que as disciplinas observem a si mesmas como isoladas do processo social, como independentes, mas elas possuem um ambiente em comum mediado pela economia a partir do qual mantém diálogo e saem do isolamento.

Enfim, nossa brevíssima leitura de “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” tem como meta ressaltar de maneira introdutória alguns pontos fundamentais para compreender o materialismo interdisciplinar: a autoconsciência histórica da teoria, a fundamentação na economia, a orientação para a uma sociedade emancipada e a colaboração interdisciplinar. Só que os argumentos deste texto tão importante para toda a tradição da Teoria Crítica têm sua origem em reflexões anteriores de Horkheimer, que podem ser testemunhados em textos publicados ao longo dos anos 1930. O objetivo deste capítulo será o de mostrar qual o fundamento do materialismo interdisciplinar, tal como escrito em textos publicados antes de 1936, ano em que publicará “Egoísmo e Movimento de Libertação” e os Estudos sobre Autoridade e Família, textos centrais da nossa dissertação. Ou seja, nosso objetivo será o de mostrar o caminho que Horkheimer percorre até chegar aos textos que nos são centrais, bem como mostrar que os textos de 1936 são etapas importantíssimas para chegar a “Teoria Tradicional e Teoria Crítica.

Voltemos, pois para o início dos anos 1930. Nossa apresentação terá duas etapas. Num primeiro momento (I), observaremos o que Horkheimer entende por materialismo e qual é a matriz filosófica a que se filia. Ao fazer isso, tentaremos mostrar que o materialismo tem em vista a superação dos limites e a desenvolver as possibilidades deixadas pelo pensamento burguês, tanto em seu aspecto idealista, quanto em seu aspecto cientificista, bem como de uma teoria materialista “oficial”, vinculada a programas partidários, às quais falta o aspecto dialético. Em segundo lugar (II), veremos como Horkheimer encaixa a psicologia no quadro teórico materialista, bem como ressaltaremos quais são os objetos a que dará atenção a partir de então. Aqui podemos observar um

¹⁵ Ver NOBRE “Introdução: Modelos de Teoria Crítica” in: *Curso Livre de Teoria Crítica*.

projeto que Horkheimer anuncia e que se concretizará em 1936: a utilização da psicologia para compreender processos sociais, mais especificamente a contradição entre a moral e a economia como formadora de um de uma “natureza” humana na época burguesa. Horkheimer já propõe as ferramentas teóricas que serão esmeradas para uma pesquisa de maior alcance, sobretudo, o conceito psicanalítico de *caráter*.

I.

O discurso de posse de Horkheimer como diretor do *Institut für Sozialforschung* foi publicado como texto sob o título de “A Presente Situação da Filosofia Social e as Tarefas de um Instituto de Pesquisa Sociais” (1931). De maneira geral, trata-se de um texto em que Horkheimer procura resgatar a tradição da filosofia social, como também propõe um regime de colaboração da filosofia com as disciplinas especializadas do estudo da sociedade. Interessa para nossa exposição dois aspectos deste texto: observar qual a vantagem teórica em resgatar a filosofia social e quais são os seus termos, bem como observar o fundamento da interdisciplinaridade que propõe. Estas duas questões serão aprofundadas em etapas posteriores deste mesmo capítulo, na medida em que Horkheimer desenvolve estes temas, mediado pelo conceito de materialismo, em outros textos publicados ao longo da década de 1930. Mas cabe ressaltar aqui, numa breve análise de seu discurso de posse, que ambos os aspectos – o interesse na filosofia social e em seu fundamento materialista – já estão presentes em suas primeiras intenções ao assumir a direção do *Institut* – aspectos fornecerão o solo teórico para o modelo crítico do *materialismo interdisciplinar*.

O título do discurso já mostra que é intenção de Horkheimer refletir a filosofia social, sua situação atual e sua relação com as tarefas a serem preenchidas por um conjunto de pesquisadores em torno de um instituto. E já no início do texto, Horkheimer apresenta brevemente o que entende por filosofia social:

as representações gerais do que se entende como filosofia social podem ser expressas de modo sucinto. Seu objetivo final seria a interpretação filosófica do destino dos homens, enquanto não são meros indivíduos, mas membros de

uma comunidade. Portanto, a filosofia social deve ocupar-se, sobretudo, daqueles fenômenos que somente podem ser entendidos em conexão com a vida social dos homens: no Estado, no direito, na economia, na religião, ou seja, em toda a cultura material e espiritual da humanidade em geral¹⁶

A filosofia social não é, portanto, uma filosofia que tem em seu núcleo a compreensão dos fenômenos sociais como somatória de ações dos indivíduos isolados, de um sujeito racional ou de uma “filosofia da personalidade singular”¹⁷, como fizera Kant. Mas, de outra maneira, a filosofia social deve colocar a reflexão sobre fenômenos sociais tendo em seu próprio método a “toda a cultura material e espiritual da humanidade em geral”.

No texto, Horkheimer atribui a Hegel a fundação da filosofia social. É claro que as reflexões sobre Estado, direito, economia e religião são anteriores e perpassam a história da filosofia; mas, segundo Horkheimer, é Hegel que tem o mérito de liberar “essa auto-reflexão dos grilhões da introspecção, em cujas bases estava arraigada, e remeteu à história a questão da nossa própria essência, o problema do sujeito autônomo criador de cultura: é no trabalho da história que ele se dá de uma forma objetiva”¹⁸. Assim, a grande novidade apresentada por Hegel não é a de meramente colocar elementos da “cultura material e espiritual da humanidade em geral” como objeto de reflexão filosófica, mas sim a de compreendê-los como produtos históricos de uma sociedade, e que, portanto, possuem uma história e possuem fundamento supraindividual. Isto é, a novidade que a filosofia hegeliana traz não está naquilo que é eleito objeto de reflexão, mas na relação dialética empregada para compreender a vida social do indivíduo e a sociedade em que se insere. Com isso, Hegel atribuiria à filosofia um papel que nos leva para além da singularidade da empiria: “a filosofia nos eleva acima deste ponto de vista do observador empírico”¹⁹. Horkheimer explica que Hegel o faz via conceito de transfiguração (*Verklärung*): com tal conceito, o empírico e o individual são observados como etapa subordinada a um movimento histórico mais amplo e concatenado, considerando-os como parte de uma estrutura mais ampla, de

¹⁶ “A Presente Situação da Filosofia Social...”, p. 121.

¹⁷ “A Presente Situação da Filosofia Social...”, p. 121.

¹⁸ “A Presente Situação da Filosofia Social...”, p. 122.

¹⁹ “A Presente Situação da Filosofia Social...”, p. 124.

modo que a essência do individual só pode ser investigada a partir do conhecimento do todo.

Logo, a “transfiguração” de que fala Hegel é precisamente obra daquela doutrina segundo a qual a verdadeira essência do homem não existe na mera interioridade e no destino factual dos indivíduos finitos, mas se afirma na vida dos povos e se realiza no estado. (...) Somente na medida em que o indivíduo participa do todo no qual vive, ou melhor, somente na medida em que o todo vive no indivíduo, o indivíduo é real, porque a vida do todo é a vida do espírito. O todo, no melhor sentido do termo, é o Estado²⁰.

Entretanto, Horkheimer observa que o ambiente filosófico do início do século XX já deixava de lado a filosofia hegeliana. Com a ascensão de correntes teóricas como o positivismo e o liberalismo, bem como a evolução tecnológica e científica, não era mais necessária, segundo parte da cultura intelectual dominante na época, a compreensão da sociedade e dos fatos inseridos em uma estrutura do todo na qual eles fazem sentido. Isto é, o novo contexto, produz uma perda de sentido na compreensão de uma estrutura objetiva a partir do qual suas partes podem ser investigadas, e a compreensão do singular é que ganha importância. Não apenas Hegel, mas todo o esforço intelectual que se pretendia filosófico e que buscava uma compreensão da estrutura objetiva do todo era desvalorizado: o idealismo do espírito objetivo foi substituído por uma nova crença, que toma como base o positivismo e os novos desenvolvimentos científicos.

a sociedade era individualista e possuía uma confiança eufórica no futuro; a metafísica do espírito objetivo foi substituída pela fé imediata na harmonia preestabelecida dos interesses singulares. Parecia que a mediação entre a existência empírica do indivíduo e a consciência de sua liberdade no todo social não necessitava de nenhuma filosofia, sendo suficiente, para esse propósito, o progresso linear, promovido pela ciência positiva, pela técnica e pela indústria²¹.

Observaremos mais adiante que Horkheimer tece severas críticas à filosofia de Hegel, sobretudo ao seu idealismo. Mas por que então Horkheimer evoca a figura de Hegel,

²⁰ “A Presente Situação da Filosofia Social...”, p. 124.

²¹ “A Presente Situação da Filosofia Social...”, p. 124.

neste contexto em que parece obsoleto para o pensamento filosófico e científico da época? Qual a vantagem teórica em atribuir a Hegel a fundação da filosofia social que pretende resgatar? De maneira breve, atribuir a “paternidade” da filosofia social a Hegel é estratégico por dois motivos. Em primeiro lugar, trata-se de uma resposta ao cenário intelectual de sua época, em especial o neokantismo, o liberalismo e as correntes científicas positivistas, já consolidaram a rejeição à filosofia hegeliana: retomar Hegel poderia então revitalizar a ideia de que o individual não deve ser isolado, mas tem de ser compreendido dialeticamente a partir de um movimento mais amplo. Por outro lado, irá confrontar-se com o marxismo de sua época, que evita incursões filosóficas: Horkheimer, a exemplo de Korsch²² e Lukács²³, ao observar o que há de Hegel em Marx, irá recolocar a filosofia no quadro conceitual do marxismo, a fim de retirá-lo da sua simplificação determinista em que se encontrava. Partindo da distinção que fez Wolfgang Bonß, a ideia de Horkheimer é a de submeter tanto o quadro científico “burguês” quanto o próprio materialismo marxista a uma profunda autorreflexão²⁴. E, é importante dizer, a uma autorreflexão de teor filosófico, uma vez que as ciências especializadas e o materialismo se afastavam da filosofia. Segundo Bonß, Horkheimer não apenas observa aporias tanto no campo das ciências quanto no campo do marxismo, como também mostra que “o paradigma materialista também oferece o ponto de partida fundamental para superar as aporias”²⁵.

No que diz respeito às ciências “burguesas”, Horkheimer observa que, apesar do seu alto grau de desenvolvimento e sofisticação que atingem no início do século XX, as disciplinas científicas não conseguem resolver a miséria humana. Seu desenvolvimento permite que as ciências produzam um conhecimento minucioso que permite um domínio amplo sobre a natureza, de modo que atua como força produtiva e “possibilita o sistema industrial moderno”²⁶, o que contribuiria para a construção de uma sociedade emancipada, mas, ao mesmo tempo, é incapaz de fornecer meios para realizar essa emancipação. Em

²² Ver KORSCH, *Marxismo e Filosofia*.

²³ Ver LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, sobretudo o ensaio “O que é o marxismo ortodoxo?”

²⁴ Ver Bonß, “The Program of Interdisciplinary Research and the Beginnings of Critical Theory”, p. 99: “A precondição da teoria crítica no início da década de 1930 é uma crítica específica às ciências sociais contemporâneas, tanto em sua versão “burguesa” quanto na sua versão “materialista””.

²⁵ Bonß, “The Program of Interdisciplinary Research and the Beginnings of Critical Theory”, p.105.

²⁶ “Observações sobre Ciência e Crise”, p. 7.

suma, ela separa rigidamente a teoria da prática. Essa incapacidade da ciência ocorre por dois motivos. De um lado, falta uma fundamentação teórica que permita a determinação de uma tarefa comum aos desenvolvimentos das diversas disciplinas científicas, que parecem presas à “fé imediata na harmonia preestabelecida dos interesses singulares”; por outro lado, o método científico, ao direcionar-se a um conhecimento neutro e exato, de modo que se torne imune a valores e condicionamentos históricos, torna-se um método acrítico, incapaz de observar a relação mútua entre ciência e sociedade – a ciência como força produtiva da sociedade e a ciência como produto de uma configuração social.

Atualmente, o laboratório de ciência apresenta um retrato da economia contraditória. Esta é altamente monopolística e mundialmente desorganizada e caótica, mais rica do que nunca e, ainda assim, incapaz de remediar a miséria. Também na ciência surge uma dupla contradição. Em primeiro lugar, vale como princípio que cada um dos seus passos tem uma base de conhecimento, mas o passo mais importante, ou seja, a definição de sua tarefa, carece de fundamentação teórica e parece entregue à arbitrariedade. Em segundo lugar, a ciência está empenhada no conhecimento de relações abrangentes; porém é incapaz de compreender na sua vivência real a relação abrangente de que depende sua própria existência e a direção do seu trabalho, isto é, a sociedade.²⁷

O motivo desta “dupla contradição” é um quadro científico especializado, em que as disciplinas, isoladas pela especificidade de seu objeto de pesquisa, têm dificuldade em estabelecer diálogo com as outras – ou, ainda, sequer sentem a necessidade do diálogo. O que Horkheimer sugere para resolver essas dificuldades é um fundamento filosófico que permita tanto retirar as ciências da sua fundamentação arbitrária quanto fazê-las observar o seu próprio condicionamento histórico. Trata-se de um desenvolvimento dialético entre as ciências e a filosofia que permite superar o “caos da especialização” a que o quadro científico está submetido.

A relação entre as disciplinas filosóficas e cada disciplina científica individual correspondente não pode ser entendida no sentido de que a filosofia trata os problemas decisivos e constrói teoria não contestáveis pelas ciências experimentais, sendo seus próprios conceitos de realidade sistemas que

²⁷ “Observações sobre Ciência e Crise”, p. 11.

abarcam a totalidade, enquanto, ao contrário, a pesquisa empírica recolhe os seus dados particulares através de um trabalho longo e tedioso, que se fragmenta em milhares de problemas parciais, para não chegar senão ao caos da especialização. Essa concepção segundo a qual o pesquisador deve considerar a filosofia talvez como um belo exercício, mas cientificamente infrutífero, porque inverificável, enquanto o filósofo deve se emancipar da pesquisa particular, acreditando que mesmo as mais importantes decisões não podem esperar os seus resultados, está superada atualmente pela ideia de uma contínua interpenetração e desenvolvimento dialéticos entre a teoria filosófica e a prática da ciência particular²⁸.

Do mesmo modo, a filosofia também não pode ficar indiferente aos desenvolvimentos das disciplinas científicas. A própria filosofia tem suas dificuldades: Horkheimer constatou que a ascensão do positivismo pretendeu tornar desnecessária a observação filosófica de uma estrutura objetiva para compreender os fenômenos sociais, o que desvaloriza o pensamento filosófico. Se Horkheimer pretende recuperar a filosofia, não pode simplesmente estabelecer uma nova estrutura objetiva de maneira arbitrária, ou atualizar a filosofia hegeliana sem mais – e certamente não se trata de evocar novamente a transfiguração hegeliana. Falta à própria filosofia um fundamento que possa justificar sua importância: Horkheimer observa que a filosofia se torna viúva de uma estrutura objetiva e por isso ela possui uma carência (*Mangel*). Parte da resposta para suprir essa carência se encontra na colaboração da filosofia com as disciplinas científicas.

Parece-nos que a solução das mencionadas carências da filosofia social não pode ser encontrada, nem na profissão de fé numa interpretação mais ou menos construtiva da vida cultural, nem no estabelecimento de um novo sentido da sociedade, do Estado, do direito, etc. Hoje, isto depende, antes de tudo, de organizar, baseados nos problemas filosóficos atuais – o que certamente é compartilhado por outros –, pesquisas em que deveriam participar filósofos, sociólogos, economistas, historiadores, psicólogos que numa comunidade de trabalho duradoura se unissem e fizessem em conjunto o que em outros campos um indivíduo pode fazer sozinho num laboratório e que todos os verdadeiros pesquisadores sempre têm feito: a saber, procurar acompanhar a amplitude das suas questões filosoficamente orientadas com a

²⁸ “A Presente Situação da Filosofia Social...”, p. 128.

ajuda dos métodos científicos mais refinados, transformando-as e precisando-as ao longo do trabalho em torno do objeto, descobrindo novos métodos, sem todavia perder de vista o universal²⁹.

Mas é preciso ter uma fundamentação filosófica que possa orientar a colaboração interdisciplinar, que possa manter “em vista o universal”. Afinal, Horkheimer está ciente de que não se trata de isolar as disciplinas e colher os seus resultados de maneira a esperar que sua soma forneça um diagnóstico da situação atual – seria uma operação tal como fariam as ciências burguesas. Uma orientação filosófica deveria fornecer conceitos fundamentais que permitam o diálogo entre as disciplinas, bem como deveria evitar uma fundamentação arbitrária e idealista.

Horkheimer encontra a orientação filosófica no materialismo. No texto “Materialismo e Metafísica” (1933), o fundamento deste materialismo se desenvolve de maneira mais minuciosa. Mas observar o materialismo deve ser feito com cuidado, porque há maneiras limitadas de compreender o materialismo, tanto no campo “burguês” quanto no marxista. Do lado da filosofia burguesa, Wilhelm Dilthey “vê no materialismo uma metafísica e na verdade uma teoria sobre a reação entre a causa do universo e o universo, entra a alma e corpo”³⁰, caindo em uma visão limitada segundo a qual o materialismo seria a postulação de que “todo real é matéria e seu movimento”³¹. Este materialismo “físico” surge em conjunto com a ascensão da classe burguesa e desempenhou papel revolucionário na dissolução do conhecimento tradicional da Idade Média. Mas, ao estabelecer um ponto de partida arbitrário para a compreensão da realidade, esse aspecto revolucionário é sufocado e comete passo teórico semelhante ao conhecimento tradicional que critica. Este materialismo “burguês” não reconheceu o seu próprio papel histórico, mas colocava uma nova maneira de compreensão dos fenômenos fundamentada na matéria física. Entretanto, o que Horkheimer observa é que contraposição do materialismo em relação à metafísica não está no princípio que é colocado como absoluto para a compreensão da estrutura objetiva da sociedade – pois, desta forma, “o materialismo aparece, pois, como um erro

²⁹ “A Presente Situação da Filosofia Social...”, p. 128.

³⁰ “Materialismo e Metafísica”, p. 34.

³¹ “Materialismo e Metafísica”, p. 34.

evidente e muito facilmente refutável da metafísica”³² –, mas está na própria rejeição em dizer que o princípio que dê sentido para o todo seja absoluto e imune a transformações históricas³³. Se se quer colocar um sentido histórico para a pesquisa, nem mesmo a matéria pode servir de princípio fundamental, porque “a matéria não tem sentido em si mesma”³⁴, mas adquire significado de acordo com o momento histórico.

Segundo Horkheimer, é a própria filosofia burguesa que fornece a saída para o seu dogmatismo. Para Horkheimer, Hegel, além de ter fundado a filosofia social, teve o mérito de descobrir o método dialético, mas não pôde libertar “seu pensamento da velha contradição”³⁵ colocada pela metafísica. Em “Sobre o Problema da Verdade” (1935), Horkheimer escreve que a lógica dialética, na medida em que se funda em pressupostos idealistas, torna-se limitada e dogmática: “Esta limitação dogmática não é apenas uma falha por assim dizer aleatória de sua teoria, que se poderia descartar sem alterar nela algo essencial; ao contrário, ela está ligada indissoluvelmente ao caráter idealista de seu pensamento e está presente em todos os pormenores de sua dialética”³⁶. Entretanto, o método dialético, nascido no idealismo, fornece a chave para a saída do próprio idealismo, embora Hegel não tenha sido capaz de realizar este movimento e “no lugar daquelas teorias que transformaram em essência um conceito abstrato, (...) coloca a hipostasiação do seu próprio sistema”³⁷. Quem executa esse movimento de saída é Marx: “Marx e Engels assumiram a dialética num sentido materialista. Mantiveram a convicção hegeliana da existências das estruturas e tendências supraindividuais e dinâmicas na evolução histórica, descartando, entretanto, a fé num poder espiritual independente que atuaria na história”³⁸.

Portanto, o fundamento que Horkheimer adota é o materialismo histórico inspirado em Marx, baseado na *crítica da economia política*. Para Horkheimer, é o aspecto

³² “Materialismo e Metafísica”, p. 36.

³³ Note-se que Horkheimer não pretende com isso rejeitar quaisquer tipos de princípios e adotar um relativismo. Em “Sobre o Problema da Verdade”, Horkheimer escreve como uma teoria social materialista supera a dicotomia entre relativismo e dogmatismo.

³⁴ “Materialismo e Metafísica”, p. 10.

³⁵ “Sobre o Problema da Verdade”, p. 146.

³⁶ “Sobre o Problema da Verdade”, p. 147.

³⁷ “Sobre o Problema da Verdade”, p. 146.

³⁸ “História e Psicologia”, p. 17.

econômico da dinâmica histórica material que deve servir de fundamento e que dá sentido para a compreensão da sociedade: “a teoria do papel histórico fundamental das relações econômicas vale como marca característica da visão materialista; e com esse novo conteúdo tornou-se também impossível expressar qualquer princípio superior como estrutura definitiva desse tipo”³⁹. Em suma, são as relações que os seres humanos historicamente estabelecem com a natureza e com seus pares tendo em vista garantir sua reprodução material que servem de base para a investigação materialista. A matéria, portanto, ganha um significado histórico, seu sentido é definido de acordo com cada sociedade, em cada época e em cada dinâmica econômica, de modo que o materialismo dialético coloca o materialismo burguês em uma nova figura. Isso significa que uma filosofia social não pode pretender encontrar alguma chave de leitura supra-histórica absoluta para compreender a estrutura da própria história: “os conceitos materialistas são incompatíveis com a ideia de uma postulação absoluta”⁴⁰. É a fundamentação nas relações econômicas de uma sociedade que permite retirar a dialética de seu berço idealista: “A compreensão do presente é tanto mais idealista quanto mais se orienta por uma exposição, abstraída conscientemente do conhecimento psíquico exato, dos chamados “elementos primários do existir humano”, em vez de orientar-se pelas causas econômicas da miséria material”⁴¹.

Cabe lembrar que o materialismo não resolve apenas questões “epistemológicas”, mas também lembra que aspectos metodológicos também se inserem em uma dada realidade material econômica. Por isso, o materialismo coloca em primeiro plano a contradição da sociedade capitalista: a miséria material de grande parte da população a despeito da enorme capacidade de produzir riqueza e bens materiais é o problema filosófico que serve de pano de fundo para a investigação materialista. “Orientar-se pelas causas econômicas da miséria material” significa também produzir uma teoria que tenha em vista a superação prática desta miséria. Não se trata, portanto, de uma teoria neutra, mas que se preocupa em colocar como objeto de reflexão filosófica a própria miséria humana. Mas Horkheimer emprega o materialismo submetendo à crítica o paradigma base-superestrutura da ortodoxia marxista. Segundo este paradigma, há duas

³⁹ “Materialismo e Metafísica”, p. 42.

⁴⁰ “Materialismo e Metafísica”, p. 39.

⁴¹ “Materialismo e Metafísica”, p. 43.

condições para que ocorra a revolução: as condições objetivas, relativas à base econômica, ao desenvolvimento do capitalismo e de suas contradições; e as condições subjetivas, determinadas pelas condições objetivas, relativas à cultura, à organização do proletariado e sua “consciência de classe”. As condições para a revolução resultariam, então, do compasso entre os fatores objetivos e subjetivos. Mas dois fatos colocam essa interpretação em cheque. Em primeiro lugar, a Revolução Russa que mostraria uma maturidade da “consciência de classe” dos trabalhadores a despeito do quadro econômico atrasado. Em segundo lugar, o fracasso da Revolução Alemã que mostraria a tendência autoritária do proletariado a despeito do alto grau de desenvolvimento do capitalismo e do grande número de trabalhadores⁴². O paradigma base-superestrutura, segundo o qual os fenômenos culturais são consequência de uma determinada estrutura econômica, se mostra, então, insuficiente para explicar essas diferentes manifestações do aspecto subjetivo: seria limitado demais compreender esse movimento como mero efeito da base econômica, sem compreender de fato as suas mediações. Segundo Horkheimer, “a teoria da conexão entre a desordem cultural e as condições econômicas e os confrontos de interesses delas resultantes nada informa sobre o grau de realidade [*Realitätsgrad*] ou sobre a relação de prioridade [*Rangverhältnis*] entre os bens materiais e os bens espirituais”⁴³.

A partir disso, Horkheimer dá ênfase para uma pesquisa interessada nos fatores subjetivos: a investigação da “superestrutura”, mais especificamente dos fenômenos ideológicos ganham ênfase na pesquisa do *Institut*. A ideia é a de compreender porque os fatores subjetivos não acompanharam o desenvolvimento dos fatores objetivos, bem como os termos que ajudam a compreender a ideologia e como ela se instala na sociedade. Importante lembrar que, apesar da nova ênfase em aspectos “superestruturais”, a dinâmica econômica permanece central para compreender a sociedade. Horkheimer quer rever a conexão entre economia e cultura e defende que há uma “relativa independência” dos aspectos culturais frente à economia⁴⁴. Para tanto, munido de uma orientação filosófica materialista, que possui a economia como centro e o interesse superação da miséria, recorre às disciplinas científicas para dar cabo de compreender essa relação entre economia e

⁴² Ver ROUANET (1986) *Teoria Crítica e Psicanálise*, capítulo 1.

⁴³ “Observações sobre Ciência e Crise”, p. 11, tradução modificada.

⁴⁴ Ver HORKHEIMER, a seção “Cultura” da “Parte Geral” dos *Estudos sobre Autoridade e Família*.

cultura. Neste quadro em que figuram a crítica cultural, o direito, a política, entre outras disciplinas, é à psicanálise que é privilegiada nas reflexões de Horkheimer durante os anos 1930. Conceitos oriundos dela são centrais para a construção do materialismo interdisciplinar, sobretudo para compreender fenômenos culturais.

II.

A introdução da psicanálise no quadro conceitual do marxismo não é de pioneirismo de Horkheimer. Já havia na década de 1920 autores que se dedicavam a aproximar a psicanálise do marxismo, como Sandor Ferenczi, Siegfried Bernfeld, Otto Fenichel, Erich Fromm e Wilhelm Reich – corrente que ficou conhecida como freudo-marxismo⁴⁵. Se as controvérsias e as rejeições de uma parte por outra existem⁴⁶, é fato que há os pontos de contato entre psicanálise e materialismo histórico, ou entre Freud e Marx. Afinal, ambos têm em seu método a rejeição em observar fenômenos históricos, sociais e subjetivos como algo natural ou absoluto, mas, ao contrário, os fenômenos podem ser explicados pela necessidade humana em estabelecer relações com a natureza e prover sua reprodução material, bem como pela necessidade de satisfazer seus desejos e pulsões. É sobre este aspecto “desmistificador” de ambas as vertentes que se apoiará o freudo-marxismo.

No *Institut*, Erich Fromm é o principal responsável pela pesquisa psicológica. Nos primeiros números da *Zeitschrift für Sozialforschung*, ele já publica dois ensaios que fundamentam o papel da psicanálise e da psicologia social no materialismo interdisciplinar. Seu trabalho no início dos anos 1930 é fundamental para compreender como Horkheimer pensa a psicanálise, seus métodos e seus conceitos para a pesquisa histórica materialista – e será investigado de maneira mais detida no capítulo seguinte. Por ora, observemos na letra do próprio Horkheimer qual é a fundamentação que ele espera de uma psicologia e que papel ela assume no quadro materialista, analisando em especial os textos “História e

⁴⁵ Ver a “Parte I: As raízes freudo-marxistas” de ROUANET, *Teoria Crítica e Psicanálise*.

⁴⁶ Ver DAHMER (1983) *Libido y Sociedad*, “Posiciones de partida y motivos de rechazo”.

Psicologia” e “Materialismo e Moral”. Se nesses textos Horkheimer não emprega a terminologia técnica da psicanálise, ao menos podemos observar quais são os principais problemas com os quais a psicologia tem de lidar, quais as antecipações que dará em seu projeto da antropologia filosófica, bem como observar o conceito psicanalítico que considera crucial para resolver os problemas postos para a psicologia: o conceito de caráter.

Em “História e Psicologia”, Horkheimer sublinha a importância da psicanálise para a compreensão histórica⁴⁷. O texto se preocupará em mostrar como é possível se valer da psicanálise, ciência da psique individual, para compreender fenômenos históricos sociais mais amplos, dentro de um quadro materialista. Ao afirmar a importância da psicologia na pesquisa histórica, o primeiro cuidado que Horkheimer toma é o de não se confundir com teorias liberais, segundo as quais “os indivíduos que perseguem seus interesses são as últimas unidades independentes no processo histórico”, e, assim, o “conceito de história do liberalismo é psicológico na sua essência”⁴⁸. Para uma teoria liberal, a psicologia passa ao centro da compreensão histórica, pois trata-se de compreender os interesses e motivações dos indivíduos se articulam para, assim, observar o movimento da dinâmica social e histórica.

Os indivíduos, com os eternos impulsos firmemente arraigados na sua natureza, não são mais apenas os atores imediatos da história, mas também as últimas instâncias para a teoria do acontecer na realidade social. (...) A fé messiânica do século XVIII de que os impulsos dos indivíduos, após a remoção das barreiras feudais, deveriam conjugar-se em prol da unidade da cultura transformou-se, com o liberalismo do século XIX, no dogma da harmonia dos interesses⁴⁹.

Se o materialismo parte de uma noção segundo a qual há “estruturas e tendências supra-individuais e dinâmicas na evolução histórica” baseadas na economia, então é preciso compreender como a pesquisa individual da psicologia pode contribuir para

⁴⁷ Abromeit atribui uma nova importância ao texto “História e Psicologia”, dizendo que é um ensaio “frequentemente deixado de lado” (p. 252). Mais do que isso, tal como nossa pesquisa tenta demonstrar, Abromeit observa que “História e Psicologia” já “linhas metodológicas” para os textos de 1936. O que Abromeit não aponta, no entanto, é a centralidade do conceito de caráter para essa articulação.

⁴⁸ “História e Psicologia”, p. 17, tradução modificada.

⁴⁹ “História e Psicologia”, p. 17.

a compreensão dos elementos supra-individuais. Cabe lembrar, antes, o pressuposto básico do materialismo: o centro permanece a economia e, por isso, para compreender os fenômenos psíquicos, bem como qualquer fenômeno “superestrutural”, é preciso também compreender a dinâmica econômica e o papel do indivíduo no processo de produção. Apropriando-se de Marx, Horkheimer escreve que não é possível compreender os indivíduos isoladamente, procurando sua essência ou sua “razão existencial”, mas é preciso observar a dinâmica histórica em que se insere: “Segundo ele (Marx), os homens historicamente atuantes, em nenhuma parte se tornam inteligíveis apenas graças ao seu interior, ou seja, graças à sua natureza ou a uma razão existencial encontrável dentro deles próprios; eles estão muito mais atrelados a formulações históricas que possuem sua própria dinâmica”⁵⁰.

Há, portanto, uma diferença crucial entre o posicionamento da psicologia no liberalismo e no materialismo. Enquanto no liberalismo ela ocupa uma posição central, no materialismo ela é auxiliar. De acordo com Horkheimer, a psicologia no quadro liberal “devia explicar adequadamente a história a partir do concurso dos indivíduos considerados isoladamente, seus interesses, suas forças psíquicas essencialmente constantes”⁵¹. Só que o materialismo não estabelece como ponto de partida arbitrário o individual e observa que são as relações econômicas entre indivíduos que fornece a base para uma teoria histórica: “Mas se a história se articula segundo as diferentes maneiras como se consoma o processo de vida da sociedade humana, então não são as categorias psicológicas, mas as econômicas que são historicamente universais”. E, por isso, “A psicologia, de ciência fundamental, se converte numa ciência auxiliar, embora indispensável, da história”⁵².

Mas porque Horkheimer avalia que a psicologia é indispensável? Se a compreensão da dinâmica econômica é o fundamento para uma teoria social, em que sentido a psicologia pode auxiliar? E em que termos isso pode ser feito? Para compreender estes pontos, é importante observar que dispor desses pressupostos materialistas pouco diz sobre a dinâmica psíquica dos indivíduos: o materialismo não produz por si mesmo uma teoria psicanalítica e, sozinho, é insuficiente para compreender a psique individual.

⁵⁰ “História e Psicologia”, p. 17.

⁵¹ “História e Psicologia”, p. 19.

⁵² “História e Psicologia”, p. 19.

Horkheimer entende, por exemplo, que a ideologia constitui um obstáculo para que os indivíduos tenham consciência de seu papel no processo de produção e, mais importante, para que tenham consciência de suas potencialidades que lhe são bloqueadas. A teoria materialista pode compreender o surgimento do fenômeno da ideologia que se fundamenta no discurso de uma classe econômica dominante, mas não pode explicar mais especificamente como a ideologia opera, não explica o que exatamente faz com que os indivíduos se adaptem a uma realidade que os domina. Da mesma forma, não pode compreender sozinha o que faz surgir uma consciência revolucionária. A psicologia tem, portanto, o papel de compreender, sempre tendo em mente o substrato materialista em que se encontra, como se formam no âmbito psíquico tanto a consciência ideológica, que mantém em funcionamento uma dada configuração social, quanto a revolucionária, que procura transformá-la: “Decerto, a atividade humana deve estar sempre ligada às necessidades vitais que foram estruturadas pelas gerações precedentes, mas as energias humanas, tanto as aplicadas na manutenção das condições existentes quanto as que pretendem alterá-las, têm sua própria configuração que a psicologia deve investigar”⁵³.

Assim, para compreender a ideologia, Horkheimer reivindica o uso dos métodos da psicologia. A ideia é a de investigar qual a “estrutural psíquica total” de grupos sociais que renovam e se renovam na sociedade atual. Se a economia condiciona as ações humanas, a psicologia pode fazer a mediação para compreender esse condicionamento.

O fato de que os seres humanos mantêm relações econômicas por meio de suas forças e necessidades que estão ultrapassadas, em vez de substituí-las por uma forma de organização mais alta e racional, só é possível porque a ação das camadas sociais numericamente significantes não é determinada pelo conhecimento, mas por uma pulsão motriz [Triebmotorik] falseadora da consciência. Meras maquinações ideológicas de maneira alguma formam a raiz deste importante e particular momento histórico – tal leitura corresponderia à antropologia racionalista do Esclarecimento e de sua situação histórica –, mas a estrutura psíquica total [die psychische Gesamtstruktur] desses grupos – isto é, o caráter de seus membros – é, no contexto do seu papel no processo econômico, continuamente renovada. A psicologia ressaltará esses fatores psíquicos mais profundos, mediante os

⁵³ “História e Psicologia”, p. 20.

quais a economia determina os seres humanos, ela será de modo mais abrangente a psicologia do inconsciente⁵⁴.

O papel da psicologia, portanto, é o de descobrir como os condicionamentos econômicos influenciam a vida psíquica dos indivíduos de modo a moldar suas ações e pensamentos, conscientes e inconscientes – ou o seu caráter. O conceito de caráter se tornará central para Horkheimer, pois é com ele que será possível compreender como o condicionamento econômico e a ideologia influenciam a estrutura psíquica de cada indivíduo: “Na análise de uma determinada época histórica, é especialmente importante conhecer as forças e disposições psíquicas, do caráter e da capacidade de transformação dos membros de diferentes grupos sociais”⁵⁵. Isto é, Horkheimer faz a distinção entre duas formas de disposições psíquicas: a que é capaz de transformação e a do caráter, que serve de base para a reprodução de uma sociedade. Assim, compreender o caráter, ou a “estrutura psíquica total” permite observar os fatores psíquicos que mantêm uma dada configuração social e que bloqueiam as potencialidades de transformação.

Ela tem de investigar, sobretudo, em que medida a função do indivíduo no processo de produção é determinante para a configuração [Ausgestaltung] de seu caráter e das suas formas de consciência, por meio de seu destino em um determinado tipo de família, por meio dos efeitos de forças sociais formativas neste lugar do espaço social, mas também por meio do tipo e o modo de seu próprio trabalho na economia. Teria de se investigar como os mecanismos psíquicos se sucedem, por meio dos quais é possível que se mantenham latentes as tensões [Spannungen] entre as classes sociais, que são compelidas ao conflito por conta de sua situação econômica⁵⁶.

Se o caráter corresponde a uma estrutura psíquica que opera para a manutenção de uma ordem social, Horkheimer observa que em momentos históricos e econômicos relativamente estáveis seria possível realizar um diagnóstico de época mais preciso das disposições psíquicas. Mas a compreensão da estrutura psíquica em “momentos críticos” se

⁵⁴ “História e Psicologia”, p. 21, tradução modificada.

⁵⁵ “História e Psicologia”, p. 21.

⁵⁶ “História e Psicologia”, p. 22, tradução modificada.

mostra importante, porque pode apontar o sentido para o qual as transformações sociais caminham.

Com a aceleração do desenvolvimento econômico, as mudanças dos modos de reação humanos que são de maneira imediata condicionados pela economia – isto é, hábitos, modos, representações morais e estéticas que são de maneira imediata resultantes da vida econômica – são trocados de maneira tão rápida que não lhes resta qualquer tempo mais para se solidificarem e para se tornarem propriedades corretas [richtig] dos seres humanos. Assim momentos relativamente eternos na estrutura psíquica ganham um peso e, conseqüentemente, a psicologia geral ganha também um valor de conhecimento [Erkenntniswert]. Em períodos estáveis, a mera diferenciação de tipos de caráter social parece ser suficiente; agora a psicologia tende a se tornar a mais importante fonte a partir da qual se pode experienciar algo do modo de vida dos homens. Por isso, em momentos críticos, a psique se torna mais do que nunca um momento decisivo, porque os fatores econômicos não podem mais simplesmente decidir sem mais a questão de se, e em que sentido, a constituição moral pertencente aos períodos históricos passados e praticada pelos membros das diferentes classes sociais são transformadas ou conservadas⁵⁷.

A pesquisa sobre a estrutura pulsional nos “momentos críticos” do surgimento da burguesia, em que surgem movimentos rebeldes burgueses que abalaram a ordem social feudal, será feita anos mais tarde em “Egoísmo e Movimento de Libertação”, texto central desta pesquisa, abordado mais adiante no capítulo 3. O que destacamos aqui é que “História e Psicologia” possui uma importância na compreensão da obra de Horkheimer porque contém em forma de projeto o que será realizado em 1936: a investigação sobre o caráter para compreender a estrutura psíquica que impede as transformações sociais. Além disso, na citação acima, Horkheimer observa que o estudo sobre a psique individual ajuda a compreender pontos da “constituição moral” dos períodos históricos. A psicologia poderia contribuir ao materialismo no sentido de observar nos momentos de transformação social que pontos da moral da antiga ordem são superados, quais permanecem e, se permanecem,

⁵⁷ “História e Psicologia”, p. 28, tradução modificada.

qual o sentido que adquirem na nova ordem e na nova estrutura psíquica oriunda dessa nova ordem social.

Em “Materialismo e Moral” (1933), Horkheimer reflete sobre a moral e o seu papel no desenvolvimento histórico. Segundo o texto, a moral é um fenômeno típico da época burguesa e não tem o mesmo sentido que a ética clássica ou da ética medieval cristã, isto é, a moral ganha nova função em um contexto em que indivíduos tomam para si a conduta de sua vida e se veem como autônomos, porque seria necessário manter uma coesão entre os indivíduos isolados, para que eles pudessem se ajustar: “Quando o princípio da autoridade foi abalado e um número considerável de indivíduos tomou nas próprias mãos a decisão acerca de sua conduta de vida, nasceu a necessidade de uma norma espiritual que ocupasse o lugar das autoridades desaparecidas no ajuste do indivíduo a este mundo”⁵⁸. Para Horkheimer, a moralidade burguesa contribui para a formação de uma nova forma de autoridade, uma forma espiritual.

O imperativo categórico kantiano é a expressão máxima da moral burguesa, de acordo com Horkheimer. Trata-se de uma moral que não tem vínculos com as autoridades tradicionais e nem com uma instituição religiosa, mas ela ganha um novo aspecto na época burguesa, a saber, ela possui um fundamento racional. E esse aspecto baseado em uma racionalidade idealista produzira uma moralidade que prega que o indivíduo renuncie ao seu próprio interesse.

A ideia moral da burguesia encontra sua mais pura expressão na formulação kantiana do imperativo categórico “Age somente de acordo com aquela norma que puderes querer ao mesmo tempo que se converta numa lei universal”. Segundo Kant, as ações correspondentes a este princípio e que acontecem diretamente por sua causa se distinguem de todas as outras pela moralidade. Ele mesmo explicou onde se poderia procurar a “característica específica” deste imperativo, em comparação com todas as outras normas do agir: na “renúncia a todo interesse”. Mesmo que a própria razão se interesse pura e diferentemente por ações morais, estas não ocorrem, todavia, por interesse no objeto, nem por necessidade. Agir por dever opõe-se ao agir por interesse. A

⁵⁸ “Materialismo e Moral”, p. 60.

virtude não está em agir contra os fins individuais, mas em agir independentemente deles. O homem deve libertar-se de seu interesse⁵⁹

Trata-se, portanto, de uma moral que elenca como uma virtude “renúncia a todo interesse”, isto é, um agir que tenha como horizonte apenas o dever moral, baseado nas formulações do imperativo categórico. Entre os filósofos idealistas houve a discussão se é realmente possível uma ação desprovida de interesse: o próprio Kant afirma que “a ação por interesse como a lei natural do homem”⁶⁰. Mas o aspecto central que caracteriza a moral burguesa é o respeito à lei moral racionalmente fundamentada que produz uma moral que “vale como categoria eterna”⁶¹ e que “pertence à condição humana julgar proposições segundo sua verdade e falsidade, produtos concretos segundo a sua beleza e feiura, assim também deve ser sempre possível julgar caracteres e ações, se são bons ou maus”⁶².

Por outro lado, a economia burguesa tem um princípio contrário ao da sua moral: a individualidade e a competição no mercado. O sistema econômico estimula a concorrência entre os indivíduos para manter-se funcionando. Para sobreviver e garantir sua reprodução material, o indivíduo, por sua vez, tem de se lançar ao mercado e perseguir os seus interesses.

É essa a deficiência da forma burguesa da economia: entre a livre concorrência dos indivíduos como o meio, e a existência de toda a sociedade como aquilo que é mediado, não existe uma correlação racional. O processo se desenvolve, não sob o controle de uma vontade consciente, mas como um caso natural. A vida das pessoas resulta cega, acidental e péssima pela atividade caótica dos indivíduos e dos Estados. Esta irracionalidade se exprime no sofrimento da maioria dos homens. O indivíduo totalmente absorvido pela preocupação consigo mesmo e com o que é “seu” não só impulsiona a vida do todo sem consciência clara, mas causa, com o seu trabalho, tanto a felicidade como a miséria dos outros; nunca se poderá esclarecer totalmente até que ponto e para quais indivíduos seu trabalho

⁵⁹ “Materialismo e Moral”, p. 62-63

⁶⁰ “Materialismo e Moral”, p. 62.

⁶¹ “Materialismo e Moral”, p. 61.

⁶² “Materialismo e Moral”, p. 61.

significa uma coisa ou outra. A preocupação com a comunidade não permite uma relação inequívoca com o próprio trabalho⁶³.

Portanto, Horkheimer observa que na sociedade burguesa a ação no campo econômico é oposta àquela que a moralidade prega. De um lado, a virtude moral se caracteriza pela “renúncia a todo interesse”, ao agir desinteressado, pautado pelo dever. Por outro lado, colocar-se no mercado é uma ação que reforça o interesse individual e essas ações não mantêm uma relação racional com o sistema econômico como um todo. Sua existência social depende da inserção no mercado que, por sua vez, reforça que a relação entre os indivíduos é desprovida de “correlação racional”, com se a busca pelo interesse individual fosse natural.

É claro que no ponto de vista materialista os princípios ahistóricos da moral são colocados em suspenso, de modo que não há um conjunto de valores que valha para toda a humanidade: “Não existe um campo de valores eterno”, porque “necessidades e desejos, interesses e paixões dos homens mudam de acordo com o processo social”⁶⁴. A chave para a compreensão deste fenômeno está em observá-lo não como adequação a um campo eterno de valores, mas como um “estado psíquico”: “Ela [a moralidade] não é passível de motivação, nem através da intuição nem de argumentos. Representa, antes, um estado psíquico. Descrever este, torná-lo compreensível em seus condicionamentos pessoais e mecanismos de propagação de uma geração à outra, é tarefa da psicologia”⁶⁵. Mas fundamentar racionalmente uma moralidade teve uma função histórica específica: serve como função ideológica para a burguesia nascente e substitui a autoridade antiga. Se os indivíduos aparentemente ganham a independência na sua conduta de vida, se veem como livres agentes no mercado, então eles passam a rejeitar o antigo modelo de autoridade. Mas, via moral, um novo modelo de autoridade é erigido pela burguesia.

Enquanto que para os membros das camadas mais altas tornou-se importante a adoção de princípios morais, porque, devido à sua posição, tinham continuamente de tomar decisões enérgicas, das quais antigamente se incumbiram as autoridades, uma moral racionalmente fundamentada se fazia

⁶³ “Materialismo e Moral”, p. 63.

⁶⁴ “Materialismo e Moral”, p. 75.

⁶⁵ “Materialismo e Moral”, p. 76.

tanto mais necessária para dominar as massas no Estados, quanto deles se exigia um modo de agir divergente dos seus interesses vitais⁶⁶

Mas o que faz com que os indivíduos aceitem essa moralidade que reforça e justifica a sua condição social e não oferece perspectivas efetivas de transformação? É preciso compreender a estrutura psíquica dos indivíduos, ou o caráter, que surge nos “momentos críticos” da consolidação da época burguesa, bem como uma pesquisa histórica mais densa, analisando o momento econômico e os conflitos de classe nas rebeliões sociais – justamente o que será feito em “Egoísmo e Movimento de Libertação”.

Tanto “História e Psicologia” quanto “Materialismo e Moral” nos dão o objeto e a chave para a compreensão, mas não levam a cabo o método que propõem e não aprofundam na investigação. Como já dito, isso será feito em 1936, nos textos “Egoísmo e Movimento de Libertação” e nos *Estudos sobre Autoridade e Família*, que compõe o projeto de Horkheimer em investigar a antropologia da época burguesa. No entanto, estes textos do início da década de 1930 já nos oferece um projeto do que virá anos mais tarde e apenas esboça algumas respostas. Quem se valerá de um vocabulário mais técnico e dará o ponto de vista da psicanálise neste regime de colaboração interdisciplinar será Fromm. Sua parceria com Horkheimer é fundamental para o *Institut* no início dos anos 1930, de modo que não podemos deixar de passar pelos seus textos. Antes de observar os fundamentos teóricos que Fromm coloca, convém observar ainda pelo menos dois pontos que Horkheimer ressalta, que é comum a Fromm, e que reverberará em sua pesquisa futura.

Trata-se da apropriação da teoria das pulsões de Freud. Afastando-se da teoria freudiana da pulsão de morte, Horkheimer se apropria da primeira teoria das pulsões de Freud que define dois tipos de impulsos: as pulsões do ego, inadiáveis, segundo Horkheimer, se relacionam com a integridade física; e as pulsões sexuais, plásticas e moldáveis, se relacionam com a integridade social. Embora os inadiáveis precedam em urgência para a sobrevivência do ser humano, muitas vezes eles podem ser aliviados por um determinado tempo pela satisfação do segundo tipo de impulso:

Em todo caso, as ações dos homens não derivam somente do seu instinto físico de conservação, tampouco somente do impulso sexual imediato, mas

⁶⁶ “Materialismo e Moral”, p. 60.

também, por exemplo, da necessidade de acionar as forças agressivas, bem como de reconhecer e afirmar a própria pessoa, de abrigar-se numa coletividade e de outros impulsos. A psicologia moderna (Freud) mostrou como tais reivindicações se diferenciam de tal maneira da fome, que esta reclama uma satisfação mais direta e mais constante, ao passo que aquelas são grandemente adiáveis, moldáveis e passíveis de satisfação através da fantasia. No entanto, entre os dois tipos de impulsos, os inadiáveis e os “plásticos”, existem relações que têm grande importância no curso da história. A não-satisfação das necessidades físicas imediatas, apesar de sua urgência maior, pode ser substituída parcial e temporariamente pelo prazer em outros campos. O *circenses* de todos os tipos em muitas situações históricas preencheram amplamente o lugar do *panis*, e o estudo dos mecanismos psicológicos que o tornam possível constitui, ao lado de sua aplicação adequada ao decurso histórico concreto a explicar, uma tarefa urgente que a psicologia tem de cumprir no quadro da investigação histórica⁶⁷.

A oposição entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação permite observar um aspecto histórico no fundamento da estrutura pulsional. Como as pulsões sexuais são altamente modificáveis de acordo com o meio e sua constituição pode, inclusive, influenciar em como as pulsões de autoconservação operam, é possível observar como a formação das estruturas psíquica dos indivíduos depende fundamentalmente do contexto histórico em que estão inseridos. A hipótese da pulsão de morte que Freud lança em 1920 em *Além do Princípio do Prazer* altera esta oposição e, de acordo com Horkheimer, além de ser uma hipótese especulativa, compromete a compreensão histórica da formação da psique. Esta apropriação da teoria das pulsões será investigada com mais vagar mais adiante.

Segundo ponto é a centralidade do conceito de caráter para a investigação psicológica. Tanto Horkheimer quanto Fromm observam que o caráter é fundamental para, em termos de psicologia social, compreender como as relações econômicas influenciam na formação da psique individual, gerando traços de caráter específicos, o que reflete na vida íntima dos indivíduos em determinado grupo social: “Na análise de uma determinada época histórica, é especialmente importante conhecer as forças e disposições psíquicas, do caráter

⁶⁷ “História e Psicologia”, p. 25.

e da capacidade de transformação dos membros de diferentes grupos sociais”. Mas se Horkheimer não se aprofunda no conteúdo de uma teoria do caráter, é porque esta tarefa estava delegada a Fromm e não por acaso Horkheimer se refere aos trabalhos de seu parceiro. Se quisermos compreender os desenvolvimentos mais maduros que virão em 1936, teríamos de passar para os textos em que Fromm executa esta tarefa de fundamentar, nos termos da psicanálise, uma teoria do caráter que se enquadre no materialismo interdisciplinar. É o que faremos no capítulo seguinte.

A CARACTEROLOGIA DE FROMM E O FUNDAMENTO MATERIALISTA DA ESTRUTURA PULSIONAL

A recepção da obra de Sigmund Freud, tanto para a psicanálise, quanto para outras disciplinas que se apropriaram de suas reflexões, é enorme: o número de interpretações e de correntes teóricas dela oriundas, divergentes entre si em maior ou menor grau, são incontáveis. A mesma disputa ocorre no que se refere à periodização dos volumes de sua obra completa, com escritos que vão de 1886 a 1939: são diversos os critérios e, por consequência, também o são os cortes teóricos atribuídos à obra de Freud. No entanto, um corte é frequente entre os comentadores: aquele marcado pela mudança conceitual provocada pela publicação de *Além do Princípio do Prazer* em 1920, onde Freud faz uma polêmica alteração em sua teoria das pulsões¹.

¹ Mezan, por exemplo, coloca esse como um dos pontos chave para compreender a evolução conceitual da obra de Freud: cf. MEZAN, R. (2001). *Freud: A Trama dos Conceitos*. São Paulo: Perspectiva.

Atento aos desenvolvimentos da psicanálise, Horkheimer também reconhece essa mudança e a vê como um corte decisivo para a interpretação da obra de Freud. Tanto reconhece que não acompanha Freud em mudança na teoria pulsional e mantém a sua interpretação da psicanálise na teoria “original”, anterior àquela de 1920. Já em 1932, no texto “História e Psicologia”, nota-se que Horkheimer observa corte teórico na obra de Freud². Depois, em 1936, ano em que são publicados os textos centrais para a nossa pesquisa, também vemos claramente o mesmo posicionamento de Horkheimer. Para demonstrá-lo, eis o seguinte trecho de “Egoísmo e Movimento de Libertação”:

O aparato conceitual que ele criou no primeiro período de sua obra pode desempenhar um importante serviço para o entendimento destes processos. Sua primeira teoria [ursprünglichen Lehre] mostra que as proibições sociais, sob dadas condições familiares e condições sociais gerais, são adequadas [geignet] para fixar o ser humano em uma etapa pulsional sádica ou para fazê-lo regredir a esta etapa³

No “primeiro período” da obra de Freud, isto é, antes de 1920, as pulsões humanas não são entendidas mediante o par conceitual pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tânatos), mas se ligam com outra dualidade, a saber, a pulsão de autopreservação (ou pulsão do Eu) e a pulsão sexual. Horkheimer opta pela primeira versão, porque se trataria de um período em que Freud era menos especulativo e mais científico em suas investigações. Também porque, de acordo com Horkheimer, a dualidade original não levaria a conclusões ahistóricas sobre o processo civilizatório ou sobre a natureza humana,

² Cf. “História e Psicologia”, p.28: “A psicologia moderna (Freud) mostrou como tais reivindicações se diferenciam de tal maneira da fome, que esta reclama uma satisfação mais direta e mais constante, ao passo que aquelas são grandemente adiáveis, moldáveis e passíveis de satisfação através da fantasia. No entanto, entre os dois tipos de impulsos, os inadiáveis e os “plásticos”, existem relações que têm grande importância no curso da história. A não-satisfação das necessidades físicas imediatas, apesar de sua urgência maior, pode ser substituída parcial e temporariamente pelo prazer em outros campos”.

³ Alguns trechos citados de “Egoísmo e Movimento de Libertação” têm tradução de nossa autoria. Quando for o caso, reproduziremos em nota o original alemão, na reimpressão de 1980 da Zeitschrift für Sozialforschung (abreviado como ZfS5, seguido do número da página), bem como as páginas das traduções americana (abreviado como EMF) e argentina (abreviado como TCAr): “Der Begriffsapparat, den er in seinen ersten Arbeitsperioden geschaffen hat, vermag wichtige Dienste beim Verständnis dieser Prozesse zu leisten. Aus seiner ursprünglichen Lehre leuchtet ein, dass die gesellschaftlichen Verbote unter den gegebenen familiären und allgemeinen sozialen Bedingungen dazu geeignet sind, den Menschen auf einer sadistischen Triebstufe festzuhalten oder ihn dahin zurückzuwerfen” [ZfS5 224-225], [EFM 104], [TCAr 215].

ao contrário da hipótese da pulsão de morte que conduziria a psicanálise a uma “metafísica biológica”⁴: seria como colocar sob pressupostos psicanalíticos um postulado eterno para a natureza humana ou como descobrir uma essência da psique humana que é natural e imune às alterações históricas. Mais do que isso, aceitar a pulsão de morte, segundo Horkheimer, teria como consequência aceitar que a dominação é necessária para a sociabilidade humana – o que impediria qualquer tentativa de crítica com vistas à emancipação⁵.

Erich Fromm, até meados dos anos 1930, interpreta a obra de Freud de modo semelhante ao de Horkheimer. Podemos dizer que a própria interpretação de Horkheimer se deve à influência de Fromm. Mas, é preciso dizer, a interpretação feita por Fromm a respeito da psicanálise freudiana não é homogênea ao longo de sua vida: isto é, as reflexões teóricas de Fromm sobre a psicanálise passam por mudanças significativas e firmes, que não apenas o levariam a reavaliar a obra de Freud, como também mudariam drasticamente o círculo intelectual que frequentou. Do fim dos anos 1920 até 1936, Fromm era um dos principais colaboradores do *Institut für Sozialforschung*, bem como era muito próximo a Horkheimer, quando este ocupava o cargo de diretor. Fromm possuía um papel privilegiado nas pesquisas psicanalíticas do *Institut*, especialmente naquelas ligadas à tentativa de integrar uma psicologia no materialismo histórico: em resumo, sua ideia era e de utilizar a primeira teoria das pulsões freudiana para compreender como se formavam socialmente os fenômenos ideológicos nos indivíduos, o que se notabiliza, como veremos, pela utilização do conceito de caráter. A partir de 1936, Fromm passa a se distanciar gradativamente da teoria das pulsões, tanto da primeira versão, quanto da segunda: ele continuaria a dar centralidade ao conceito de caráter, mas o esvazia de componentes libidinais, aproximando-se de uma corrente revisionista da obra de Freud, que contava com autores como Karen Horney e Harry S. Sullivan⁶. Em 1939, após intensas disputas teóricas e a reprovação de

⁴ “Egoism and Freedom Movements”, p. 106, tradução do inglês.

⁵ Dela, Freud deriva que o processo de civilizatório depende necessariamente de repressões: “todas os modos de coerção e as leis, assim como a moralidade e a religião, são tentativas de conter os efeitos da eterna pulsão destrutiva. Uma “elite” sempre será necessária para segurar as massas, que tendem à destruição” “Egoism and Freedom Movements”, p. 105

⁶ Sobre o afastamento de Fromm do *Institut*, tanto no aspecto teórico quanto no aspecto institucional, cf. JAY, M. *A Imaginação Dialética*, pp. 144-155; WIGGERSHAUS, R. *A Escola de Frankfurt*, pp. 294-301; HONNETH, A. “A Teoria Crítica” in: *Teoria Social Hoje*. ABROMEIT, J. “Excursus I: The Theoretical Foundations of Horkheimer’s Split with Erich Fromm in the Late 1930s. Fromm’s Critique of Freud’s Drive Theory”, in:

Horkheimer, Adorno e de Marcuse em relação a seu novo posicionamento⁷, se dá o rompimento definitivo de Fromm com o *Institut*⁸. Em *Escape from Freedom* (1941), primeiro livro que publica após o desligamento, não há qualquer menção ao *Institut* e a sua distância para a teoria das pulsões e para qualquer fundamentação na libido já é evidente.

Para a nossa pesquisa, interessa apenas o período em que Fromm esteve alinhado a Horkheimer, isto é, até a colaboração de ambos nos *Estudos sobre Autoridade e Família*, em 1936. Investigar com minúcia os motivos que levaram Fromm a abandonar a teoria das pulsões e da libido ou então observar a relação entre Horkheimer e Fromm num sentido amplo, embora sejam dois pontos importantes, escapam ao escopo desta pesquisa – e certamente dariam, cada um, temas para outras investigações. Mais especificamente, são pelo menos dois pontos na obra de Fromm que são do interesse da nossa pesquisa: como ele concilia o método psicanalítico com o materialismo histórico e, principalmente, como ele constrói o conceito de caráter no início dos anos 1930. Por conta da afinidade teórica entre Horkheimer e Fromm na época, espera-se que a compreensão básica desses dois aspectos contribua para compreender como Horkheimer se apropria do conceito de caráter

Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School. Em resumo, Jay apresenta a tese de que já em 1934 no ensaio crítico de Fromm sobre o patriarcalismo (“O Significado Sociopsicológico da Teoria do Direito Materno”) aparece com mais ênfase a crítica a Freud, este que, apesar de reconhecer o aspecto patriarcal da sociedade contemporânea, não apresentava um posicionamento crítico em relação a isso. Wiggershaus, por sua vez, dá mais ênfase para a aproximação de Fromm a Karen Horney e para o texto “O Condicionamento Social da Terapia Psicanalítica” (1935), bem como para as queixas que Adorno escreve para Horkheimer em cartas sobre as novas tendências teóricas de Fromm. Já Honneth observa que Fromm inicia no “círculo interno” do *Institut*, cujo “funcionalismo marxista” constituía a “fraqueza teórica da teoria crítica” (ver pp. 516-524); no entanto, Fromm teria superado o funcionalismo mediante a revisão de sua psicologia social influenciada por Horney e Harry S. Sullivan (ver pp. 533-537). Por fim, Abromeit dá ênfase a um escrito de Fromm escrito entre 1936-1937, mas descoberto apenas em 1992 (“Die Determiniertheit der psychischen Struktur durch die Gesellschaft. Zur Methode und Aufgabe einer Analytischen Sozialpsychologie”): trata-se de um “ensaio fundamental” (p. 337) em que mostra de modo mais detido o afastamento de Fromm da teoria da libido freudiana ainda nos anos de 1930. De qualquer modo, cabe lembrar que não faremos aqui uma leitura e interpretação de toda a obra de Fromm e tampouco faremos uma avaliação teórica sobre a evolução conceitual de toda sua obra, mas apenas analisaremos os textos em que contribuem para a teoria do caráter tal como Horkheimer irá se apropriar para a sua antropologia da época burguesa. Para nossa pesquisa, portanto, observar este corte teórico na obra de Fromm tem apenas a intenção de delimitar com mais precisão o nosso recorte de pesquisa.

⁷ Embora Horkheimer, Adorno e Marcuse, do fim dos anos 1930 em diante, critiquem por motivos semelhantes a atitude que Fromm toma diante da psicanálise freudiana e da teoria da libido, isso não significa que os três desenvolvam linhas semelhantes sobre a psicanálise. As divergências teóricas encontradas na *Dialética do Esclarecimento* e em *Eros e Civilização* são exemplos disso.

⁸ Cf. *A Life in Letters*.

para compreender fenômenos ideológicos em seus escritos sobre a antropologia da época burguesa.

Cabe, portanto, verificar e demonstrar o grau de intensidade da relação entre Horkheimer e Fromm, tanto em suas posturas metodológicas, quanto no seu conteúdo conceitual⁹. Neste capítulo, iremos aqui nos deter na análise das contribuições de Fromm após Horkheimer ter assumido a direção do *Institut für Sozialforschung*, isto é, depois de 1931, com os textos publicados na *Zeitschrift*¹⁰. Tomaremos como centro aqui os textos (I) “Método e Tarefa de uma Psicologia Social Analítica: Notas sobre Psicanálise e Materialismo Histórico” (1932), onde articula a primeira teoria das pulsões freudiana no quadro do materialismo, e (II) “Caracterologia Psicanalítica e sua Relevância para a Pesquisa Social” (1932), texto em que efetua uma tipologia do caráter relacionado a

⁹ Cabe ressaltar que, embora trabalhem em cooperação e possuam diversos pontos metodológicos em comum, Horkheimer e Fromm mantêm diferenças teóricas. Por exemplo, podemos sugerir que a inicial simpatia de Fromm ao chamado revisionismo freudiano e sua posterior adesão a este movimento contrastam com a total rejeição de Horkheimer a ele.

¹⁰ Há pelo menos dois livros de Fromm publicados antes de 1931 que vale a pena citarmos. São eles: *O Dogma de Cristo* e *Arbeiter und Angestellte am Vorabend des Dritten Reiches* (publicado em tradução para o inglês como *The Working Class in Weimar Germany*). A influência de ambos os livros reverberarão nas obras de Fromm e de Horkheimer em 1936. Em primeiro lugar, o *Dogma de Cristo* é um trabalho histórico em que Fromm investiga as causas sociais e psicológicas das mudanças (do adocionismo até o homoousianismo) que o dogma cristão sofreu da sua fundação até o Concílio de Niceia. Este trabalho que une história e psicologia será, segundo Abromeit, reaplicado – com os devidos aprofundamentos metodológicos e conceituais, como, por exemplo, um conceito de caráter mais desenvolvido – em “Egoísmo e Movimento de Libertação”: “O ensaio de Fromm pode ser visto como um protótipo para a tentativa de Horkheimer desenvolver uma antropologia da época burguesa nos anos 1930. Enquanto Fromm focou no desenvolvimento do cristianismo primitivo, Horkheimer analisou as origens e a transformação da estrutura caráter e dos ideais da burguesia moderna” (cf. ABROMEIT, J., 2011, *Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School*, p. 252). Em segundo, *The Working Class in Weimar Germany* é um livro que reúne resultados de pesquisa empírica feita com os trabalhadores alemães, das mais diversas orientações políticas, mas com atenção especial aos movimentos e partidos de esquerda (KPD e SPD, principalmente). Sua conclusão, em termos gerais, é a de que embora houvesse uma fidelidade partidária traduzida em termos de voto e de filiação partidária, as personalidades e ações inconscientes tendem, em geral, a atitudes autoritárias: somente 15% dos trabalhadores alemães ligados a alguma organização de esquerda possuem traços claramente “revolucionários” (Cf. FROMM, E. (1984) *The Working Class in Weimar Germany*, pp. 226-230). Os *Estudos sobre Autoridade e Família* recebem influência importante deste primeiro trabalho empírico, mas mostram explicações mais históricas mais aprofundadas para compreender tanto os traços psicológicos do proletariado alemão (cf. *Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School*, p. 225), quanto a adesão dos trabalhadores ao nazismo - aspecto que, evidentemente, passa a ser central para a pesquisa a partir de 1933. Embora sejam trabalhos importantes para compreender o desenvolvimento da obra de Horkheimer e a de Fromm, eles não apresentam um fundamento teórico mais sólido a partir do qual seja possível observar o conceito de caráter - o que veio acontecer somente nos escritos de Fromm na *Zeitschrift für Sozialforschung*.

regressões e fixações nas etapas do desenvolvimento sexual (fases oral, anal e genital), sugerindo um vínculo entre os traços do caráter anal com o desenvolvimento do capitalismo. Tendo em mãos o conceito de estrutura libidinal e de caráter, bem como uma compreensão de como estes mecanismos psíquicos são condicionados por fatores externos, sobretudo pela situação econômica, poderemos então compreender os fundamentos dos textos publicados em 1936, a saber, de “Egoísmo e Movimento de Libertação” e da parte teórica dos *Estudos sobre Autoridade e Família* – textos que são tema do terceiro capítulo.

I.

Em “Método e Tarefa de uma Psicologia Social Analítica”¹¹, a questão central de Fromm é de natureza mais metodológica: como o método clínico da psicanálise, voltado para a investigação de fenômenos inconscientes na psique de um único indivíduo, pode ser incluso em uma teoria social materialista mais ampla, inclinada para conhecer fenômenos socio-históricos, que envolvem pessoas dos mais variados comportamentos psíquicos e estratos sociais? Enfim, como conciliar os métodos para que ambas as disciplinas contribuam para um desenvolvimento mútuo? Ora, seria impossível dispor de um grupo de psicanalistas munidos com as mesmas orientações teóricas para atender cada um dos indivíduos de uma determinada sociedade estudada; e, mesmo se isso fosse plausível, nada indica que a compilação dos resultados da análise de cada indivíduo possa dar uma visão mais ampla e coesa de um determinado fenômeno social. A resolução para este impasse, portanto, não pode sair de uma simples “somatória” das duas abordagens. Teríamos, então, de separar os campos de estudo, deixando a psique individual para a psicologia e os fenômenos sociais para a sociologia?

A resposta de Fromm é negativa:

¹¹ FROMM, E. (1971). "The Method and Function of an Analytic Social Psychology" in: *The Crisis of Psychoanalysis*. Greenwich: Fawcett Publications. No original na primeira publicação da *Zeitschrift für Sozialforschung*, o título deste texto é "Über Methode und Aufgabe einer Analytischen Sozialpsychologie". Embora a publicação da tradução para o inglês seja supervisionada pelo próprio Fromm, que traduz *Aufgabe* por *Function*, optamos por traduzir o mesmo termo por *tarefa*. As citações a seguir serão traduzidas do inglês, recorrendo ao original em alemão quando necessário.

A tese de que a psicologia só trata do indivíduo, ao passo que a sociologia só se ocupa da “sociedade” é falsa. Pois assim como a psicologia diz sempre respeito a um indivíduo socializado, também a sociologia trata sempre com um grupo de indivíduos cuja estrutura e mecanismos psíquicos têm de ser levados em consideração¹².

Assim, segundo Fromm, materialismo histórico e psicanálise não são excludentes entre si; mais do que isso, como a seguinte citação atesta, uma compreensão mais profunda do materialismo *requer* a abordagem e a compreensão psicanalítica: “O materialismo histórico requer uma psicologia – isto é, uma ciência da estrutura psíquica do homem; e a psicanálise é a primeira disciplina a fornecer uma psicologia que o materialismo histórico pode realmente usar”¹³.

Nossa leitura de “Método e Tarefa de uma Psicologia Social Analítica” será guiada pelos dois momentos da citação anterior. Seguiremos, no entanto, a ordem inversa. Primeiro, observaremos porque Fromm afirma que a psicanálise pode ser compatível com o materialismo: seu argumento é o de que uma psicologia social analítica, se seu método for levado à risca, é ela mesma materialista. Segundo, veremos por que motivo o materialismo histórico tem a necessidade de uma psicologia: Fromm afirma que, embora o materialismo explique as causas econômicas da ideologia, somente a psicanálise consegue compreender a formação ideológica na psique humana, mediante a relação entre a estrutura pulsional e as condições econômicas de um indivíduo. É de dessa relação que resultará o conceito de caráter.

Como já mencionamos, o fundamento teórico da abordagem psicológica de Fromm é, declaradamente, baseada na primeira teoria das pulsões de Freud. Isso se vê logo no início do texto, onde faz em nota uma importante observação. Tal como Horkheimer, Fromm parte da opinião de a suposição de Freud a respeito da pulsão de morte é menos empírica e mais especulativa, e, além disso, perde em potencial crítico, uma vez que toma a vida psíquica dos indivíduos como meramente adaptativa. Por isso, o fundamento para a teoria das pulsões que utiliza em sua psicanálise é o da dualidade original de Freud, ou seja, da pulsão de autopreservação (ou pulsão do Eu) e a pulsão sexual.

¹² “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 142.

¹³ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 155.

Uma das consequências da posição geral de Freud, me parece, é a de que a atividade psíquica humana se desenvolve como uma adaptação aos processos e necessidades da vida, e que as pulsões como tais são contrárias ao biológico princípio de morte. As discussões sobre a hipótese da pulsão de morte ainda continua na psicanálise. Aqui em nossa apresentação partiremos da posição original de Freud¹⁴.

A distinção entre as pulsões de autopreservação e as pulsões sexuais parte da constatação de que a estrutura pulsional de um indivíduo depende da constituição física herdada e da sua biografia, das experiências de vida. De um lado, as pulsões sexuais, entendidas de maneira ampla, compõem a parte da estrutura pulsional que é guiada exclusivamente pelo princípio do prazer: isto é, de maneira geral, são as pulsões que operam para evitar o desprazer e para obtenção máxima e imediata de prazer. De outro lado, as pulsões de autopreservação são, em suma, aquelas responsáveis pela sobrevivência do indivíduo biológico e, de modo mais amplo, da espécie humana: trata-se da parte da estrutura pulsional influenciada pelo princípio de realidade, princípio que, considerando os obstáculos que o mundo exterior põe para a satisfação dos desejos, controla e modifica a busca pelo prazer com o objetivo de preservar a existência física de um indivíduo.

Fromm observa pelo menos quatro diferenças entre as pulsões de autopreservação e as pulsões sexuais. A primeira diferença diz respeito ao adiamento da satisfação das pulsões:

ao contrário das pulsões de autopreservação, as pulsões sexuais são adiáveis. As primeiras são mais imperativas porque, se forem deixadas insatisfeitas por muito tempo, a morte virá; em resumo, o adiamento prolongado da satisfação das pulsões de autopreservação é psicologicamente intolerável¹⁵.

Neste sentido, as pulsões de autopreservação possuem uma primazia em relação às pulsões sexuais, pois sua não satisfação coloca em jogo a sobrevivência do indivíduo – mas, é importante dizer, isso não significa que as pulsões sexuais sejam menos importantes. A segunda diferença diz respeito sobre o recalque das pulsões: enquanto as pulsões sexuais podem ser recalçadas, as pulsões de autopreservação, não, uma vez que se estas forem

¹⁴ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 139.

¹⁵ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 140.

recalcadas a sobrevivência se torna ameaçada. A terceira se pauta na sublimação: as pulsões sexuais podem ser sublimadas, isto é, em vez de serem satisfeitas diretamente, são gratificadas de maneira que se afaste do objeto de satisfação; por sua vez, as pulsões de autopreservação não têm esta possibilidade – não é possível, por exemplo, sublimar a fome. A quarta diferença diz respeito aos meios de satisfação das pulsões: de um lado, as pulsões de autopreservação só podem ser satisfeitas por meios reais e concretos, ao passo que a libido das pulsões sexuais pode ser satisfeita também mediante fantasias: “a fome de um homem só pode ser satisfeita com comida; o seu desejo de ser amado, entretanto, pode ser satisfeito por fantasias de um deus bom e amoroso, e as suas tendências sádicas podem ser satisfeitas por fantasias e espetáculos sádicos”¹⁶.

Em resumo, as pulsões de autopreservação são mais rígidas e não podem encontrar substitutos na sua satisfação, ao passo que as pulsões sexuais são plásticas, altamente intermutáveis e substituíveis. O importante é termos em mente que, para Fromm, tomar como pressuposto o fato de que a estrutura pulsional seja dividida em pulsão de autopreservação e pulsão sexual não significa que ela toda seja rígida, imutável. Ao contrário, é próprio das pulsões, especialmente a pulsão sexual, a maleabilidade e a flexibilidade de sua satisfação, o que pode alterar inclusive a forma como o indivíduo se relaciona com a sua pulsão de autopreservação.

Da compreensão de Fromm a respeito do par conceitual pulsão sexual / pulsão de autopreservação podemos extrair pelo menos dois elementos importantes para o nosso argumento. Em primeiro lugar, trata-se de observar que a estrutura pulsional, apesar de manter seus dois elementos básicos (a pulsão de autopreservação e a pulsão sexual), não mantém, segundo Fromm, uma rigidez e imutabilidade, mas são plásticas, variam de acordo com os condicionamentos externos ao indivíduo. Assim, não há nenhum estímulo “natural” que possa em qualquer circunstâncias e em qualquer tempo histórico satisfazer determinada pulsão, mas depende das condições impostas pela biografia individual e pelo condicionamento social: o aspecto biológico do indivíduo é afetada pelas suas condições históricas de vida. Em segundo lugar, o fato de que a vida psíquica de um indivíduo tem de ser compreendida em dois âmbitos, a saber, sua estrutura pulsional herdada e a sua

¹⁶ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 140.

biografia, traz consigo um elemento interessante: se as experiências individuais são fundamentais para a compreensão da estrutura pulsional, trata-se, então, de conhecer melhor as condições em que o indivíduo tem as suas experiências – condições familiares, sociais, econômicas, morais, políticas, culturais, por exemplo. E, enfim, observar se há algum vínculo entre tais condições e a estrutura pulsional do ser humano condicionada por uma determinada época histórica. Para compreender como o princípio de realidade opera na vida psíquica de um determinado indivíduo, é fundamental que se compreenda as exigências da realidade em que o indivíduo se formou: em outras palavras, é necessário um diagnóstico de época.

Esses dois elementos levam Fromm a afirmar nas primeiras palavras do texto que o método da psicanálise é, ele próprio, materialista.

A psicanálise é uma psicologia materialista que deve ser classificada entre as ciências naturais. Ela indica os impulsos [Triebregung] e necessidades pulsionais como força motivadora por trás do comportamento humano; esses impulsos e necessidades são produzidos por pulsões [Triebe] baseadas fisiologicamente que não são observáveis imediatamente¹⁷.

Isto é, a psicanálise, em sua raiz, não parte de princípios universais, eternos e ahistóricos para investigar a psique individual, não adota pressupostos idealistas, mas parte de uma análise do indivíduo sempre relacionada com as condições históricas onde está inserido. Apesar de observar como fundamento básico as “pulsões baseadas fisiologicamente”, as próprias pulsões são plásticas e maleáveis, condicionadas pelo meio social que o indivíduo se desenvolve – não são, portanto, rígidas e constantes em diferentes situações históricas. Assim, dado que está no próprio método da psicanálise a observação que a biologia do indivíduo é historicamente mutável, não seria necessário fazer uma “adaptação” do método da psicanálise ao materialismo, mas apenas seguir o método, tal como Freud pensou originalmente.

Mas Fromm está ciente de que a psicanálise empreendeu tentativas de estabelecer princípios ahistóricos para o comportamento humano. E se queixa desse desvio “idealista” da psicanálise:

¹⁷ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 138.

deve-se aplicar o método clássico da psicologia psicanalítica individual de uma maneira lógica na psicologia social, para atingir resultados que serão encontrados sem objeções. A culpa foi de psicanalistas que não utilizaram o método da maneira correta quando o transferiram do indivíduo para grupos e fenômenos sociais¹⁸.

Um dos exemplos deste desvio mencionado por Fromm é a absolutização da família burguesa. Se, de um lado, a psicanálise “burguesa” estava por observar – corretamente, na opinião de Fromm – que cada indivíduo só pode ser analisado como um indivíduo socializado, que as relações infantis são decisivas para a formação da estrutura pulsional um indivíduo, e que a família é uma das principais agências psicológicas da sociedade, por outro lado eles falham em observar que a família é ela mesma fruto de condicionamentos sociais:

Mas ignoraram quase completamente o fato de que a própria família [...] é o produto de uma específica estrutura social e (em um sentido mais estreito) de classe; que, de fato, ela é simplesmente a agência psicológica da sociedade e da classe da qual ela provém¹⁹.

Ao hipostasiar a instituição familiar, a tentativa de transferir o método da psicanálise para a psicologia social passa a entender toda e qualquer formação individual com critérios psicológicos da sociedade burguesa. Fromm não quer seguir o equívoco de psicanalistas – e aqui se incluem Reik, Roheim e até mesmo o próprio Freud – que “converteram a sociedade burguesa capitalista em um absoluto; e, mais ou menos conscientemente, acreditaram que ela era a sociedade “normal”, que as suas condições e fatores psíquicos eram típicos da “sociedade” em geral”²⁰.

Portanto, para Fromm o próprio método da psicanálise em si mesmo é materialista. Para pensá-lo como uma psicologia social e incluí-lo no quadro de disciplinas do materialismo interdisciplinar, não é necessário fazer “adaptações” no método da psicanálise, mas apenas segui-lo com rigor: é necessário pensar os indivíduos imersos em sua sociedade, com seus condicionamentos dados, bem como observar a formação da sua

¹⁸ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 148.

¹⁹ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 145.

²⁰ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 145.

estrutura pulsional de acordo com esses condicionamentos. Não há uma fórmula geral ou um fundamento básico que possa explicar o desenvolvimento da vida psíquica de um indivíduo em qualquer circunstância, mas para compreender a sua estrutura pulsional é necessário observar a situação do mundo externo que o cerca. Tomando emprestada uma expressão de Marx, não se trata de fazer algo como uma “robinsonada” psicológica. Embora tome de Freud que “o princípio fundamental da atividade psíquica é o ‘princípio de prazer’, isto é, o impulso para descarregar tensões pulsionais de um modo que acarreta a máxima soma de prazer”²¹, Fromm considera que as maneiras de satisfazer às flexíveis pulsões humanas variam na história: “A intermutabilidade e a substitutividade dos impulsos sexuais é uma das chaves para a compreensão da vida psíquica neurótica e saudável, e é uma pedra angular da teoria psicanalítica”²².

Resta compreender como o método da psicanálise voltado para a psicologia social pode contribuir para o materialismo; ou, ainda, como a investigação da estrutura pulsional pode contribuir para a confecção de um diagnóstico de época. Mas, surge, pois, a seguinte questão: o materialismo realmente precisaria de uma psicologia? A análise histórica e econômica não dispensaria elementos “superestruturais” como, por exemplo, a formação da psique humana? Sobre isso cabe atentar-se para uma ressalva feita por Fromm: o materialismo histórico pode observar como os processos econômicos alteram o comportamento, mas apenas de uma perspectiva econômica e não de um ponto de vista psicanalítico mais específico. Apesar de reconhecer a influência decisiva dos processos históricos e econômicos na formação da estrutura pulsional dos indivíduos, Fromm afirma que esta perspectiva não basta para compreender a vida psíquica individual e social, pois faltaria o ponto de vista da constituição biológica herdada. No entanto, Fromm reconhece que, embora não suficiente para uma teoria mais sofisticada, o materialismo possui alguns pressupostos que podem servir de fundamento para uma psicologia:

Na realidade, o materialismo histórico está muito longe de ser uma teoria psicológica; os seus pressupostos psicológicos são poucos e podem ser brevemente enumerados: os homens fazem a sua própria história; as necessidades motivam as ações e sentimentos dos homens (fome e amor);

²¹ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 139.

²² “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 140.

essas necessidades aumentam no decurso do desenvolvimento histórico, dessarte estimulando a crescente atividade econômica²³.

Seguindo tais pressupostos, é preciso deixar claro que uma psicologia social não tem o papel de justificar empiricamente concepções idealistas uma “natureza” ou essência humana, assim como não o tem a psicanálise: Fromm não irá investigar algum tipo de pulsões básicas que norteiam os indivíduos em todas as épocas e em todas as condições sociais, buscando uma regularidade que atinge a todos os seres humanos. Como vimos anteriormente, já o próprio método da psicanálise continha esses elementos materialistas mencionados acima. Qual seria, então, a novidade que o método psicanalítico e a psicologia social podem trazer para o materialismo?

Segundo Fromm, a principal tarefa do o método psicanalítico aplicado na psicologia social é o de investigar a formação da *ideologia* na psique de cada indivíduo. A seguinte citação, além de oferecer um pequeno resumo da argumentação de Fromm, é significativa para esclarecer a tarefa da psicologia social:

Aplicando o método da psicologia psicanalítica individual aos fenômenos sociais, verificamos que *os fenômenos da Psicologia Social devem ser entendidos como processos que envolvem a adaptação ativa e passiva do dispositivo instintivo à situação socioeconômica. Em certos aspectos fundamentais, o próprio dispositivo pulsional é um dado biológico; mas é altamente modificável. O papel dos fatores formativos primários cabe às condições econômicas. A família é o meio essencial através do qual a situação econômica exerce a sua influência formativa sobre a psique do indivíduo. A tarefa da Psicologia Social é explicar as atitudes e ideologias psíquicas compartilhadas e socialmente relevantes – e suas raízes inconscientes, em particular – em função da influência das condições econômicas sobre os impulsos da libido*²⁴.

Vemos aqui que a ideologia possui um papel privilegiado para a psicologia social. Se Marx já teria notado as causas econômicas para o desenvolvimento da ideologia, caberia então à psicanálise observar o fenômeno de outro ponto de vista, isto é, investigar

²³ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 151.

²⁴ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 149.

quais são as condições pulsionais que tornam os homens suscetíveis à formação da ideologia:

Marx diz que os homens são os produtores de suas ideologias; a psicologia social analítica pode descrever empiricamente o processo de produção das ideologias, da interação dos fatores “naturais” e sociais. Portanto, *a psicanálise pode mostrar como a situação econômica é transformada em ideologia, através da vida pulsional do homem*²⁵.

A psicologia social, portanto, observa como os fatores “biológicos”, isto é, a economia libidinal e a estrutura das pulsões, são condicionados por fatores sociais. Marx pôde observar os elementos econômicos que influenciam na formação da ideologia, mas faltava-lhe uma perspectiva psicanalítica que pudesse observar este fenômeno mais de perto, ligado com a estrutura libidinal dos homens. Para Fromm, o materialismo e a psicanálise não apenas podem se complementar, mas também tem muitos aspectos em comum. Em resumo, são três características que Fromm observa na relação entre a psicanálise e uma psicologia social fundamentada no materialismo histórico:

(1) O reino das pulsões humanas é uma força natural que, como outras forças naturais (fertilidade do solo, irrigação natural, etc.), é uma parte imediata da subestrutura do processo social. O conhecimento desta força, então, é necessário para um entendimento completo do processo social. (2) A maneira como as ideologias são produzidas e funcionam só pode ser entendidas corretamente se soubermos como o sistema de pulsões opera. (3) Quando fatores economicamente condicionados afetam o reino das pulsões, algumas modificações ocorrem; em virtude da influência das pulsões, o processo social opera em um tempo mais rápido ou mais lento do que se poderia esperar se não se der considerações teóricas a fatores psíquicos²⁶.

De qualquer forma, se no texto Fromm, como sugere o título, apresenta o *método* (o materialismo contido na psicanálise) e delineia a *tarefa* da psicologia social (a investigação da ideologia), a tarefa mesmo não é executada. Não é a preocupação deste texto se aprofundar no cerne da estrutura pulsional e observar como ela se modifica em

²⁵ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 155.

²⁶ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 157.

determinados meios econômicos: trata-se de um texto de viés metodológico, destinado a um público de psicanalistas mais amplo, inclusive de fora do âmbito da teoria crítica. Ainda assim, Fromm fornece algumas pistas do aparato conceitual que pretende utilizar para fazer análise social. A ideia mais relevante aqui, e que será desenvolvida a partir de então, é a da plasticidade da estrutura libidinal de uma sociedade, que se altera de acordo com as mudanças econômicas ao seu redor. A estrutura das pulsões e das energias libidinais é tão mutável quanto a história mostra que as condições econômicas também o são – de modo que Fromm, como já dito, não se preocupe em buscar pulsões naturais, constantes a todos os seres humanos das mais variadas culturas. Desta maneira, assim como a situação socioeconômica de uma sociedade se estabiliza, também a estrutura pulsional se mantém estável por em determinada época histórica de uma sociedade; ao contrário, se há um aumento de contradições e instabilidades na vida social, pode ser verificada uma mudança na vida psíquica dos indivíduos.

A estrutura libidinal de uma sociedade não se mantém constante, não mais do que a estrutura econômica e social. Mas conserva-se relativamente constante na medida em que estrutura social retiver um certo equilíbrio – isto é, durante a fase de relativa consolidação no desenvolvimento da sociedade. Com o aumento das contradições e conflitos objetivos, no seio da sociedade, e com a aceleração do processo de desintegração, certas mudanças ocorrem também na estrutura libidinal da sociedade²⁷.

Se são fatores materiais e econômicos o fundamento básico para o condicionamento da vida psíquica dos indivíduos, e se cada sociedade apresenta uma constelação histórica, social, econômica, e cultural distinta, então cada sociedade, em determinada época histórica apresenta uma estrutura libidinal correspondente.

[...] toda e qualquer sociedade possui sua estrutura libidinal distinta, tal como têm suas próprias estruturas econômica, social, política e cultural. Essa estrutura libidinal é o produto da influência das condições socioeconômicas sobre os impulsos humanos; por sua vez, é um fator importante no condicionamento da evolução emocional nos vários níveis da sociedade e no conteúdo da “superestrutura ideológica”. A estrutura libidinal de uma

²⁷ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 160-1.

sociedade é o meio pelo qual a economia exerce a sua influência nas manifestações intelectuais e mentais no homem²⁸.

A estrutura libidinal é, portanto, o intermediário entre o processo econômico e a ideologia, é o mecanismo pelo qual pode ser explicado o fato que a economia possui uma ideologia correspondente.

Mas Fromm alerta que a compreensão da estrutura libidinal de uma sociedade não se limita à descrição da formação da ideologia. Se a estrutura libidinal é plástica, ela pode ser observada não apenas como um elemento que justifica um ordenamento social e econômico, mas também como um elemento que pode miná-lo. Ou seja, não é apenas uma imposição psíquica a que os indivíduos têm de se adaptar. Para os indivíduos mais sensíveis às contradições materiais de uma sociedade, ou em épocas sociais instáveis, como em revoluções e revoltas, a estrutura libidinal se altera e pode abrir novas possibilidades: em vez de ser o “cimento” que garante a coesão e estabilidade de uma sociedade, pode se transformar na “dinamite” que implodiria a ordem social vigente – e que pudesse ser voltada para a emancipação.

Com o crescimento das contradições e conflitos objetivos em uma sociedade, e com a aceleração do processo de desintegração, certas mudanças na estrutura libidinal da sociedade também tem seu lugar. Vemos o desaparecimento dos laços tradicionais que mantiveram a estabilidade da sociedade; há uma mudança nas atitudes emocionais tradicionais. As energias libidinais ficam livres para novos usos e, assim, alteram a sua função social. Deixam de servir à preservação da sociedade, mas contribuem para o desenvolvimento de novas formações sociais. Deixam de ser o “cimento” e convertem-se em dinamite²⁹.

No entanto, qual é o diagnóstico de Fromm? Qual seria a estrutura libidinal típica do capitalismo? Fromm não oferece uma resposta elaborada nos textos de 1932. Isso só virá em 1936, nos *Estudos sobre Autoridade e Família*, que serão analisados no capítulo seguinte. É necessário dizer que nos *Estudos* a análise do caráter não se limita à compreensão do tipo capitalista, mas em 1936 o fenômeno nazista já tinha se consolidado,

²⁸ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 160.

²⁹ “The Method and Function of an Analytic Social Psychology”, p. 161.

de modo que dá um foco mais específico para a análise: mostrarão que o caráter autoritário típico do nazismo não se apresenta como uma ruptura para a liberdade burguesa, mas trata-se de um desenvolvimento da própria época burguesa. Em 1932 há uma preocupação menor do *Institut* em compreender o fenômeno nazista, uma vez que ainda não tinham chegado ao poder – mesmo que sua ascensão fosse notável. Mas, ainda assim, Fromm já esboça caminhos pelos quais podem ser compreendidos o diagnóstico do caráter burguês e de seus fenômenos ideológicos.

II.

O segundo texto que Fromm publica no primeiro volume da *Zeitschrift*, “Caracterologia Psicanalítica e sua Relevância para a Psicologia Social”³⁰, oferece diretrizes mais específicas de como a psicanálise pode contribuir para compreender a influência da sociedade na estrutura pulsional. Este texto pode ser lido como um delineamento mais preciso da *tarefa* da psicologia social, mencionada no texto anterior: Fromm apresenta um projeto de aprofundamento da compreensão sobre a estrutura pulsional da época burguesa mediante o conceito de *caráter*. Como se trata de um projeto, Fromm não resolve todos os problemas a que se propõe, mas, de qualquer modo, traça alguns caminhos que a psicologia social poderia seguir – e a partir do qual se desenvolverão os *Estudos sobre Autoridade e Família*, embora com muitas mudanças, é verdade. Se sua abordagem do conceito de caráter via fases do desenvolvimento sexual, tal como aqui é apresentado, não é desenvolvido com mais minúcia nos anos seguintes, ao menos temos aqui um exemplo importante tanto para entender como a formação do caráter se liga com o processo social, quanto para entender a evolução da obra de Fromm.

A seguinte citação aponta uma sugestão que Fromm dá para as pesquisas em psicologia social baseada no caráter: trata-se de observar os traços em comum dos quais os indivíduos partilham, observar a origem desses traços na estrutura econômica da sociedade

³⁰ FROMM, E. (1971). “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology” in: *The Crisis of Psychoanalysis*. Greenwich: Fawcett Publications. No original na primeira publicação da *Zeitschrift für Sozialforschung*, o título deste texto é “Über Methode und Aufgabe einer Analytischen Sozialpsychologie”.

em que o indivíduo se insere, bem como observar como os próprios traços contribuem para a manutenção da estrutura econômica.

Um estudo pormenorizado forneceria uma completa descrição psicanalítica dos traços do caráter burguês capitalista. Mostraria também como e em que medida esses traços se desenvolveram como uma adaptação aos requisitos da estrutura econômica capitalista, e em que medida, por outro lado, o próprio erotismo anal subjacente serviu como força produtiva no desenvolvimento da economia capitalista³¹.

O caráter, portanto, tem um papel privilegiado, porque está em uma posição “intermediária”, entre a estrutura pulsional e as condições econômicas externas. Por isso, compreender o caráter social de uma época implica em aprofundar-se tanto na influência que o condicionamento econômico exerce na estrutura pulsional, quanto na influência que as atitudes e valores decorrentes da estrutura pulsional condicionada exercem na manutenção da economia.

Em resumo, o caráter pode ser compreendido como a estrutura libidinal dos indivíduos condicionada pelos fatores econômicos e sociais de uma dada sociedade, localizada geograficamente e historicamente. Seria compreender. É importante lembrar que o fato de que Fromm tentar encontrar traços de caráter em comum não significa que haja uma tentativa de compreender a essência humana de uma época de maneira rígida e ahistórica: como vimos, os fenômenos psíquicos devem ser considerados de acordo com as circunstâncias históricas ao redor dos indivíduos, sobretudo as econômicas. Ainda assim, embora a própria estrutura libidinal seja historicamente mutável, tal como são os processos econômicos que a influenciam, é possível observar que há períodos históricos em que ela permanece relativamente constante – e, por consequência, também o caráter.

Uma vez que os traços de caráter estão ancorados na estrutura libidinal, eles permanecem relativamente estáveis. Eles se desenvolvem como adaptações às estruturas sociais e econômicas dadas, mas eles não desaparecem tão rápido como essas estruturas e relacionamentos mudam. A estrutura libidinal das quais esses traços de caráter se desenvolvem possuem certa inércia; um longo período de adaptação às novas condições econômicas é requerido antes de

³¹ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 185.

estabelecemos uma mudança correspondente na estrutura libidinal e em seus consequentes traços de caráter³².

Tomando o pressuposto do materialismo, da centralidade da economia e das condições materiais de vida para o diagnóstico de cada momento histórico, os fenômenos ditos superestruturais, como a estrutura libidinal de uma sociedade, se transformam de modo mais lento do que a estrutura econômica, e revelam uma relativa estabilidade em contextos históricos específicos. Essa “certa inércia” da estrutura libidinal é o que Fromm chama de caráter e é em cima disso que consegue se dedicar a busca do caráter típico da época burguesa.

Mas o ponto que é interessante de observar, tendo em mente a construção de uma psicologia social, é como esses traços de caráter são formados na estrutura psíquica de vários indivíduos de uma sociedade. A questão parece legítima: se o que define a vida psíquica de cada indivíduo é a estrutura pulsional herdada e a biografia, à primeira vista pode parecer que cada um possui uma vida psíquica independente dos outros, já que os dois critérios partem de pressupostos bem específicos e individuais. No entanto, é notável que os indivíduos “normais”, adaptados à sociedade, apresentam traços de comportamento em comum em relação aos outros ao seu redor. Para Fromm, o caráter é o que permite compreender o terreno psíquico comum de indivíduos que vivem em uma mesma época histórica e, a partir dele, iniciar uma psicologia social com base na psicanálise: o caráter, escreve Fromm, “pode também servir como ponto de partida para uma psicologia social que mostre como os traços de caráter comuns à maioria dos membros de uma sociedade são condicionados pela natureza peculiar dessa sociedade”³³.

No plano da biografia individual, o caráter é moldado pelas instituições sociais que estão em torno do indivíduo. Para Fromm, a família é a instituição central para compreender a formação dos traços de caráter no indivíduo, é a “agência psicológica da sociedade”. Segundo Fromm, a família

é o meio fundamental através do qual a formação psíquica da criança é orientada para a sociedade circundante. De que modo e em que grau os

³² “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 178.

³³ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 178.

impulsos pré-genitais da criança são suprimidos ou intensificados e a maneira como as sublimações ou formações de reação são estimuladas, dependem basicamente do processo educativo – sendo este uma expressão da estrutura psíquica da sociedade em seu todo³⁴.

A estrutural pulsional infantil é, portanto, “moldada” pela “estrutura psíquica da sociedade em seu todo”, através do papel que a instituição familiar exerce nas sublimações e reações de formação no período da infância. O resultado deste amoldamento são os traços de caráter que se manifestam no comportamento dos indivíduos. Mas, se a família, responsável pelos primeiros estímulos que um indivíduo recebe, é também produto de uma situação econômica específica e de uma classe específica, esta influência econômica também se mostra na formação do caráter individual. Embora dê ênfase para o desenvolvimento infantil, é preciso dizer que Fromm reforça que a influência na formação do caráter não se limita apenas na infância, mas também há mecanismos sociais e econômicos que endossam as tendências para que o adulto mantenha determinados traços de caráter – como a religião, a moral e a cultura.

Certos traços de caráter são os mais úteis – e os que mais fazem pelo progresso do indivíduo – dentro de uma determinada estrutura econômica, social ou de classe. Para esses traços existe algo a que podemos chamar um “prêmio social”; este opera para assegurar a adaptação do caráter do indivíduo ao que é considerado “normal” e “saudável” dentro de uma determinada estrutura social. [...] o desenvolvimento do caráter envolve a adaptação da estrutura libidinal a uma dada estrutura social – primeiro, por intermédio da família e, depois, através do contato direto com a vida social³⁵.

Uma vez que a influência de fatores econômicos na estrutura pulsional, que se inicia na infância e continua na vida adulta, é fundamental para compreender a formação do caráter que o próprio conceito de caráter não pode ser entendido de uma maneira homogênea. Depende, antes, de uma análise da situação econômica atual, da posição que o indivíduo ocupa no processo econômico, das “agências psicológicas da sociedade”, ou seja, das

³⁴ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 177.

³⁵ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 177-8.

instituições que mantêm a sociedade em funcionamento, bem como de seus “prêmios sociais”, suas gratificações e proibições,

Por outro lado, no plano do desenvolvimento pulsional, Fromm, influenciado pelos estudos da formação do caráter vinculado com o desenvolvimento do erotismo infantil de Karl Abraham e Ernst Jones, esboça em seu texto uma espécie de tipificação dos traços de caráter oriundos de cada etapa da sexualidade infantil. Para descobrir *como* os traços de caráter se formam nos indivíduos de uma sociedade, Fromm lança mão dos conceitos psicanalíticos de formação de reação e de sublimação: “[...] a primeira [a formação de reação] funciona sempre para resistir e manter subjogado um impulso reprimido, do qual extrai sua energia, ao passo que a segunda [a sublimação] representa uma transformação direta, uma “canalização” dos impulsos instintivos”³⁶.

Sua investigação se segue com uma breve exposição “biológica” das três etapas do erotismo infantil, observando os traços de caráter típicos de cada um deles, resultantes de formações de reação e de sublimações. Na seguinte citação, Fromm nos fornece um panorama das três etapas do desenvolvimento sexual infantil.

Freud estabelece uma conexão próxima entre as pulsões sexuais e as “zonas erógenas” e assumiu que as pulsões sexuais são provocadas pelo estímulo dessas zonas erógenas. No primeiro estágio da vida, a zona oral e suas funções associadas – chupar e morder – são o centro da sexualidade. Depois desta fase de amamentação, entretanto, ela muda para a zona anal e suas funções – retenção ou evacuação das fezes. Então, dos três aos cinco anos, a zona genital ganha importância. Freud designa a primeira aparição da sexualidade genital como a “fase fálica”, porque ele assume que para ambos os sexos somente o falo (ou o clitóris experimentado falicamente) que tem um papel de invasão forçada de destruição. Depois de um período de “latência”, que dura aproximadamente até a puberdade, a sexualidade genital se desenvolve com a maturação física. As forças sexuais pré-genitais são dominadas e integradas à sexualidade genital³⁷.

³⁶ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 165.

³⁷ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 166-7.

O erotismo oral é, na primeira fase da vida, o impulso sexual mais relevante. Está vinculado às sensações de prazer e satisfação que o bebê tem durante a amamentação, o que depois se expressa como o prazer em morder, chupar, mascar, cuspir, etc. O prazer em levar objetos à boca não está ligado a pulsões de autopreservação, ou seja, não se ligam com a fome, mas trata-se de um prazer em si mesmo, ligado, portanto, a pulsões sexuais, regidas pelo princípio do prazer. Fromm divide as relações de objeto da criança nesta etapa em dois momentos, o que ajuda na compreensão na formação dos traços de caráter. No primeiro, o bebê está narcisisticamente orientada, de modo que ele não faz distinção entre si mesma e o mundo exterior; suas atitudes para com a mãe são amigáveis e amorosas e são esperadas dela carinho e proteção. Neste momento, há um traço de interesse para com outros objetos, apesar da orientação narcísica. No segundo momento, o crescimento da criança suas demandas também aumentem. A retomada da mãe para a sua vida “normal”, bem como outros fatores do ambiente, fazem com que a criança cada vez mais encontre frustrações, e reage a elas com violência e hostilidade, tentando alcançar à força aquilo que lhe foi negado. Segundo Fromm:

Estes, então, são os elementos que se juntam para formar os traços de caráter “oral” nos adultos: de um lado, uma atitude de confiança e amizade em relação aos outros, um desejo de ser amado e cuidado; e, de outro lado, uma continuação em tendências agressivas, odiosas e predatórias³⁸.

É possível observar, portanto, traços de caráter relacionados às frustrações orais que um indivíduo passou na infância. De um lado, escreve Fromm, se as satisfações orais foram preenchidas sem grandes distúrbios, com uma mãe sempre presente e amorosa, há uma tendência para que o indivíduo seja otimista e espere que o ambiente em que vive lhe reserve o melhor, o que inclina o indivíduo a uma inatividade. Por outro lado, se a fase oral foi marcada por grandes frustrações, há uma tendência para que o indivíduo tente “sugar” outras pessoas, sempre demandando algo para si mesmas, seja pedindo ou ordenando. Enfim, a conclusão de Fromm sobre os traços de caráter oral é a seguinte:

O primeiro tipo de pessoa descrita acima evidencia certa nobreza e magnanimidade; ele é serenamente feliz e sociável. O segundo tipo é hostil e

³⁸ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 169.

sarcástico, reagindo com raiva quando seus pedidos são negados e profundamente invejosos daqueles que possuem algo melhor do que ele³⁹.

No crescimento da criança, desenvolve-se o controle muscular do esfíncter anal e novas sensações de prazer: o estímulo da mucosa anal, na evacuação e na retenção das fezes. Além disso, a própria relação com os produtos evacuados – o cheiro, a aparência, a sensação tátil – também são fontes de prazer para a criança: “a criança tem orgulho de suas fezes; é a sua primeira ‘posse’, é a encarnação da sua primeira produtividade”⁴⁰. Com isso, a zona anal torna-se a fonte central da sexualidade infantil. Mas a atividade da evacuação faz com que surja uma nova cobrança para a criança: é preciso defecar em lugares e em horários específicos. Por isso, ela é treinada para reter as fezes e evacuá-las apenas no momento certo, e a retenção passa a ser também um motivo de prazer. Do erotismo anal, Fromm aponta duas direções que se desenvolvem em relações de objeto:

(1) na continuação caracterológica das funções originais, que resulta no prazer ou na inabilidade de reter, coletar ou produzir; além disso, no desenvolvimento do ordenamento, da pontualidade, da limpeza e da mesquinhez; (2) na continuação do amor original pelas fezes, que encontra expressão primariamente no amor pela posse. Um significado particular é ligado ao sentimento de dever que se desenvolve durante esta etapa. O controle anal é intimamente ligado com o problema do “tem de ser”, “deveria ser” e o “não dever ser”; e a experiência clínica mostra que sentimentos excepcionalmente intensos sobre um senso de dever frequentemente voltam a este estágio⁴¹.

Há de se destacar também que nesta etapa surge um sentimento de dever, e as relações de objeto ajudam a constituir este sentimento. O papel da mãe na vida da criança se altera: ela não é mais aquela que protege, mas também passa a ser aquela que castiga. Os adultos estimulam ou castigam a criança dependendo do seu comportamento a evacuação: se defecar em locais inapropriados, a criança é submetida a uma repreensão; enquanto que se a

³⁹ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 170.

⁴⁰ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 171.

⁴¹ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 171-2.

defecação for pontual, a criança recebe estímulos para estar orgulhosa do seu feito. Resultado disso é a relação que a criança tem consigo mesmo e para com os outros.

A criança fixa-se em sua atitude narcisista, indiferente, que é intensificada, em certa medida, pela impotência física em constante declínio e o crescente orgulho em suas próprias façanhas. Ao mesmo tempo, registra-se um acentuado incremento em sua teimosia, sua atitude obstinada, sadista e hostil em relação aos outros, e sua defesa colérica contra todas as invasões de sua vida privada⁴².

Estes aspectos nos ajudam a compreender os traços anais do caráter: o amor pela organização e pela ordem; o amor pelas posses e a avareza; a teimosia; o amor pela privacidade. Mais do que isso, um traço anal importante é o fato de que o indivíduo passa a ver todos os elementos da vida como propriedades e que, se forem suas, devem ser protegidas de ameaças do outro.

Essa atitude não se aplica apenas ao dinheiro e outras posses materiais; aplica-se também aos seres humanos, sentimentos, recordações e experiências. O vigor das tendências libidinosas subjacentes, que associam propriedade com a esfera privada, pode ser facilmente medido pela fúria dessas pessoas a respeito de qualquer invasão de sua vida privada, de sua “liberdade”⁴³.

O tempo e a energia também devem ser economizadas ou gastas com parcimônia e de maneira organizada: “tais pessoas exibem, frequentemente, um deleite incomum em elaborar programas, rituais, tabelas e planos”⁴⁴.

Por fim, Fromm escreve a respeito da fase genital. No entanto, embora tenha um posicionamento favorável a respeito da sexualidade genital, Fromm observa que a psicanálise não possui muitas ferramentas para analisar os traços de caráter oriundos desta fase e não se alonga no tema. Mas Fromm aponta que a fase genital tem um aspecto que se diferencia das fases anteriores, já que a satisfação dos desejos ligados ao erotismo genital se dá de maneira direta no ato sexual. Sobre as sublimações e reações de objeto desta fase, há

⁴² “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 172.

⁴³ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 173.

⁴⁴ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 173.

pouco o que dizer: quanto a isso, Fromm limita-se a apontar algumas sugestões para o estudo futuro da psicanálise, como a divisão entre um caráter masculino e um feminino (mas apontando que todo indivíduo possui traços de ambos). Enfim, são apenas sugestões que não se aprofundam.

O principal argumento de Fromm no artigo é o de que o estudo do caráter, ligado com a estrutura pulsional biológica do indivíduo e com as condições socioeconômicas, pode contribuir para uma psicologia social interessada em elaborar um diagnóstico de tempo. Mais precisamente, Fromm observa convergências entre o caráter anal (juntamente com seus traços de organização, de elevação da esfera privada, cumprimento do dever e de amor pelas posses) e o desenvolvimento do capitalismo. Para justificar essa convergência, há uma análise de figuras típicas do capitalismo como L. B. Alberti e Benjamin Franklin, mostrando como o comportamento de ambos apresenta forte afinidade com os traços de caráter anal.

Em resumo: como traços principais do espírito burguês-capitalista reconhecemos: 1) restrição do papel do prazer como um fim em si (especialmente o prazer sexual); 2) renúncia ao amor, substituído pela ênfase sobre o arrecadar, possuir e poupar como fins em si mesmos; 3) cumprimento dos deveres pessoais como valor supremo; 4) exaltação da “ordem” e exclusão da compaixão pelo próximo.

Se compararmos esses traços do caráter com os típicos do caráter anal, antes descritos, poderemos observar facilmente que existe um vasto espectro de concordância e correspondência. Se essa concordância for um fato, então estaríamos justificados em afirmar que a estrutura libidinal típica do homem burguês se caracteriza por uma intensificação da libido anal⁴⁵.

Mas, do ponto de vista psicológico, coloca-se a questão: o que faz com que os traços do caráter anal se mantenham tão presentes nos indivíduos?

Existem duas razões básicas para que as aspirações pré-genitais permaneçam tão fortes: 1) fixação – por causa da satisfação ou rejeição especialmente intensas experimentadas na infância, os desejos pré-genitais resistem ao processo de maturação e mantêm o seu poder; 2) regressão – depois do

⁴⁵ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 184-5.

processo normal de desenvolvimento ter terminado, uma frustração interna ou externa particularmente grave leva a pessoa a reverter do amor e genitalidade às fases pré-genitais da libido. Na realidade, fixação e regressão operam juntas. Uma dada fixação representa uma disposição que, sob certas circunstâncias, pode prontamente trazer sobre uma regressão a uma etapa pulsional fixada⁴⁶.

A fixação e a regressão são os mecanismos psíquicos utilizados para entender o a afinidade entre o caráter anal e o “espírito” do capitalismo. Cabe, pois, compreender os motivos pelos quais a sociedade capitalista tende a condicionar indivíduos para a fixação e regressão nas etapas pré-genitais do desenvolvimento erótico de um indivíduo.

Em cada dinâmica social, determinados comportamentos são observados como mais adequados, de modo que servem de modelo ao qual o indivíduo deve adaptar-se. A conquista de um “prêmio social” passa pela adaptação do caráter individual ao caráter considerado “normal” e “saudável”. A moralidade, especialmente voltada para o comportamento sexual, constitui parte importante deste prêmio. E, segundo Fromm, a restrição da satisfação genital pela moralidade é responsável por fenômenos de regressão e fixação em desenvolvimentos eróticos pré-genitais.

Na medida em que a moralidade sexual de uma dada sociedade restringe a satisfação sexual, tem de haver uma intensificação correspondente dos impulsos pré-genitais ou dos seus traços de caráter concomitantes. Quando se realçam as proibições contra a satisfação genital, a libido reflui para as zonas pré-genitais e observamos crescentes provas de traços de caráter oral e anal na vida da sociedade⁴⁷.

Temos aqui, portanto, o seguinte quadro: Fromm observa uma afinidade entre os traços de caráter anal com o “espírito” do capitalismo e os seus fenômenos ideológicos correspondentes. Para investigar tal afinidade, sugere que a moralidade contrária ao prazer em si mesmo e restritiva à sexualidade tenha inibido socialmente satisfação genital dos indivíduos, o que os inclina à regressão e fixação em traços de caráter de fases pré-genitais. De outro lado, os traços de organização, amor pelas posses, de restrição do prazer, traços

⁴⁶ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 177.

⁴⁷ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 178.

oriundos do erotismo anal, formam comportamentos que contribuem para o desenvolvimento do capitalismo, que oferece “prêmios sociais” para o indivíduo pontual e obediente. É a partir disso que Fromm, já no final do texto, traça um plano de estudos sobre o tema. Vejamos novamente o trecho.

Um estudo pormenorizado forneceria uma completa descrição psicanalítica dos traços do caráter burguês capitalista. Mostraria também como e em que medida esses traços se desenvolveram como uma adaptação aos requisitos da estrutura econômica capitalista, e em que medida, por outro lado, o próprio erotismo anal subjacente serviu como força produtiva no desenvolvimento da economia capitalista⁴⁸.

Embora em 1932 tenha traçado um projeto de pesquisa com base caracterologia, Fromm não cumprirá rigorosamente com o programa. Na “Parte Sociopsicológica” dos *Estudos sobre Autoridade e Família*, principal texto que escreve nos anos de 1930, não há essa ênfase no desenvolvimento erótico, mas o que ganha a centralidade para a análise do caráter é a repressão das pulsões e o enfraquecimento do Eu na formação do caráter autoritário, típico do capitalismo. Isto é, as condições dadas pelo mercado e pela moralidade burguesa produzem condições para que o indivíduo interiorize a autoridade externa, criando vínculos afetivos e fortalecendo o super-eu. Em relação aos textos de 1932, portanto, trata-se de uma nova constelação conceitual e de um diagnóstico mais preciso sobre o caráter específico do capitalismo e, sobretudo, do nazismo.

Seja como for, podemos tirar de ambos os textos de 1932 alguns elementos que aparecerão posteriormente nas obras de Fromm, ao menos até 1936, bem como na produção teórica de Horkheimer. Em primeiro lugar, é possível observar a importância que Fromm atribui à estrutura pulsional para a compreensão de fenômenos culturais e ideológicos, como intermediária entre o processo econômico e o comportamento dos indivíduos. Cabe lembrar, que, embora tenha um fundamento biológico, a estrutura pulsional se caracteriza por ser plástica, isto é, ela se altera de acordo com os condicionamentos históricos, de modo que, mesmo que a estrutura pulsional seja a mesma, sua função muda de acordo com as condições socioeconômicas da sociedade. A biologia do indivíduo é historicamente

⁴⁸ “Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology”, p. 185.

mutável. Em segundo lugar, Fromm estabelece o conceito de caráter, a estrutura pulsional de uma determinada sociedade, sob condições históricas específicas, como conceito chave para fundamentar a psicologia social com interesse materialista: trata-se de uma espécie de “essência” histórica dos indivíduos em uma época específica, do “espírito” de uma época condicionado por fatores econômicos. Em terceiro lugar, os textos mostram o interesse de Fromm nas instituições, como a família, a religião e a moral (claro, com o pressuposto materialista de que estão inseridos em uma dada época histórica) para a formação dos indivíduos.

A “ESSÊNCIA” HUMANA NO CAPITALISMO: O CARÁTER NA ANTROPOLOGIA DA ÉPOCA BURGUESA

Qual é a essência do ser humano nas condições históricas da época burguesa? Esta é a pergunta sobre a qual Horkheimer se debruça em meados dos anos 1930, quando se preocupa em realizar uma antropologia filosófica. Mas, antes de adentrar diretamente nessa questão, há um ponto a se destacar: a pergunta acima não seria contraditória ao sugerir que a essência humana, que em tese deveria ser imune às alterações acidentais da história, é mutável? Com efeito, o materialismo de Horkheimer rejeita quaisquer tentativas de postular uma essência ahistórica para o homem, uma natureza ou um instinto como os quais a vida humana estaria fadada a conviver, como o fazem as antropologias filosóficas tradicionais. Enfim, segundo os termos de Horkheimer, elas recaem no mesmo idealismo ao pensar aspectos da vida material fundamentadas em ideias ahistóricas que condicionam a efetividade. Uma saída materialista para a antropologia, portanto, não pode pensar a

essência humana no sentido tradicional, mas tem de estar ciente de que a própria essência é histórica.

Ao mesmo tempo, Horkheimer reconhece que há fenômenos biológicos aos quais o organismo humano está submetido. Os desenvolvimentos da psicanálise mostraram como a dinâmica das pulsões do ser humano não é meramente casual ou voluntária, mas os fenômenos da psique como um todo, e nisso se inclui o inconsciente, possuem certa “lógica de funcionamento” – tal como a física e a química, por exemplo, encontrou “leis” para os fenômenos naturais. Assim, não seria possível extrair daí um conjunto de pulsões oriundo da observação da regularidade de alguns comportamentos nos homens e, a partir disso, estabelecer, com o devido rigor científico, uma natureza humana? Uma antropologia moderna não poderia surgir da psicanálise?

A resposta de Horkheimer é negativa: isso não passaria de uma “metafísica biológica”¹, que naturaliza comportamentos, a despeito das alterações históricas. E de acordo com Horkheimer, foi o que Freud fez com sua hipótese da pulsão de morte. Segundo nosso autor, a pulsão de morte freudiana pressupõe uma disposição natural do homem para a destruição e agressividade, uma disposição contida fisiologicamente na estrutura psíquica da espécie humana. Dela, Freud deriva que o processo civilizatório depende necessariamente de repressões: “todas os modos de coerção e as leis, assim como a moralidade e a religião, são tentativas de conter os efeitos da eterna pulsão destrutiva. Uma “elite” sempre será necessária para segurar as massas, que tendem à destruição”². Em outras palavras, a pulsão de morte hipostasia a dominação no desenvolvimento histórico e, com isso, Freud cede à tentação idealista e impossibilita a crítica.

Se uma das características fundamentais do idealismo, em termos gerais, é a de tentar estabelecer critérios para a vida concreta mediante conceitos universais e eternos que se pretendem ahistóricos, o materialismo, por outro lado, vê nos tanto nos conceitos teóricos quanto nas instituições um elemento histórico fundamental, que envolve processos sociais, econômicos e políticos. Na construção de uma antropologia, conceitos como “natureza” e “essência” retratam a pretensão idealista da filosofia burguesa. Assim, ela não

¹ “Egoism and Freedom Movements”, p. 106, tradução do inglês.

² “Egoism and Freedom Movements”, p. 105, tradução do inglês.

percebe que esta “natureza” egoísta do homem burguês é condicionada por elementos históricos, políticos, econômicos e sociais oriundo do próprio desenvolvimento da época burguesa.

Tal como Fromm, Horkheimer irá optar pela primeira teoria das pulsões freudiana, uma vez que ela admite que a estrutura pulsional do ser humano é plástica, isto é, muda de acordo com as condições históricas. Assim, não há disposições psíquicas ou traços de comportamento que perpassem toda a história de maneira idêntica – ou, mesmo que os traços e disposições se mantenham, eles não possuiriam o mesmo significado para a vida psíquica em outras condições socioeconômicas. A seguinte citação do texto “Notas sobre Antropologia Filosófica” – espécie de ensaio metodológico para um trabalho mais amplo sobre a antropologia publicado em 1935, um ano antes de “Egoísmo e Movimento de Libertação” – observa o posicionamento do caráter entre as condições históricas externas ao indivíduo com a constituição psicológica interna.

O caráter de cada indivíduo em um grupo origina não somente da dinâmica que diz respeito a ele em sua capacidade como um produto representativo da natureza humana, mas também de seu destino individual na sociedade. As relações entre grupos sociais surgem das mutáveis constelações entre sociedade e natureza. Esses relacionamentos são fatores determinantes na criação da composição espiritual e psicológica dos indivíduos, enquanto este caráter resultante, por sua vez, afeta a estrutura social. Assim, a natureza humana é continuamente influenciada e modificada por variadas circunstâncias. Poderia até mesmo entender a existência de uma natureza humana que é invariável no tempo como resultado do processo que continuamente se renova, processos nos quais os seres humanos forma uma parte indissociável. No entanto, não se pode entendê-la como a expressão de uma pessoa em e para si mesma. Além disso, novas formas de comportamento e caracteres emergem, que de modo algum existiram desde sempre³.

Se Horkheimer não pretende tomar como base para a sua antropologia um conceito imutável de natureza humana, o suporte materialista em que pode se apoiar é justamente o conceito de caráter. Como já observamos, caráter é um conjunto de traços de comportamento, de uma estrutura pulsional modificada pela constelação social, econômica,

³ “Notas sobre Antropologia Filosófica”, p. 152-153.

moral e cultural de uma época. Assim, cada época histórica possui uma estrutura de caráter específica, uma “essência” humana que lhe é particular. “Essência” entre aspas, pois não se trata aqui, evidentemente, de um princípio ontológico rigoroso, mas há aqui um sentido histórico a partir do qual seria possível compreender o homem. Não à toa que Horkheimer se ocupará da antropologia da *época burguesa*, isto é, uma antropologia que possui uma época específica e uma classe social em específico, evitando, portanto, qualquer traço idealista.

O conceito de caráter, portanto, viabiliza a inclusão da antropologia no quadro do materialismo interdisciplinar. Além disso, para Horkheimer, o caráter fundado no materialismo não é apenas um conceito que permite à antropologia materialista apontar com mais precisão detalhes de um diagnóstico de época, mas também tem consigo uma função que permite a *crítica*, em seu sentido mais preciso da tradição da teoria crítica: ela permite observar tendências e potenciais de transformação em direção a uma sociedade emancipada.

Estudos antropológicos [...] podem estender e refinar o entendimento das tendências históricas. Elas estariam, então, preocupadas com seres humanos e grupos de seres humanos historicamente determinados, e não com o homem em si mesmo; e buscaria entender sua existência e desenvolvimento não como indivíduos isolados, mas, ao contrário, como partes integrais da vida em sociedade. [...] Nós queremos ressaltar a existência e a transformação de características que podem determinar o atual curso da história. O conceito de homem aqui não aparece como uniforme, mas consiste em características que designam certos grupos⁴.

Enfim, tendo em mente a “função materialista” e a “função crítica” que o conceito de caráter dá para a antropologia filosófica, isto é, dando-lhe uma dimensão histórica, retornemos à questão: qual é a essência do ser humano nas condições históricas da época burguesa? Qual é, enfim, o núcleo da antropologia da época burguesa?

A seguir (I), veremos como Horkheimer coloca esta questão em termos históricos em “Egoísmo e Movimento de Libertação”. Ele observará nas revoltas burguesas contrárias ao tradicionalismo da Idade Média a ascensão histórica de características típicas

⁴ “Notas sobre Antropologia Filosófica”, p. 161.

da época burguesa – em especial a crueldade resultante do conflito entre o egoísmo econômico e a moralidade burguesa – e que ainda se reproduzem na década de 1930, tendo no fenômeno nazista (mas não apenas nele) o seu exemplo mais evidente. Em seguida (II), observemos a constituição do caráter a partir do ponto de vista de Fromm na "Parte Sociopsicológica" dos *Estudos sobre Autoridade e Família*. Seu argumento é o de que relações sociais na sociedade burguesa, desde a relação familiar na infância, tendem a enfraquecer o Eu do indivíduo e fortalecer o super-Eu, a autoridade interiorizada. O Eu, enfim, se torna dependente e afetivamente ligado à autoridade.

I.

Horkheimer inicia sua investigação a respeito com uma análise das antropologias filosóficas que pensam a essência humana na época burguesa: Hobbes e Rousseau, em especial. A primeira parte de “Egoísmo e Movimento de Libertação”, de teor mais filosófico, apresenta esta análise. Embora essas duas concepções de natureza humana pareçam contraditórias entre si – Hobbes teria uma concepção “pessimista”, enquanto Rousseau teria uma “otimista” –, elas apresentam aspectos em comum: perseguindo um conceito de natureza humana, tentam postular alguns aspectos do comportamento humano como universais, eternos, homogêneos ou naturais. O segundo ponto em comum é o fato de que o diagnóstico que possuem sobre o ser humano de sua época é o mesmo: a humanidade passa por uma “degeneração moral” e é preciso lançar mão de meios (morais, políticos ou religiosos) para retirá-la deste estado.

Portanto, o ser humano sob as condições da sociedade capitalista é, segundo a própria antropologia do alvorecer da época burguesa, egoísta. E, como reação ao egoísmo, tanto na sua vertente pessimista quanto na otimista, a antropologia da burguesia opera com um aspecto moral de condenação do comportamento egoísta do homem:

Não somente na proclamação cínica da perigosa perversidade da natureza humana que deve ser mantida em cheque por um forte aparato governamental (...), mas também a asserção em contrário de que a natureza do homem, originalmente pura e harmoniosa, que é perturbada e corrompida pelas

condições presentes – em todas essas, a renúncia absoluta de todo impulso egoísta é uma premissa autoevidente⁵.

A fim de combater a imoralidade do egoísmo, não apenas as teorias burguesas, mas as instituições da sociedade põem em prática a condenação ao egoísmo: isto é, não só a filosofia, mas também o estado, as leis, as organizações religiosas, por exemplo, lançam bases para uma moralidade em que vício e virtude são medidos de acordo com a sua relação com o egoísmo, ou seja, o interesse em si mesmo.

Mas de onde surge o sentimento e o comportamento egoísta? Horkheimer deve uma resposta materialista a esta pergunta: segundo ele, o principal motivo para que a ação humana típica da época burguesa seja egoísta é a economia burguesa, o sistema de mercado capitalista. Mas adiante, no início da terceira seção do texto, trecho em que faz uma pequena retomada dos argumentos expostos nas seções anteriores, Horkheimer escreve:

A sociedade burguesa não se baseia na colaboração consciente para a existência e felicidade de seus membros. Seu princípio vital é outro. Cada um visa trabalhar para si mesmo e tem de se preocupar com a sua própria preservação [Erhaltung]. [...] Desta estrutura básica da época deduz-se diretamente a frieza e a estranheza [Fremdheit]: não existe nada na essência do indivíduo burguês que se oponha à exploração [Unterdrückung] e à aniquilação do próximo. Ao contrário, o fato de que neste mundo cada um se torna concorrente do próximo, e de que mesmo com a crescente riqueza social há uma crescente massa de seres humanos em excesso [es der Menschen in steigendem Mass zu viele gibt] – este fato dá ao típico indivíduo da época este caráter de frieza e de indiferença, que, considerando as ações mais desmedidas, se considera satisfeito somente quando ele, com a racionalização mais mesquinha [erbärmlichsten], corresponde ao seu interesse⁶.

⁵ “Egoism and Freedom Movements”, p. 52, tradução do inglês.

⁶ Die bürgerliche Gesellschaft beruht nicht auf bewusster Zusammenarbeit für Dasein und Glück ihrer Mitglieder. Ihr Lebensgesetz ist ein anderes. Jeder meint, für sich selbst zu arbeiten, muss auf seine eigene Erhaltung bedacht sein. [...] Aus dieser Grundstruktur der Epoche leiten sich ohne weiteres Kälte und Fremdheit her: der Unterdrückung und Vernichtung des Mitmenschen steht im Wesen des bürgerlichen Individuums nichts entgegen. Der Umstand vielmehr, dass in dieser Welt jeder dem anderen zum Konkurrenten wird und selbst bei steigendem gesellschaftlichem Reichtum es der Menschen in steigendem Mass zu viele gibt, verleiht dem typischen Individuum der Epoche jenen Charakter der Kälte und

O egoísmo é, portanto, requerido para a sobrevivência no mercado capitalista. O princípio básico que move a economia burguesa é o fato de que cada indivíduo trabalha para si mesmo e sua existência material depende do desempenho do mercado é o princípio que move a economia burguesa – e é deste fato, embora não o saibam conscientemente, que as antropologias da burguesia constatarem o egoísmo em sua época. O fim da Idade Média e ascensão da classe burguesa coincidem com a pregação de que o homem é dono de seu próprio destino, e o mercado seria o instrumento social mais adequado para essa promessa de liberdade individual, onde cada indivíduo seria premiado por seus próprios méritos. A vida econômica se torna sujeita à inserção no sistema de mercado e, por conseguinte, à competição individual. E o egoísmo não é apenas requerido, mas também criado pelo mercado; e, mais do que isso, a competição estimula uma hostilidade contra o outro: “No contexto da economia aguda e das contradições sociais, o princípio da livre competição, originariamente progressista, toma o caráter de um estado de guerra permanente (...). Todos que são formados por este mundo desenvolvem lados egoístas, excludentes e hostis de seu ser, para sobreviver nesta dura realidade”⁷.

Mas Horkheimer não afirma sem mais que a essência do homem na época burguesa é egoísta e hostil. Há outros fatores que influenciam na determinação do caráter, além da participação no mercado para garantir a sobrevivência material. A saber, o impulso egoísta motivado pela luta econômica da sobrevivência entra em conflito com uma moralidade. Há, assim, uma importante constatação de Horkheimer, a de que há uma contradição entre o comportamento moral e o comportamento econômico, ambos oriundos das mesmas condições históricas do sistema de mercado. Em outras palavras, Horkheimer observa que o egoísmo passa a receber um julgamento moral: há na época burguesa um recalque, oriunda da moralidade, aos mesmos traços egoístas economicamente motivados. Neste sentido, um indivíduo é virtuoso se seu comportamento for contrário àquele requerido pelo mercado, ainda que isso possa lhe trazer prejuízos econômicos e materiais.

Seres humanos são compreendidos em termos de que o comportamento que a sociedade deles espera, e isso significa que uma disposição pulsional que contradiz os

Gleichgültigkeit, der sich angesichts der ungeheuerlichsten Taten, wenn sie nur seinem Interesse entsprechen, mit der erbärmlichsten Rationalisierung zufrieden gibt [ZfS5 215-216] [EMF 95-96] [TCAr 205-206].

⁷ “Egoism and Freedom Movements”, p. 52, tradução do inglês

princípios efetivamente governantes da realidade social é proclamada como a chamada virtude. Religião, metafísica e declamações morais preencheram a tarefa de medir as pessoas a partir do contrário do que esses fatores, em parte, levaram eles necessariamente a se tornarem no mundo histórico a que estão sujeitos⁸.

Portanto, na medida em que pregam condutas morais contrárias ao egoísmo, a religião e a moral, num primeiro olhar, aparentam constituir oposição para a economia burguesa. São, de modo geral, instituições que condenam a natureza egoísta do homem moderno e que pretendem, de alguma maneira, restringir e reprimir tais impulsos no comportamento humano, o que afetaria diretamente a competição no mercado. Mas o argumento de Horkheimer é o de que a moral e a religião, mesmo com a sua lógica contraditória em relação ao sistema de mercado, são produtos da própria dominação burguesa e operam no mesmo sentido: o humanismo da época das luzes, a pressão das classes sociais ascendentes por um mercado livre, bem como a Reforma e o surgimento de uma nova moralidade, são elementos constituintes do mesmo processo de ascensão econômica e política da burguesia e de estabelecimento do capitalismo – argumento que pode soar estranho para o leitor de Max Weber⁹. A restrição moral do egoísmo se dá por

⁸ “Egoism and Freedom Movements”, p. 54, tradução do inglês.

⁹ Segundo Weber, a consolidação do capitalismo moderno se dá por conta da introdução de uma nova conduta de vida, de uma nova ética que dá atributos morais para a atividade profissional mundana, encontrada nos movimentos religiosos da Reforma. Embora as confissões religiosas dos reformadores possuíssem claros traços tradicionalistas e, de certo modo, anti-capitalistas (Cf. WEBER, M., 2011, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, p. 81), sua pregação de conduta de vida que se afasta da vida monástica e se aproxima da ação direta no mundo, via conceito de *Beruf* (profissão / vocação), é o ingrediente cultural do qual o capitalismo precisou para vencer os obstáculos tradicionalistas que impediam seu pleno desenvolvimento – é o que, de acordo com Weber, o capitalismo necessitou para se tornar capitalismo moderno. Observando a importância desses fatores culturais, Weber se contrapõe às posições materialistas, em clara referência a setores do marxismo: “Só alhures teremos ocasião de tratar no pormenor daquela concepção do materialismo histórico ingênuo segundo a qual “ideias” como essas são geradas como “reflexo” ou “superestrutura” de situações econômicas” (*A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, p. 48). Mesmo não se enquadrando no “materialismo histórico ingênuo”, Horkheimer nos anos 1930 reconhece a primazia da economia política para a compreensão dos fenômenos sociais, embora rejeite as tendências deterministas e teleológicas que o marxismo assumiu no início do século XX. Por isso, também tem de lidar com o desafio imposto pela metodologia weberiana a todo o materialismo: como compreender fenômenos culturais e sua relação com a esfera econômica? Caberia apenas rejeitar Weber como um pensador “burguês”? Seguindo a trilha de Lukács, Horkheimer se apropria de elementos da obra weberiana para formar a sua própria teoria materialista. Por exemplo, em “Egoísmo e Movimento de Libertação”, Horkheimer mostra como Weber, para focar-se nas peculiaridades da nova confissão religiosa e na nova conduta de vida proposta, deixou em segundo plano as lutas sociais em que os líderes da Reforma se dedicaram. Lutero e Calvino

conta da restrição econômica da competição: “Uma das causas da moralidade burguesa está na necessidade social de restringir o princípio de competição que domina a época”¹⁰. Ambas as restrições, a econômica e a moral, são elementos fundamentais para a compreensão da dominação na época burguesa. Assim, para além da dominação material econômica, Horkheimer busca em fenômenos morais e religiosos os fundamentos da dominação cultural ideológica contida no desenvolvimento histórico da burguesia.

O caráter da época burguesa, isto é, a essência humana sob as condições do capitalismo moderno, tem origem, portanto, no conflito entre o egoísmo, requerido e criado pelo mercado, e a negação do egoísmo. E, dito de antemão, os traços característicos do ser humano na época burguesa, segundo Horkheimer, é o da crueldade – o que, como veremos, resultará em comportamentos como a obediência à autoridade e o desejo de aniquilar o estranho. Estes traços serão adiante discutidos com mais vagar. Levantemos, por ora, dois elementos são imprescindíveis para compreendê-los: o histórico e o psicológico. De um lado, a pesquisa histórica sobre movimentos importantes para a ascensão da burguesia revela aspectos importantes sobre as relações de classe entre a burguesia nascente, a nobreza decadente e as massas, bem como sobre o papel da moralidade e das religiões nesses movimentos – este será o principal foco da segunda seção de “Egoísmo e Movimento de Libertação”. Este aspecto mostrará *quais* são os traços de caráter típicos do líder burguês na sua relação com as massas. Por outro lado, a pesquisa psicológica, via conceito de caráter, mostra *como* as condições econômicas do capitalismo modificam a estrutura pulsional dos indivíduos, de modo a adaptá-los à nova forma de dominação, à ideologia; ajuda a entender, a partir de uma determinada estrutura pulsional resultante dos conflitos da época, como os indivíduos podem aceitar uma moral que é contrária à sua sobrevivência, à ascensão econômica e, sobretudo, à emancipação – o que será tratado com mais minúcia na terceira seção do ensaio. Este aspecto mostrará como se formam os traços de caráter, observando as condições psicológicas que tornam suscetíveis para a formação do sadismo. Enfim, ambos os aspectos permitem compreender a constituição do caráter do

participam ativamente da luta econômica de classes, de modo que esta participação, segundo Horkheimer, não pode ser vista como secundária na compreensão histórica da Reforma e da sua influência no desenvolvimento econômico, mas deve ser considerada em conjunto com a pregação moral e os novos fundamentos da ética religiosa.

¹⁰ “Egoism and Freedom Movements”, p. 54, tradução do inglês.

homem burguês, sua “essência” histórica sob as condições sociais, políticas e econômicas do capitalismo em ascensão. Em outros termos, permite compreender, com as devidas fundamentações materialistas, a antropologia da época burguesa.

Quanto à análise histórica, Horkheimer se fundamenta na investigação de alguns movimentos de libertação que marcaram a ascensão da burguesia. Os momentos revolucionários ganham destaque, porque os traços característicos se manifestam de maneira mais clara nesses momentos, tanto na dominação e controle que a burguesia exerce sobre as massas, quanto no tratamento que ela dá aos adversários da revolução. Os momentos históricos aparentemente mais estáveis também possuem traços, conflitos e dominação semelhantes, mas a luta entre os grupos sociais permanecem latentes: por isso a ênfase nos momentos em que eclodem movimentos revolucionários burgueses.

Aqui, devem ser indicadas apenas algumas ações históricas nas quais se mostra especialmente clara a constituição própria de grupos socialmente importantes da burguesia – constituição que entra em contradição com a sua própria moral. No cotidiano histórico, no “mundo dos negócios” dos novos tempos, o modo específico de maldade e crueldade atuantes nesta época são frequentemente escondidas daquelas camadas que não as experienciam diretamente em si mesmas; mas em períodos em que a ordem social afrouxa emergem claramente as suas origens e seus traços essenciais. No que se segue, tentar-se-á indicar os atributos estruturais gerais de processos conhecidos da história moderna. Ainda que o significado dos eventos que deverão ser discutidos aqui seja muito diferente no que diz respeito ao progresso da humanidade – alguns são demasiadamente localizados, outros mais religiosos do que políticos –, a constelação social se torna cognoscível nessas situações distintas com as suas mais importantes mediações, que condiciona tanto a hierarquia idealista de valores e a condenação teórica do egoísmo, quanto o traço brutal e cruel na constituição do tipo burguês. Ambos, o ser real humano e a consciência moral contraditória, assim como a sua conexão dinâmica resultam a partir de sua base social. Agora seria necessário o desenvolvimento de algumas categorias típicas, com relação ao material histórico¹¹.

¹¹ Hier soll nur auf einige geschichtliche Aktionen hingewiesen werden, an denen die eigentümliche, zu ihrer eigenen Moral in Widerspruch stehende Verfassung gesellschaftlich wichtiger Gruppen des Bürgertums

Horkheimer dá atenção a quatro movimentos revolucionários da burguesia: o de Cola di Rienzo na Roma da Baixa Idade Média; o de Savonarola em Florença; a Reforma nas figuras de Lutero e Calvino; e, por fim, a Revolução Francesa centrada na análise de Robespierre. Mas por que exatamente esses momentos evidenciam a contradição entre a constituição do homem burguês e a moralidade por ela pregada? O que acontece ali que pode mostrar o que momentos históricos relativamente mais calmos e estáveis não podem? Nestes momentos, Horkheimer encontrar alguns elementos sociais e psicológicos em comum a partir dos quais é possível ter uma compreensão mais ampla da época burguesa. A seguinte citação, apesar de longa, mostra um breve resumo sobre a avaliação de Horkheimer sobre os quatro movimentos burgueses já mencionados.

Desde o episódio em que os romanos sob a condução de Cola di Rienzo empreenderam a então anacrônica tentativa de unificação da Itália sob uma ditadura disfarçada de democracia até a sua moderna efetivação sobre o mesmo solo, o despertar e a extensão das formas de vida burguesa são marcadas pelas insurgências populares. Em todas as diferenças de seu caráter histórico e de seu significado para o progresso social, as insurgências mostram os fenômenos sociopsicológicos comuns, que no ponto de vista do presente ganham um significado especial. A ascensão e o breve domínio de Savonarola em Florença são sintomáticos para uma série de tendências do mesmo tipo neste século. A luta contra a obsoleta situação da organização da Igreja foi tomada por um líder espiritual que incorpora o interesse da crescente sociedade individualista. Como seguidores de uma série de personalidades religiosas militantes, os Reformadores conseguem as mudanças necessárias no terreno da Igreja. A Revolução Inglesa e a

besonders deutlich wird. Während im geschichtlichen Alltag, in "Handel und Wandel" der neueren Zeit, die besondere Art der in dieser Epoche wirksamen Bosheit und Grausamkeit für jene Schichten, die sie nicht gerade selbst an sich erfahren, häufig verdeckt sind, treten sie in den Perioden der gelockerten sozialen Ordnung in ihren Ursachen und Wesenszügen klar hervor. Im folgenden wird versucht, die gemeinsamen Strukturmerkmale bekannter Vorgänge der neueren Geschichte zu bezeichnen. Ist auch die Bedeutung der Ereignisse, von denen hier gesprochen werden soll, für den Fortschritt der Menschheit höchst verschieden gewesen - einige sind ganz lokal, einige mehr religiös als politisch -, so wird an diesen ausgezeichneten Stellen doch die soziale Konstellation mit ihren wichtigsten Vermittlungen erkennbar, welche sowohl die idealistische Wertrangordnung, die theoretische Verwerfung des Egoismus wie den brutalen und grausamen Zug in der Verfassung des bürgerlichen Typus bedingt. Beides, das reale menschliche Sein und das widersprechende moralische Bewusstsein sowie ihr dynamischer Zusammenhang ergeben sich aus der gesellschaftlichen Basis. Es bedarf nun der Entwicklung einiger typischer Kategorien am historischen Material. [ZfS5 172-174] [EMF 59-60] [TCAr 162-164]

Revolução Francesa dos séculos que se seguiram trouxeram a forma política da qual a economia necessitou. Tendências correspondentes atuaram na Alemanha em conexão com as guerras de libertação e as lutas contra as reações subsequentes. O curso característico desse movimento burguês é repetido no presente; a forma é agora grotescamente distorcida, porque a função progressista que satisfaz aquelas aspirações do passado, em vista da possível vitória sobre situação contraditória e dominante da sociedade, hoje não está mais associada com a atividade da burguesia, mas foi passado a grupos por ela dominados¹².

Mesmo com as diferenças históricas e locais, as revoluções burguesas acima mencionadas possuem pontos em comum. Em primeiro lugar, a constelação social envolvida é semelhante: trata-se de uma burguesia que pretende, com a convocação das massas, derrubar os poderes tradicionais, representados pela nobreza e a Igreja feudal. É um movimento que possui interesse de classe em estabelecer um novo sistema econômico, baseado no desempenho do indivíduo no mercado, o que necessitou de mudanças no interior da Igreja, que exercia o monopólio da espiritualidade, e do Estado dominado pela nobreza. Em segundo lugar, o líder passa por um processo de “mistificação”, mesmo nos casos em que a revolução não trata diretamente de temas religiosos – como nos casos de Cola di Rienzo e de Robespierre. Sua liderança não envolve somente a promessa da emancipação, como também representa uma liderança espiritual e moral, até mesmo com

¹² Seit der Episode, in der die Römer unter Führung Cola di Rienzos den damals unzeitgemässen Versuch zur Einigung Italiens unter einer demokratisch umkleideten Diktatur unternahmen, bis zu ihrer modernen Verwirklichung auf gleichem Boden, ist das Erwachen und die Ausbreitung der bürgerlichen Lebensformen durch volkstümliche Erhebungen markiert. Bei aller Verschiedenheit ihres historischen Charakters und ihrer Bedeutung für den gesellschaftlichen Fortschritt zeigen sie gemeinsame sozialpsychologische Erscheinungen, die von der Gegenwart aus gesehen besondere Bedeutung gewinnen. Der Aufstieg und die kurze Herrlichkeit Savonarolas in Florenz ist symptomatisch für eine ganze Reihe gleichartiger Tendenzen des Jahrhunderts. Von geistlichen Führern, die das Interesse der entstehenden individualistischen Gesellschaft verkörpern, wird der Kampf gegen den veralteten Zustand der kirchlichen Organisation aufgenommen. Als Nachfolger einer Reihe streitbarer religiöser Persönlichkeiten erreichen die Reformatoren die notwendigen Änderungen auf kirchlichem Gebiet. Die englischen und französischen Revolutionen der nächsten Jahrhunderte führten die politische Form herbei, deren die Wirtschaft bedurfte. Entsprechende Tendenzen wirkten sich in Deutschland im Zusammenhang mit den Befreiungskriegen und den Kämpfen gegen die anschliessenden Reaktionen aus. In der Gegenwart wird der charakteristische Verlauf dieser bürgerlichen Bewegungen wiederholt; die Form ist jetzt grotesk verzerrt, weil die fortschrittliche Funktion, die jene vergangenen Bestrebungen erfüllten, angesichts der möglichen Überwindung des herrschenden widerspruchsvollen Zustandes der Gesellschaft heute mit der Aktivität des Bürgertums nicht mehr verbunden und an von ihm beherrschte Gruppen übergegangen ist. [ZfS5 174-5] [EMF 60-1]

aparência sobre-humana. Por isso Horkheimer investiga as aparições públicas dos líderes e seus discursos para as massas, onde reforçam seu aspecto místico e fazem sua pregação moral, de modo a estabelecer um vínculo afetivo para com as massas. Em terceiro lugar, Horkheimer faz uma pequena menção à situação da burguesia na modernidade: ela não mais possui as características progressistas que tinha na época das suas revoluções – progressista num sentido específico, de ter a possibilidade de superar as contradições da época atual e libertar os potenciais emancipatórios da sociedade. O progressismo passa agora para os grupos sociais dominados pela burguesia. Tudo isso envolve, em último lugar, aspectos sociopsicológicos semelhantes: afinal, as lideranças burguesas conseguiram inflamar as massas para as insurgências de maneira que não perderam o controle da revolução. Temos, então, de compreender como o líder burguês se relaciona com as massas nas revoluções e que tipo de aspectos psicológicos esse relacionamento contém. Dito de outro modo, Horkheimer propõe a construção de categoria que permitam a compreensão psicológica da ideologia. Não faria sentido aqui mostrar todos esses pontos em todos os movimentos burgueses escolhidos por Horkheimer. Isso significaria reescrever toda a segunda seção de “Egoísmo e Movimento de Libertação”. Nossa proposta, antes, é a de oferecer uma chave de leitura para o texto para, depois, avaliá-lo no contexto mais amplo da obra de Horkheimer. Por isso, limitemo-nos a ressaltar textualmente somente alguns pontos do texto.

Um dos papéis históricos da burguesia almeja foi o de romper com as relações tradicionais de poder e dominação, despertando a insurgência das massas. Mas a luta efetiva da burguesia é pelo estabelecimento pleno de uma nova organização econômica. Trata-se de uma meta que liberta somente a sua classe, embora nos processos revolucionários a burguesia prometa a emancipação geral. O descompasso entre a promessa da burguesia e o seu interesse efetivo, no entanto, passa a ser revelado no decorrer do processo revolucionário. As intenções dos líderes burgueses se mostram de maneira mais clara para as massas: “Originalmente, os líderes das massas fazem pouca distinção entre o objetivo do público geral e aquele dos grupos mais prósperos. Somente no curso do

movimento que as classes baixas descobrem o lado sombrio, e começa a tensão entre elas e o líder”¹³.

O descompasso mostra que a função do líder burguês nas revoluções pode ser dividida em dois: de um lado, tem de superar os últimos obstáculos econômicos, políticos e espirituais da Idade Média; de outro lado, tem de evitar que as massas, por ele mesmo convocadas, se tornem plenamente conscientes do processo revolucionário, demandem a emancipação geral prometida no discurso burguês, e, assim, conduzam o movimento. Isto é, ao mesmo tempo em que precisa seduzir as massas para dar corpo à revolução, o líder burguês tem de ocultar as motivações reais do movimento – bem como oculta a posição reservada para as massas após a revolução, a saber, uma posição de subordinação semelhante ao do período pré-revolucionário, mas sob a tutela de uma nova forma de opressão. Sobre isso, Horkheimer escreve.

A situação histórica determina a essência do líder burguês. Enquanto suas ações correspondem imediatamente a interesses de grupos específicos de proprietários, em sua conduta exterior [Auftreten], e, em seu *pathos*, a miséria das massas está sempre presente. Porque ele não pode oferecer de maneira alguma a efetiva satisfação das suas necessidades – ao contrário, ele busca procura conquistá-las para uma política que se mantém em uma relação variável com suas próprias preocupações –, ele pode somente em partes cativar seu seguidor mediante uma coincidência racional com seus fins em si mesmos, e a sua crença emocional em seu gênio, o seu mero entusiasmo, tem de ser pelo menos tão forte quanto a razão. Quanto menos a política do líder burguês coincide com os interesses imediatos das massas, tanto mais exclusivamente sua grandeza tem de preencher a consciência pública, e tanto mais o seu caráter tem de ser intensificado em uma “personalidade”¹⁴

¹³ “Egoism and Freedom Movements”, p. 80, tradução do inglês.

¹⁴ Diese historische Situation bestimmt das Wesen des bürgerlichen Führers. Während seine Handlungen unmittelbar den Interessen besonderer Gruppen von Besitzenden entsprechen, klingt in seinem Auftreten und seinem Pathos überall das Elend der Massen hindurch. Da er diesen keineswegs die wirkliche Befriedigung ihrer Bedürfnisse zu bieten vermag, sie vielmehr für eine Politik zu gewinnen sucht, die in wechselndem Verhältnis zu ihren eigenen Belangen steht, so vermag er auch seine Gefolgschaft nur zum Teil durch rationale Übereinstimmung mit seinen Zielen an sich zu fesseln, und der gefühlsmässige Glaube an seinen Genius, die blosse Begeisterung, muss mindestens so stark sein wie die Vernunft. Je weniger die Politik des bürgerlichen Führers mit den unmittelbaren Interessen der Massen zusammenfällt, desto ausschliesslicher

Um dos aspectos fundamentais que Horkheimer levanta para compreender a questão é o tipo de relacionamento estabelecido entre o líder e a massa. Já mencionado na citação acima, o encontro de massas no qual é esperada a fala de um líder é propícia para o estabelecimento não de uma relação baseada na argumentação racional sobre os interesses de classe e sobre os eventos políticos, mas trata-se do fortalecimento de um vínculo emocional que o líder procura estabelecer com as massas. A confiança na figura do líder e o culto à personalidade, bem como outros símbolos que cativam emocionalmente as massas, ganham importância nas revoluções burguesas:

Na falta de uma constelação clara de interesses, os argumentos sozinhos raramente são suficientes; são necessários laços emocionais constantemente renovados. O fator psicológico na relação do líder e os seguidores se torna crucial nesses levantes. (...) Mesmo a grande importância colocada em símbolos, cerimônias, uniformes e frases, que têm as mesmas santidades de bandeiras e brasões, são seguidas da necessidade de um vínculo irracional, amarrando as massas a uma política que não é a sua própria. (...) Quanto mais os interesses especiais destes grupos se consolidam e em desacordo com a possibilidade de uma forma mais racional de sociedade, mais fortemente as influências irracionais emergem na consciência do público¹⁵.

O líder assume um papel de “autoridade emocional”. E com ele as massas estabelecem um vínculo irracional – irracional, primeiro, no sentido de que não depende prioritariamente de argumentos, mas de vínculos afetivos e emocionais; e, segundo, no sentido de que faz com que as massas persigam um objetivo que não é posto por elas mesmas, isto é, elas não estão no movimento que prevê a sua própria emancipação. O líder burguês incita as massas ao ódio contra as autoridades tradicionais que precisam ser depostas para ascensão de sua classe – e não a uma aversão a toda e qualquer tipo de autoridade. Ele mantém as massas em uma situação de dupla dependência: a econômica e a espiritual.

Embora estes líderes se autorretratam como revolucionários e inovadores, não está na sua natureza rebelar contra a ordem existente e pressionar para uma situação que historicamente possível para a felicidade humana. Eles se

muss seine Grösse das öffentliche Bewusstsein erfüllen, desto mehr muss sein Charakter zur "Persönlichkeit" gesteigert werden. [ZfS5 176] [EMF 62] [TCAr 166].

¹⁵ “Egoism and Freedom Movements”, p. 63, tradução do inglês.

experienciam como executores de um poder antigo mais alto, e a imagem que os inspiram carregam mais traços do passado do que os de um futuro melhor. (...) Embora os esforços do líder incite as pessoas a rebelar contra as condições vigentes, ele nunca pretendeu destruir a disposição das massas para a dependência mental ou sua fé cega na autoridade¹⁶.

A moral é uma das principais ferramentas que as lideranças burguesas utilizam para manter a dependência das massas. De um lado, a moral sugere e condiciona o comportamento dos indivíduos para a manutenção do sistema econômico vigente; de outro lado, o próprio sistema econômico e divisão da sociedade em classes dão bases materiais para o surgimento e a pregação da moral. O fundamento da moral burguesa, como já mencionado, é a negação do egoísmo criado pela sua época, ou, em outras palavras, a renúncia do prazer e da satisfação imediata das pulsões.

Desta relação irracional do líder com as massas torna-se mais evidente o fenômeno da ideologia. Como os líderes burgueses conseguem convencer uma grande quantidade de pessoas a se mobilizar por um objetivo que não satisfaz suas demandas? Seria fácil demais compreender esses fenômenos a partir da “ignorância” das massas ou a partir de grandes atributos e feitos individuais de algumas lideranças históricas. Uma compreensão mais rica, como a que Horkheimer sugere, irá verificar como os discursos públicos dos líderes burgueses se aproveitam de um momento socio-histórico e de uma determinada estrutura psíquica, socialmente condicionada, contida nas massas. As massas só podem ser atraídas pelo discurso burguês porque há condições psicológicas propícias para isso: há uma estrutura pulsional passível de ser modificada de acordo com as condições sociais. O caráter típico da época burguesa tem sua origem histórica desta mudança.

O caráter da época burguesa é qualificado por Horkheimer como “caráter de frieza e indiferença”. Observemos novamente o seguinte trecho:

Desta estrutura básica da época [a estrutura econômica] deduz-se diretamente a frieza e a alienação [Fremdheit]: não existe nada na essência do indivíduo burguês que se oponha à exploração [Unterdrückung] e à aniquilação do próximo. Ao contrário, o fato de que neste mundo cada um se torna

¹⁶ “Egoism and Freedom Movements”, p. 67-68, tradução do inglês.

concorrente do próximo, e de que mesmo com a crescente riqueza social há uma crescente massa de seres humanos em excesso [es der Menschen in steigendem Mass zu viele gibt] – este fato dá ao típico indivíduo da época este caráter de frieza e de indiferença, que, considerando as ações mais desmedidas, se considera satisfeito somente quando ele, com a racionalização mais mesquinha [erbärmlichsten], corresponde ao seu interesse.¹⁷

Frieza e indiferença são traços de caráter resultantes da economia de mercado. Cada indivíduo é supostamente dono de seu próprio destino, tem a liberdade de empregar a sua força de trabalho para adentrar na competição mercado e garantir suas condições materiais de sua própria sobrevivência.

Mas Horkheimer indica com o traço fundamental do caráter burguês, mais do que as passivas frieza e indiferença, a crueldade. É para compreender este fenômeno no âmbito psíquico que Freud foi evocado¹⁸. O fazer sofrer, voltado tanto internamente para o próprio indivíduo quanto para o outro, torna-se ponto essencial para a compreensão da vida psíquica do indivíduo burguês. De um lado, vimos que a moral idealista da burguesia demanda do indivíduo e das massas a renúncia das suas pulsões egoístas condicionadas pela economia de mercado, bem como a renúncia à sua própria busca por felicidade e prazer: “cada instinto que não se move em canais pré-designados, juntamente com cada desejo incondicional de felicidade, foi perseguido e reprimido em nome de esforços “morais” relatados como o “bem comum”¹⁹. Os discursos públicos do processo revolucionário proferidos pelos líderes burgueses mostram que a moral pregada, além de exigir renúncias nos comportamentos, depreciou a própria condição dos indivíduos concretos: sua conclusão é a de que cada ser humano é degenerado. Não apenas na

¹⁷ Aus dieser Grundstruktur der Epoche leiten sich ohne weiteres Kälte und Fremdheit her: der Unterdrückung und Vernichtung des Mitmenschen steht im Wesen des bürgerlichen Individuums nichts entgegen. Der Umstand vielmehr, dass in dieser Welt jeder dem anderen zum Konkurrenten wird und selbst bei steigendem gesellschaftlichem Reichtum es der Menschen in steigendem Mass zu viele gibt, verleiht dem typischen Individuum der Epoche jenen Charakter der Kälte und Gleichgültigkeit, der sich angesichts der ungeheuerlichsten Taten, wenn sie nur seinem Interesse entsprechen, mit der erbärmlichsten Rationalisierung zufrieden gibt. [ZfS5 215-216] [EMF 95-96] [TCAr 205-206]

¹⁸ “A análise de mecanismos psíquicos, por meio dos quais se produz o ódio e a crueldade, foi iniciado na psicologia moderna principalmente por Freud” [ZfS5 224-225] [EMF 104] [TCAr 215]

¹⁹ “Egoism and Freedom Movements”, p. 56, tradução do inglês.

pregação de Lutero que “trata seus ouvintes como demônios”²⁰, mas mesmo o humanismo burguês deprecia o indivíduo concreto²¹.

Assim, ambas as vertentes da moral burguesa (o humanista e o religioso) levam o indivíduo à renúncia de si mesmo, do próprio Eu. Se o diagnóstico feito pelos movimentos burgueses é o de que o indivíduo concreto encontra-se em uma condição degenerada, para livrar-se desta condição seria necessário lançar mão de artifício como autocontrole, a imposição de regras e condutas morais: “As massas devem voltar-se contra si mesmas, elas devem se tornar mais morais, mais modestas, mais resignadas. (...) As virtudes burguesas – respeito pelas leis, pacifismo, amor ao trabalho, obediência às autoridades, vontade de se sacrificar pela nação, etc. – são martelados nas pessoas junto ao medo de deus”²². Trata-se de uma violência voltada para o próprio indivíduo, um recalque de suas próprias pulsões. Alcançar o “bem comum” de uma comunidade, como proclama o líder burguês, exige uma conduta moral estrita de cada indivíduo – conduta que deve negar o egoísmo e as próprias pulsões de autopreservação, já que limita a sua participação na esfera econômica.

Por outro lado, as pulsões represadas necessitam de uma válvula de escape. A moralidade da burguesia reserva um alvo para o qual se dá vazão:

O apelo para as massas negarem a si mesmas uma satisfação adequada de seus impulsos e voltá-los contra si mesmos é acompanhado, como uma espécie de consolo, com uma sempre repetida convicção de que aqueles que não alcançarem a renúncia e empenho são condenados e não escaparão de sua terrível pena²³.

Ou seja, o egoísmo reprimido e a crueldade interiorizada devem de alguma maneira ser compensadas pelo mecanismo psíquico. No âmbito social, a saída encontrada para a satisfação desses novos impulsos é a crueldade contra os indivíduos que não se adequam à

²⁰ “Egoism and Freedom Movements”, p. 77, tradução do inglês.

²¹ A Reforma – com o seu pathos de aniquilar moralmente o homem, com o seu ódio contra a vaidade dos vermes terrenos, com a sua sinistra doutrina da predestinação – não é tanto a adversária do humanismo burguês como o seu outro lado, o misantrópico. Ela é o humanismo para as massas, e o humanismo é a Reforma para os privilegiados [ZfS5 218-219] [EMF 98-99] [TCAr 208-209]

²² “Egoism and Freedom Movements”, p. 79, tradução do inglês.

²³ “Egoism and Freedom Movements”, p. 77, tradução do inglês.

moral vigente, isto é, contra aquele que é estranho [Fremd]. O estranho apresentaria uma ameaça à ordem social e, por isso, há uma legitimação social para a hostilidade a eles direcionada. Se a hostilidade, devido às repressões morais, não pode ser descarregada diretamente, ela ganha uma saída psíquica sobre o estranho

O conceito de estranho [Fremd] se torna sinônimo do que é proibido, perigoso, condenável, e a hostilidade é tão mortal quanto os seus portadores sentem, que o proibido está irrecuperavelmente perdido para eles mesmos, devido ao seu próprio caráter rígido. O ressentimento pequeno-burguês contra a nobreza, bem como o ódio aos judeus, possuem funções mentais semelhantes [ähnliche seelische Funktionen]. Por trás do ódio contra a cortesã, o desdém contra a existência aristocrática, a fúria contra a imoralidade judia, contra o epicurismo e o materialismo, se esconde um profundo ressentimento erótico, que requer a morte de seus representantes. Elas tem de ser extintas – sob torturas, se possível –, pois o sentido de sua própria existência é colocado em questão a todo o momento pela existência daqueles²⁴.

De um lado, a moral prega a obediência, a docilidade e a renúncia ao egoísmo – uma crueldade voltada para o próprio indivíduo. De outro, mostra um aspecto contraditório, reservando um alvo social para o qual o ódio, a hostilidade e a crueldade represados podem ser canalizados. Assim, o terror, não apenas representado pela guilhotina da Revolução Francesa, mas também por um processo mais amplo de perseguição dos opositores da moral, é revelado nas revoluções burguesas e apresenta uma função social para que satisfaz de outra maneira as pulsões sexuais represadas pela moral. São, segundo a conclusão de Horkheimer, duas as funções do terror, a saber, a de conter o avanço dos opositores e adversários, e a de satisfazer psiquicamente os indivíduos partidários:

²⁴ Der Begriff des Fremden wird dem des Verbotenen, Gefährlichen, Verworfenen synonym, und die Feindschaft ist umso tödlicher, als ihre Träger fühlen, dass dies Verbotene kraft ihres eigenen erstarrten Charakters für sie selbst unwiederbringlich verloren ist. Kleinbürgerliches Ressentiment gegen den Adel und Judenhass haben ähnliche seelische Funktionen. Hinter dem Hass gegen die Kurtisane, der Verachtung gegen die aristokratische Existenz, der Wut über jüdische Unmoral, über Epikuräismus und Materialismus, steckt ein tiefes erotisches Ressentiment, das den Tod ihrer Repräsentanten verlangt. Sie sind, möglichst unter Qualen, auszulöschen, denn der Sinn der eigenen Existenz wird jeden Augenblick durch die ihrige in Frage gestellt. [ZfS5 221] [EMF 101] [TCAr 212].

Em momentos históricos críticos, o niilismo burguês se expressa sob a forma específica do terror. (...) Sua meta racional consiste em intimidar o adversário. Os atos de crueldade dirigidos contra o inimigo são medidas de proteção dirigidas para fora e para dentro. Mas o terror persegue também outra finalidade, nem sempre consciente para aqueles que o exercem e raramente confessada por eles: a satisfação dos partidários²⁵.

Embora não mencionada diretamente, a opção de Horkheimer na análise dos movimentos de libertação burgueses possui um aspecto político que dialoga com as condições de sua época. Trata-se, no fundo, de uma crítica ao regime nazista. Horkheimer quer mostrar que o nazismo não se trata de uma novidade, não consiste numa nova forma de organização social; é uma organização social que não apenas reproduz o caráter cruel da época burguesa, mas o leva para as últimas consequências. A promessa de retirar a Alemanha da crise, o culto à figura do líder, os discursos públicos baseados na influência emocional, a manutenção da posição de submissão das massas, o fortalecimento da ideia de *Volk*, a propaganda moral, o terror contra opositores e contra grupos considerados “imorais”, a glorificação do passado, a promessa de uma emancipação geral, são traços que podem ser facilmente comparados com os movimentos de libertação burgueses que o antecederam. Para Horkheimer, o nazismo não se trata de uma nova forma de organização, mas uma reprodução de fenômenos burgueses já constatados historicamente. Ou seja, não se trata de um passo para além do capitalismo e da época burguesa.

E é justamente o fenômeno nazista que provoca algumas mudanças conceituais na pesquisa do *Institut*. No caso da psicanálise, os textos de 1932 de Fromm tinham a intenção de descobrir, via conceito de caráter, os fenômenos ideológicos que impediam que o proletariado observasse e agisse de acordo com seus próprios interesses. Embora já fosse possível observar claramente a ascensão do partido nazista, é somente em 1933 que Hitler chega ao poder e em 1936, já era evidente sua pretensão totalitária. Assim, questão central para o diagnóstico, portanto, também muda: não se trata mais de pensar o descompasso das condições objetivas e subjetivas da revolução, observadas falhas da revolução alemã ou no sucesso da revolução em um país agrário como a Rússia de 1917²⁶, mas o tema passa a ser

²⁵ “Egoism and Freedom Movements”, p. 100, tradução do inglês.

²⁶ Cf. ROUANET, S. (1986). *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 13-17.

o de compreender como é possível o fenômeno autoritário do nazismo e por que os indivíduos, antes envoltos pela ideologia burguesa da liberdade individual, se rendem a um regime autoritário.

II.

Na “Parte Sociopsicológica” dos *Estudos sobre Autoridade e Família*, publicado em 1936, Fromm aprofunda a compreensão da formação do caráter da época burguesa, que chamará de caráter autoritário-masoquista, em clara referência aos fenômenos políticos. Mas ele não seguirá à risca as sugestões que deixou em seus escritos sobre a caracterologia de 1932, embora os mencione no texto²⁷: isto é, sua argumentação não desenvolve a tipificação do caráter em relação com as etapas do desenvolvimento erótico de um indivíduo. Se fizesse isso, teria de mostrar os aspectos sociais de como o recalque da sexualidade genital oriundo da moralidade burguesa faz com que os indivíduos se fixem ou regressem a etapas pregenitais do desenvolvimento erótico. Caso seguisse suas propostas à risca, teria de mostrar com maior profundidade como as instituições burguesas tendem a fixar os indivíduos com traços de caráter típicos da sexualidade anal.

No texto de 1936, observamos algumas semelhanças, alguns aspectos teóricos que Fromm leva adiante, seguindo a linha de Horkheimer. Em primeiro lugar, mantém o conceito de caráter como fundamental para uma psicologia social materialista. Em segundo lugar, o posicionamento em relação à obra de Freud se mantém semelhante em seus fundamentos: é mantida a distinção original as pulsões de autopreservação e as pulsões sexuais, sem aceitar a hipótese da pulsão de morte. Mas, comparado com os escritos de 1932, observamos agora uma nova constelação conceitual para a análise psicológica: gravitam em torno do conceito de caráter conceitos da segunda tópica de Freud (Eu, super-Eu, id), o recalque, e a interiorização. Seu argumento muda: em suma, na sociedade capitalista moderna, o recalque das pulsões inibe o desenvolvimento do Eu e fortalece o

²⁷ Cf. “Sozialpsychologischer Teil” in: *Studien über Autorität und Familie*, p. 105. Todas as traduções deste capítulo são nossas.

super-Eu, instância que interioriza a autoridade externa, e o de que a origem deste recalque está nas relações da criança inserida no modelo da família patriarcal.

Fromm vincula a formação do caráter autoritário com o enfraquecimento do Eu, o desenvolvimento do super-Eu e a sua relação com a autoridade – e não diretamente nas etapas do desenvolvimento sexual. O recalque que a cultura e a moralidade exigem dos indivíduos se liga menos com conceitos de fixação ou de regressão, do que com a interiorização da autoridade e a sua consequência, a saber, a formação psíquica do super-Eu – que se torna um dos pontos centrais da nova constelação conceitual. Isso se dá porque o super-Eu opera como uma interiorização da autoridade, de modo que o indivíduo não mais precisa de uma vigilância exterior para obedecer à autoridade e se adaptar às regras dadas.

Mediante o super-Eu, a violência externa é transformada e de fato ela é modificada em uma violência externa em uma violência interna. As autoridades como substitutas da violência externa são internalizadas, e o indivíduo agora lida com seus imperativos e proibições correspondentes não mais a partir do medo da punição externa, mas a partir do medo da instância psíquica, que é erigida nele mesmo²⁸.

O super-Eu começa a se formar na infância e é oriundo das primeiras relações que a criança tem com sua família. Autoridade e família possuem, portanto, um vínculo estreito na sociedade burguesa – e não por acaso constituem o núcleo da investigação dos estudos. Nela, a instituição familiar tem uma função específica, a saber, opera como a “agência psicológica da sociedade”, responsável por colocar os primeiros aspectos referentes à estrutura pulsional da época burguesa:

Onde o super-Eu emerge, já nos primeiros anos de vida da criança, como uma instância condicionada pelo medo do pai e, ao mesmo tempo, pelo desejo de ser amado por ele, a família se mostra como uma importante ajuda para a preparação [Herstellung] da futura capacidade do adulto em acreditar na autoridade e a ela se subordinar. A produção [Erzeugung] do super-Eu é, porém, somente uma das tarefas que a família preenche enquanto agência psicológica da sociedade; e a produção do super-Eu não pode ser separada do

²⁸ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 84.

conjunto da estrutura pulsional e do caráter de um homem, tal como ela é produzida na família²⁹.

Embora Fromm, em 1932, já tenha atribuído à família a mesma função de agência psicológica da sociedade, seu significado aqui é muito mais importante, porque as relações interpessoais ganham maior centralidade do que o desenvolvimento biológico. Na sociedade em que a instituição familiar patriarcal envolve a primeira infância do indivíduo, a formação da sua estrutura pulsional é formada na sua relação edípica com a figura paterna. Cabe lembrar, no entanto, que nem a família e nem a relação edípica dela oriunda devem ser consideradas instâncias absolutas, tampouco biológicas, para o desenvolvimento do ser humano – mas são resultados dos condicionamentos sociais. Ou seja, a instituição familiar não é uma “ilha” que se mantém alheia ao processo social, mas é parte constituinte que reflete as relações socioeconômicas de uma época, assim como também o são os afetos originados das relações familiares: “A autoridade, a saber, a que o pai tem na família, não é uma autoridade accidental que será depois “completada” pela autoridade social, mas a autoridade do pai de família ela mesma se fundamenta, finalmente, na estrutura da autoridade do conjunto da sociedade”³⁰.

Pelo menos dois elementos indicados por Fromm na formação do caráter burguês contribuem para a reflexão de Horkheimer em “Egoísmo e Movimento de Libertação” e merecem atenção. O primeiro é o laço emocional que o indivíduo estabelece com a autoridade e com o seu super-Eu. O segundo é a relação ambígua de afetos que permeiam esta relação. A seguinte citação mostra os dois elementos e a maneira como estão imbricados.

O que é decisivo na relação do Eu com o super-Eu, como é a do indivíduo com a sua autoridade, é seu caráter emocional o indivíduo quer se sentir amado pelo seu super-Eu, tal como pela sua autoridade; teme a hostilidade dela; e satisfaz seu amor próprio, quando ele compraz seu super-Eu ou a autoridade com a qual se identifica. Com a ajuda dessas forças emocionais ele

²⁹ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 87.

³⁰ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 88.

é bem sucedido em reprimir [unterdrücken] os impulsos e desejos proibidos – ou, mais especificamente, perigosos³¹.

O que define os traços da estrutura pulsional da época burguesa, ou seja, do seu caráter, é o fato de que o indivíduo busca ser amado pela autoridade (ou pela sua interiorização, o super-Eu), acompanhado da angústia com a possibilidade de receber castigos e de perder este amor. Fazer coincidir o super-Eu com a autoridade externa é uma maneira de garantir o amor da autoridade. A partir desta relação emocional, o Eu do indivíduo é enfraquecido, já que se torna dependente das proibições e do amor oferecido pela autoridade – e quebrar essas proibições significa a angustiante possibilidade de perder o amor e a proteção da própria autoridade.

Mas como se formam esses vínculos emocionais? Fromm precisa apresentar uma explicação materialista para esta questão. Seu ponto de partida é o conceito de angústia [Angst]³² como o principal afeto que forma essa relação. É preciso apontar, no entanto, uma distinção que Fromm faz entre *Angst* e *Realangst*. Enquanto a *Realangst* se trata de uma angústia oriunda de um perigo real, de algo concreto que ameace a sobrevivência individual, a *Angst* é a angústia oriunda de um vínculo emocional mediada por uma autoridade.

Certamente, ao lado do desejo de ser amado pela autoridade – para ser mais preciso, pelo próprio super-Eu –, também aqui angústia [Angst] é um fator decisivo. Mas ela é diferente da “angústia real” [Realangst], sobre a qual acabamos de falar. Não é uma angústia claramente definida em relação a uma consequência determinada, que ocasiona a ação proibida, mas é uma angústia irracional, indeterminada e emocional em relação à pessoa de autoridade [Autoritätsperson], mais especificamente dos seus representantes internos. [...] Por conta da irracionalidade e do aspecto emocional [Emotionalität] desta angústia em relação à autoridade, seus efeitos estão sob circunstâncias muito maiores do que aquelas claramente delimitadas pela angústia real [Realangst]; onde ela está presente, o próprio impulso é consciente, mas é recusado sob

³¹ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 95.

³² A tradução do termo *Angst* para o português varia muito e se confunde com as traduções dos termos *Furcht* e *Schreck*. Seguindo sugestão de Marcos Nobre e Inara Marin, traduziremos *Angst* pelo termo *angústia*: cf. “Uma nova antropologia. Unidade crítica e arranjo interdisciplinar na Dialética do esclarecimento”, in: *Cadernos de Filosofia Alemã*, n° 20, p. 109.

circunstâncias da angústia. A angústia específica do super-Eu ou da autoridade opera, no entanto, de maneira tão forte que o próprio impulso não penetra na consciência, mas, por assim dizer, é recalcado antes que ele chegue tão longe³³.

Portanto, para explicar a interiorização da autoridade no super-Eu e, conseqüentemente a formação do caráter autoritário, é preciso compreender como se forma o sentimento de angústia na psique individual, pois é neste afeto que se concentra o enfraquecimento e dependência do Eu em relação à autoridade.

Mas a própria angústia, diz Fromm, tem na sua origem uma angústia real – e aqui entra seu aspecto materialista: “a angústia é, em sua qualidade, em parte uma angústia real, em parte aquela angústia irracional-emocional em relação ao super-Eu e às autoridades”³⁴. A angústia real como manifestação da defesa do Eu se apresenta em maior grau quanto menor for o grau de dominação da natureza que uma dada organização social pode oferecer a seus membros. Ao mesmo tempo, quanto maior for a ação humana para a transformação do meio e para o domínio da natureza mediante o pensar ativo, tanto maior o desenvolvimento do Eu em sua independência. Por outro lado, quanto maior for a submissão e a angústia do indivíduo diante dos perigos da natureza externa, seus recalques tendem a se tornar mais intensos e, por conseguinte, o Eu tende a se tornar mais fraco e dependente. Portanto, o “Eu requer, enquanto ainda é fraco, certa medida de ausência de angústia [Angstfreiheit] para se desenvolver”³⁵. No ponto de vista do desenvolvimento infantil, seria necessário privar a criança de angústias para que seu Eu se desenvolva de maneira saudável.

A figura da autoridade – o pai, nas sociedades patriarcais – aparece inicialmente como uma instância externa que protege o indivíduo frente às angústias reais: é aquele que garante sua sobrevivência. Assim, de um lado, a figura paterna oferece aquela “ausência de angústia” necessária para o desenvolvimento pleno do Eu, e por isso a criança não apenas depende, mas deseja o amor do pai. Por outro lado, para ser amada, a criança tem de submeter às regras, que aparecem como criadas pela autoridade paterna. Há uma angústia

³³ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 96.

³⁴ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 103.

³⁵ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 102.

diante do risco de perder o seu amor e a sua proteção: “o Eu enfraquecido requer suas tarefas psíquicas da autoridade para o domínio [Bewältigung], a autoridade, por sua vez, enfraquece o Eu mediante a angústia que nele cria”³⁶. Deste modo, a angústia real se torna angústia, já interiorizada, e o super-Eu se desenvolve, bem como enfraquece a independência do Eu. O indivíduo recalca suas pulsões não porque se encontra diante de um perigo que ameace sua sobrevivência, mas o faz de maneira inconsciente – o super-Eu se encarrega de impedir que a pulsão venha a se expressar no plano da consciência.

Esta relação entre pulsões e afetos determina o caráter da época burguesa. Para manter-se de acordo com a autoridade amada e da qual se espera o amor, a obediência é esperada. Mas esta relação emocional com a autoridade não se limita ao pai: a figura paterna é apenas a primeira representante da autoridade na vida de um indivíduo numa sociedade patriarcal, como é a época burguesa. A época burguesa oferece autoridades substitutas, como o mercado e o dever, assim como dá novo significado para instituições pré-modernas, como o conceito de deus e as idealizações do passado, e que sempre aparecem como eternas ou naturais. A atividade do Eu se limita a submeter-se à estrutura autoritária, tanto psicologicamente, quanto socialmente. É por conta da adaptação a que o indivíduo se submete e da qual sofre que Fromm diagnostica a estrutura pulsional de sua época como o caráter masoquista-autoritário.

A atividade é possível em nome de deus, do passado, do curso da natureza, do dever e não em nome do ainda não nascido [Ungeborene], daquilo que é futuro [Zukünftig], dos impotentes, ou, simplesmente, da felicidade. Da dependência [Anlehnung] de violências superiores o caráter autoritário tira a sua força para a ação ativa. Estas violências não são, elas mesmas, atacadas ou alteráveis. No caráter masoquista, a coragem persiste em suportar o sofrimento que o destino ou sua personificação, o líder, impõe. Sofrer sem reclamar é a maior virtude, não a abolição ou, ao menos, a redução do sofrimento³⁷.

A descrição mais precisa que Fromm dá ao masoquismo é a seguinte: “O caráter masoquista vivencia [erlebt] sua relação com o mundo sob o ponto de vista do destino

³⁶ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 103.

³⁷ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 120-1.

inescapável. Ele não ama somente aquele dado que restringe a vida humana e limita a liberdade humana; ele ama também a submissão a um fato cego e onipotente”³⁸. É o desejo de dispor a si mesmo ao sofrimento, eterno e incontrolável.

Mas a relação com a autoridade não comporta apenas o amor e obediência, não comporta somente o masoquismo. Há, de acordo com Fromm, uma postura ambivalente: “Entretanto, este amor ao mais forte surge de uma base afetiva [Gefühlsbasis] profundamente ambivalente. Quando se ama os mais fortes e os mais poderosos, isso não significa que, ao mesmo tempo, não o inveje e o odeie. Mas este ódio é usualmente recalcado”³⁹. A inveja e o ódio são afetos que acompanham o amor e a obediência, mas são recalcados pela autoridade interior ainda antes de se tornarem conscientes. O recalque, no entanto, represa energias psíquicas que precisam dar vazão, e encontram como alvo as camadas sociais mais vulneráveis.

Tudo que existe como hostilidade e agressão e que não pode se expressar diante dos mais fortes encontra seu objeto nos mais fracos. Quando se deve recalcar o ódio contra os mais fortes, então se pode fruir a crueldade contra os mais fracos. Quando se deve renunciar a estabelecer suas próprias vontades [Willen] contra os mais fortes, então permanece a fruição do sentimento de poder através da dominação ilimitada sobre os mais fracos; e isso significa mais dominação, para força-los ao seu sofrimento⁴⁰.

Este fenômeno de direcionar as pulsões recalcadas para transformá-las em crueldade e o sadismo é facilmente observável em experiências políticas totalitárias da primeira metade do século XX, quando Fromm publicara o texto. Mais do que isso podem ser utilizadas para complementar a análise de Horkheimer em “Egoísmo e Movimento de Libertação” com um vocabulário psicanalítico. Como observamos anteriormente, Horkheimer observa que é característica dos movimentos de libertação burgueses o fato de que as lideranças convocam as massas para as insurgências mediante discursos grandiosos e uma pregação moral. Os discursos, junto com seus recursos estéticos, reforçam a ligação emocional do líder com as massas, enquanto a moralidade forma uma hierarquia que divide

³⁸ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 118.

³⁹ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 116.

⁴⁰ “Sozialpsychologischer Teil”, p. 117.

a população entre os indivíduos virtuosos, que pertencem verdadeiramente ao grupo, e os que são estranhos a ele, responsáveis pela degeneração moral da sociedade. Assim, as massas convocadas pelo líder para demover uma autoridade, se submetem à do líder, isto é, o líder burguês não tem a pretensão de tornar as massas independentes ao fim do processo revolucionário, mas tem a de utilizar o potencial de revolta das massas para realizar os interesses da burguesia.

O conceito de caráter é central para compreender este fenômeno de dependência das massas. Qual seria a estrutura pulsional presente nos indivíduos da sociedade moderna que permite que esse fenômeno se reproduza? Quais são as condições psicológicas para que isso ocorra? Apropriando-se do conceito de super-Eu, Fromm nos mostra com mais detalhe como as autoridades são interiorizadas, de modo que não é necessária uma vigilância externa para observar se o indivíduo cumpre com o papel que lhe é esperado, ele próprio se sente culpado. As autoridades da época burguesa, não só representada na figura do pai, mas por toda instância externa, aparentemente eterna, imutável e ahistórica que condiciona a vida humana (como o mercado, a noção de dever e deus), abrem uma tendência para que sejam interiorizadas no super-Eu e ganhem formas racionalizadas e ideológicas que justifiquem a existência da autoridade. Enfim, o desenvolvimento do super-Eu, o enfraquecimento do Eu, a mobilização de afetos como amor e angústia, crueldade e prazer em sofrer, veneração da autoridade e hostilidade contra os estranhos, formam a estrutura pulsional que baseia o caráter burguês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa dissertação procurou demonstrar a importância do conceito de caráter para a Teoria Crítica de Max Horkheimer ao longo dos anos 1930. É mediante tal conceito que Horkheimer, em larga medida auxiliado pelas formulações de Erich Fromm, consegue utilizar esforços da psicologia para realizar uma teoria social, tendo em vista um diagnóstico de época com viés crítico. O caráter permite observar quais são as condições históricas e econômicas que condicionam a formação da personalidade; ou, em outras palavras, como a economia capitalista, via instituições “superestruturais”, como a moral e a família, influencia na psique individual, mobilizando as pulsões. Mais do que enunciar o caráter como um dos conceitos chave para realizar um diagnóstico, Horkheimer e Fromm realizam o próprio diagnóstico, concluindo que o caráter típico da época burguesa é o da crueldade, da desvalorização do sujeito individual, via pregação moral na sociedade de desvalorização e degeneração do indivíduo, e da interiorização da autoridade externa, por meio fortalecimento do super-Eu, o que impede um desenvolvimento autônomo e

emancipado do Eu. Cabe lembrar que o fundamento materialista dado ao caráter impede que a internalização da autoridade externa e a inibição do desenvolvimento autônomo do indivíduo sejam vistas como inerentes a todo processo de socialização, mas é típico da época burguesa.

O conceito de caráter, então, organiza a constelação conceitual da psicanálise dentro do materialismo interdisciplinar. Neste quadro, os conceitos de Eu, super-Eu, interiorização, entre outros, só fazem sentido se observados de maneira histórica, como sugere o materialismo. Ou seja, têm de ser observados como uma perspectiva da formação de um caráter típico de uma época e não como um desenvolvimento natural do ser humano. Sem um conceito materialista de caráter, um diagnóstico psicanalítico dos traços de comportamento humano tende a uma naturalização, ou o que Horkheimer chamaria de “metafísica biológica”. Por outro lado, o caráter permite compreender com mais profundidade aspectos psicológicos e subjetivos de uma sociedade, o que o fundamento econômico do materialismo, por si só, não consegue compreender. A ideologia, a obediência, as dificuldades em estabelecer condições subjetivas para uma transformação social, enfim, os bloqueios subjetivos para a emancipação são aspectos que o conceito de caráter permite compreender de maneira mais detalhada.

É claro que em alguns momentos do desenvolvimento da nossa pesquisa aparecem “sugestões” para interpretações da atualidade. O caráter cruel para consigo mesmo e para com o outro parece poder explicar fenômenos como o surgimento de lideranças, o comportamento passional das massas, a exclusão sistemática de determinados setores sociais, por exemplo. Mas a nossa pesquisa não tem a pretensão de debater se a teoria do caráter tal como articulada por Horkheimer é capaz de nos fornecer um conceito psicanalítico adequado para realizar um diagnóstico de época contemporâneo. Isto é, não pretendemos avaliar a possibilidade de atualização da psicanálise utilizada pela Teoria Crítica na década de 1930. Isso demandaria um profundo debate com autores da Teoria Crítica pós-1950, em especial Habermas e Honneth, que se apropriam de uma matriz não-freudiana da psicanálise⁴¹. Fosse debatido a atualização, teríamos de ter condições de

⁴¹ Para um panorama sobre a apropriação que a teoria crítica faz da psicanálise em matrizes freudianas ou não-freudianas ver MARIN, I (2004) “Psicanálise e Emancipação na Teoria Crítica” in: *Curso Livre de Teoria Crítica*.

dizer quais são as vantagens de retomar um conceito de matriz freudiana para realizar uma Teoria Crítica. Mais do que isso, reconhecemos os limites do fundamento materialista que Horkheimer coloca para a sua pesquisa interdisciplinar: se este fundamento é adequado para compreender a década de 1930, não podemos transplantá-lo para a realidade atual, já que o capitalismo, as relações sociais, bem como a cultura e a estrutura psicológica, já se transformaram significativamente. O próprio Horkheimer defendia que a verdade tem um núcleo histórico e realizar um transplante sem um debate seria trair esse princípio. Em suma, para uma tentativa de atualizar o conceito de caráter na Teoria Crítica, teríamos de debater não só o papel que psicanálise ganha para investigar os novos tempos, mas também a seus fundamentos teóricos e diagnósticos. Um trabalho que vai muito além do escopo desta pesquisa.

Nem mesmo Horkheimer e Fromm mantiveram sustentaram o materialismo interdisciplinar e a teoria do caráter por muito tempo. Nos anos 1940, ambos rompem de uma maneira dupla: entre si e com o modelo do materialismo interdisciplinar. Como vimos, na década de 1930, Horkheimer e Fromm convergiam no que diz respeito à apropriação e aproximação de Freud e Marx: a ideia foi a de apropriar a primeira teoria das pulsões freudiana em torno da centralidade da economia para compreender processos sociais, o que resultaria numa noção histórica de caráter. Na década de 1940, Fromm elabora em *Escape from Freedom* uma teoria do caráter que se afasta completamente da teoria pulsional de Freud, o que é um dos motivos para o rompimento com Horkheimer. Fromm se aproxima do chamado “revisionismo freudiano”, que praticava uma psicanálise que removia o seu conteúdo pulsional e libidinal. A saber, Fromm continua a usar o conceito de caráter para compreender a psicologia social em meio aos fenômenos históricos, estabelecendo uma ponte entre psicologia e sociologia. No entanto, ao mesmo tempo em que mantém o aspecto dinâmico da formação do caráter, Fromm dá a ele um conteúdo novo, deixando de empregar as energias sexuais como fundamento básico para compreender os fenômenos psíquicos:

O termo ‘caráter’ aqui é usado no sentido dinâmico empregado por Freud. Neste sentido, refere-se não apenas à soma total de padrões de comportamento característicos de uma pessoa, como aos impulsos dominantes que motivam esse comportamento. Desde que Freud presumiu que as forças

motivadoras básicas eram sexuais, chegou a conceitos como os de caracteres “oral”, “anal” ou “genital”. Como não partilhamos dessa suposição, somos obrigados a conceber tipos de caráter diferentes; o conceito dinâmico, contudo, permanece o mesmo⁴²

Horkheimer, por sua vez, muda o seu diagnóstico, o que o faz mudar também sua teoria. A partir do diagnóstico de Friedrich Pollock a respeito do capitalismo de estado, nova forma econômica que surge pós-1929, superando o capitalismo liberal, Horkheimer não pode mais deixar a economia como centro de uma constelação disciplinar. Pollock constata que a economia deixa de ser o centro da organização social, dando lugar para a organização e planificação estatal. Em “Estado Autoritário” vemos como Horkheimer recebe claramente a influência de Pollock: O texto avalia as experiências de capitalismo de estado da década de 1930 até o início dos 1940, afirmando que suas formas são necessariamente autoritárias: “*Capitalismo de estado é o estado autoritário do presente*”⁴³. Ao contrário de Pollock que observou uma potencialidade democrática no capitalismo de Estado, Horkheimer ressalta que a dominação não é produzida por quem ou como o Estado é gerido, mas seu fundamento reside em sua lógica racional de funcionamento. Este tema será objeto de “O Fim da Razão” (1942), texto em que esboça uma análise antropológica do conceito de razão no desenvolvimento da civilização ocidental: isto é, Horkheimer observa como a necessidade de autopreservação individual guiou o desenvolvimento da razão até atingir a forma atual que se resume em realizar uma “adaptação otimizada de meios a fins, pensamento como operação de conservar energia”⁴⁴, com a finalidade de preservar a vida individual – o que, em última instância, inclui a organização econômica e política de uma sociedade. No entanto, o diagnóstico de Horkheimer aponta que nas sociedades modernas o “indivíduo tem que exercer violência contra ele mesmo e aprender que a vida do todo é pré-condição necessária da sua própria vida. A razão tem de dominar sentimentos rebeldes e instintos, a inibição da qual presume-se que faz possível a cooperação humana”⁴⁵.

⁴² *Escape from Freedom*, p. 133-4.

⁴³ “The Authoritarian State”, p. 96.

⁴⁴ “End of Reason”, p. 368.

⁴⁵ “End of Reason”, p. 368.

Ambos os textos de 1942 indicam pelo menos três elementos fundamentais para compreender a transição da obra de Horkheimer: primeiro, o abandono do modelo do materialismo dos anos 1930 que operou com a economia política no centro da constelação disciplinar; segundo, a nova direção e a reformulação da crítica, voltada agora para a razão ocidental e os seus desdobramentos; terceiro, a base de um diagnóstico da integração total no mundo administrado. Estes três elementos serão aprofundados em *Eclipse da Razão* e na obra escrita em parceria com Adorno, *Dialética do Esclarecimento*, ambas publicadas em 1947 – obras que compõem o modelo crítico que virá a ser chamado de crítica da razão instrumental.

Mas, se os dois autores protagonistas da teoria do caráter dispensam essa formulação teórica, qual foi, então, nosso interesse em observar a centralidade do conceito de caráter na Teoria Crítica no quadro do materialismo interdisciplinar? Em primeiro lugar, trata-se de dar ênfase para o trabalho teórico de Horkheimer na década de 1930. A teoria do caráter permite observar a antropologia da época burguesa, o conceito que organiza o diagnóstico de época de Horkheimer. Em geral, como nota Abromeit, a literatura sobre Horkheimer fica restrita aos seus ensaios programáticos, em especial “A Presente Situação da Filosofia Social e as Tarefas de um Instituto de Pesquisa Social” e “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, o que negligencia parte das reflexões teóricas de Horkheimer, como o diagnóstico do caráter burguês e o seu papel como um dos protagonistas dos *Estudos sobre Autoridade e Família*. Mas também não é nossa ideia reduzir a importância dos textos programáticos, mas o de colocá-los não apenas num mesmo patamar do que os textos diagnósticos, mas o de colocá-los em uma relação complementar: não há como falar de “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” sem “Egoísmo e Movimento de Libertação” e vice-versa.

Em segundo lugar, é de nosso interesse ressaltar o papel das pesquisas sociais empíricas e da interdisciplinaridade na Teoria Crítica. Olivier Voirol destaca que a Teoria Crítica atual, embora não descarte a pesquisa social, dá mais ênfase para questões normativas – o que se reflete na ênfase dada para a filosofia social e política do que à disciplinas como economia, sociologia ou psicanálise. Para Voirol, o modelo reconstrutivo de Habermas inaugura uma nova relação entre teoria e pesquisa, mas traz consigo algumas dificuldades. Para superá-las, as ciências empíricas poderiam se dedicar mais a observar as

patologias e obstáculos a práticas emancipatórias do que em estabelecer um fundamento normativo. Para isso, Voirol defende que o modelo dialético tal como concebido por Horkheimer pode ser reinterpretado de maneira a dar nova ênfase para a interdisciplinaridade⁴⁶. Nossa pesquisa trata de um momento em que Horkheimer não apenas dá fundamentos teóricos para a interdisciplinaridade, mas também a realiza, reunindo esforços filosóficos, psicológicos, historiográficos e culturais. Observar este movimento de Horkheimer pode ser um primeiro passo, ainda que bastante modesto, para compreender a interdisciplinaridade não somente na década de 1930, mas também nas novas reflexões da Teoria Crítica atual.

Mais do que isso, estamos cientes de que a produção do texto desta pesquisa nos oferece muito mais novas dúvidas do que conclusões. Se, por um lado, pudemos observar a centralidade do conceito de caráter para a pesquisa interdisciplinar de Horkheimer e de Fromm, por outro lado, esta conclusão abre diversas novas lacunas que esta pesquisa não pôde preencher. Esta pesquisa não é um ponto de chegada, mas estabelece um novo ponto de partida, mais sólido, a partir do qual podemos construir novas dúvidas. Listemos aqui alguns questionamentos que, infelizmente, não puderam ser devidamente preenchidos pela pesquisa. Por exemplo, a história do conceito de caráter na própria psicanálise tradicional, desde Otto Weininger e a Karl Abraham, passando, evidentemente, por Freud; a fundamentação teórica do freudo-marxismo, desde em Otto Fenichel e Siegfried Bernfeld, passando por Wilhelm Reich e a sua teoria do caráter; observar mais de perto a apropriação de Fromm e de Horkheimer dos conceitos freudianos; a relação mais estreita de Horkheimer e Fromm, observando não apenas as suas concordâncias, como fizemos nesta pesquisa, mas também suas discordâncias teóricas, desde a época em que eram colaboradores até o rompimento, bem como a relação de ambos com a psicanálise tradicional; qual o futuro da teoria do caráter e da psicanálise na obra de Horkheimer e na Teoria Crítica na década de 1940; verificar a possibilidade de atualização da teoria do caráter, bem como observar a opinião da teoria crítica atual em relação a ela; e, de modo mais abrangente, qual o espaço para a psicanálise na teoria crítica atual.

⁴⁶ Ver VOIROL, Olivier. (2012). “Teoria Crítica e Pesquisa Social: da Dialética à Reconstrução” in: *Revista Novos Estudos* n° 93.

Mas não há demérito algum em reconhecer lacunas e limitações. Essas só puderam ser reconhecidas durante o processo da pesquisa. Se essa pesquisa conseguir ao menos inspirar algumas dúvidas pontuais sobre a história da Teoria Crítica ou sobre a trajetória teórica de Horkheimer já se sentirá bem sucedida.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

FROMM, Erich (1971). "The Method and Function of an Analytic Social Psychology" in:
The Crisis of Psychoanalysis. Greenwich: Fawcett Publications.

_____. (1971). "Psychoanalytic Characterology and its Relevance for Social Psychology" in: *The Crisis of Psychoanalysis*. Greenwich: Fawcett Publications.

HORKHEIMER, Max. (1980). "Egoismus und Freiheitsbewegung: Zur Anthropologie des bürgerlichen Zeitalters" in: *Zeitschrift für Sozialforschung, Jahrgang 5, 1936*. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag.

_____. (1991). *Gesammelte Schriften*. Frankfurt: Fischer.

HORKHEIMER, Max; FROMM, Erich; MARCUSE, Herbert. (2005) *Studien über Autorität und Familie*. Lüneburg: Dietrich zu Klampen.

OUTRAS OBRAS, TEXTOS E TRADUÇÕES DE HORKHEIMER

HORKHEIMER, Max (1983). “Teoria tradicional e teoria crítica”, in: *Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermas* (Coleção *Os Pensadores*). São Paulo: Abril.

_____. (1995). *Between Philosophy and Social Science: Selected Early Writings*. Cambridge: MIT Press.

_____. (1999). “A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Sociais”, in: *Revista Praga* n. 7. São Paulo: Hucitec.

_____. (2003). *Teoría Crítica*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu Editores.

_____. (2005). *Traditionelle und kritische Theorie: Fünf Aufsätze*. Frankfurt: Fischer.

_____. (2007). *A Life in Letters: Selected Correspondance*. Lincoln: University of Nebraska Press.

_____. (2008). *Teoria Crítica I*. São Paulo: Perspectiva.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

ABROMEIT, John (2011). *Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School*. Nova York. Cambridge University Press.

ARATO, Andrew; GEBHARDT, Eike (orgs.) (2005). *The essential Frankfurt School Reader*. Nova York: Continuum.

BENHABIB, Seyla (1986). *Critique, Norm and Utopia: A Study of the Foundations of Critical Theory*. Nova York: Columbia University Press.

BENHABIB, Seyla; BONß, Wolfgang; MCCOLE, John (orgs.) (1993). *On Max Horkheimer: New Perspectives*. Cambridge: MIT Press.

BRONNER, Stephen E.; KELLNER, Douglas (orgs.) (1989). *Critical Theory and Society: A Reader*. Nova York: Routledge.

- DAHMER, Helmut (1983). *Libido y Sociedad: estudios sobre Freud y la izquierda freudiana*. Cidade do México: Siglo XXI.
- DUBIEL, Helmut (1985). *Theory and Politics: Studies in the Development of Critical Theory*. Cambridge: MIT Press.
- FROMM, Erich (1984). *The Working Class in Weimar Germany*. Warwickshire: Berg Publishers.
- _____. (1992). *The Dogma of Christ*. Nova York: Henry Holt and Company.
- _____. (1994). *Escape from Freedom*. Nova York: Henry Holt and Company.
- FUNK, Rainer (1999). *Erich Fromm: El Amor a la Vida. Una Biografía Ilustrada*. Barcelona: Paidós.
- HABERMAS, Jürgen (1984). *Theory of Communicative Action, vol.1: Reason and Rationalization of Society*. Boston: Beacon Press.
- _____. (1986). “Drei Thesen zur Wirkungsgeschichte der Frankfurter Schule”, in: Honneth, A.; Wellmer, A. (orgs.), *Die Frankfurter Schule und die Folgen*. Berlin: de Gruyter.
- HELD, David (1980). *Introduction to Critical Theory: Horkheimer to Habermas*. Berkeley: University of California Press.
- HONNETH, Axel (1991). *Critique of Power: Reflective Stages in a Critical Social Theory*. Cambridge: MIT Press.
- _____. (1996). “Teoria Crítica”, in: Giddens, Anthony; Turner, Jonathan (orgs.) *Teoria social hoje*. São Paulo: Editora Unesp.
- JAY, Martin (1984). *Marxism and Totality: The Adventures of a Concept from Lukács to Habermas*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- _____. (2008). *A Imaginação Dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais 1923-1950*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- KELLNER, Douglas (1989). *Critical Theory, Marxism and Modernity*. Baltimore: The John Hopkins University Press.

- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand (2004). *Diccionario de Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.
- MARIN, Inara (2004). “Psicanálise e Emancipação na Teoria Crítica” in: Nobre, M. (org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas: Papirus Editora
- MARCUSE, Herbert (2008). *A Study on Authority*. London: Verso.
- MEZAN, Renato (2001). *Freud: A Trama dos Conceitos*. São Paulo: Perspectiva
- NOBRE, Marcos (2004). *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (org.) (2008). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas: Papirus Editora.
- NOBRE, Marcos; MARIN, Inara (2012). “Uma nova antropologia. Unidade crítica e arranjo interdisciplinar na Dialética do esclarecimento”, in: *Cadernos de Filosofia Alemã*, nº20, pp. 102-122.
- POSTONE, Moishe (1993). *Time, Labor, and Social Domination: A reinterpretation of Marx's critical theory*. Nova York: Cambridge University Press.
- ROUANET, Sergio Paulo (1986). *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- SCHMIDT, Alfred; ALTWICKER, Norbert (orgs.) (1986). *Max Horkheimer heute: Werk und Wirkung*. Frankfurt: Fischer.
- VOIROL, Olivier. (2012). “Teoria Crítica e Pesquisa Social: da Dialética à Reconstrução” in: *Revista Novos Estudos* nº 93.
- WEBER, Max (2011). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Cia. das Letras.
- WIGGERSHAUS, Rolf (2002). *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Difel.